

MARIA PAULA MONTEIRO SILVEIRA BUENO PERRONE

**Complexo: conceito fundante na construção da psicologia
de Carl Gustav Jung**

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo para obtenção do
título de doutor em psicologia

Área de concentração: Psicologia Social
Orientador: Prof. Dra. Sylvia Leser de Mello

São Paulo

2008

Folha de aprovação

Maria Paula Monteiro Silveira Bueno Perrone

Complexo: conceito fundante na construção da psicologia de Carl Gustav Jung

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo para obtenção do título de
doutor em psicologia

Área de concentração: Psicologia Social

Aprovada em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

para meu pai e minha mãe

Agradecimentos

Algumas pessoas contribuíram para a realização e enriquecimento deste estudo. Sylvia Leser de Mello, minha orientadora, me cercou de fé e delicadeza. Com abertura e extremo respeito me fez saber, mais que nunca, como a liberdade e a atenção ensinam. Leitora generosa, foi um farol nos momentos de cerração. Roberto Gambini me nutriu com idéias, esclarecimentos, livros, discussões. Na fase da qualificação Durval de Faria leu junguianamente todo o esboço, fez importantes delimitações, trouxe idéias norteadoras; Henriette Morato discutiu o recorte e colaborou com sugestões para o desenvolvimento do trabalho. Áurea Roitman discutiu a primeira fase da pesquisa, fez leituras, esteve sempre presente; nossas discussões permearam minha reflexão e me ensinaram a mergulhar na dimensão poética da clínica. Glauco Ulson e Sylvio Toledo deram o aval à pesquisa inicial com comentários preciosos que abriram um panorama amplo e profundo. Uma palavra especial devo a Amnérís Maroni junto a quem, durante nossos preciosos estudos, nasceram a idéia do trabalho e seus primeiros delineamentos; compartilhamos também o entusiasmo de buscar precisão no conhecimento da psicologia profunda. Com os amigos do grupo de estudos dos *Seminários* de Jung Ângela Nacacio, Paulo Corazza, Carmem Márquez, Sandra Mendel, Gilberto Labate, Durval de Faria, Áurea Roitman, João Bezinelli, Renata Horschutz e Sonia Labate divido o exercício de estudar com alegria e rever a psicologia analítica. João Bezinelli me emprestou livros. Padre Ivo leu uma parte, fez alertas quanto ao rumo, me auxiliou na definição do recorte.

Fernando Perrone compartilhou comigo o impossível, iluminou as questões e necessidades do ser em sua essencialidade; apesar de minhas omissões permaneceu confiante para além do limite humano; nossa jornada, ao longo da pesquisa, me trouxe densidade e enriquecimento. O olhar de minha mãe me aponta o divisor do que é verdadeiramente importante. Jô foi, como sempre, um apoio infalível. Cláudio me acompanhou em muitos momentos, me reconduziu ao foco e colaborou em outras áreas, o que permitiu me voltar para o trabalho. Conteí também com seu apoio teórico, “técnico”, suas leituras e sugestões de textos e, inestimavelmente, com sua colaboração na etapa de finalização do trabalho. Filipe e João mais uma vez foram extremamente pacientes diante de minha indisponibilidade prolongada e sobretudo estiveram presentes com aposta e amor.

A todos, agradeço profundamente.

Resumo

A pesquisa investiga a história do conceito de complexo na obra de Carl Gustav Jung desde seu nascimento nos primeiros anos do século XX. Acompanha as etapas do trabalho experimental com o teste de associação de palavras adaptado por Jung no hospital psiquiátrico Burghölzli e a produção correspondente da escola de Zurique, notadamente os artigos que compõem os Estudos diagnósticos de associações, além de alguns outros estudos anteriores e posteriores. Então o estudo se volta para o desenvolvimento da noção de complexo no interior da teoria junguiana com ênfase nas principais alterações ocorridas; foram focados os seguintes marcos: de 1912, de 1919, de 1921 e de 1928. São abordados o perspectivismo e a complexidade como características epistemológicas do pensamento de Jung que não se compatibiliza com o paradigma da ciência moderna. No final são feitas reflexões teóricas e clínicas acerca do trabalho com os complexos, fenômeno psíquico universal.

Abstract

The present research investigates the history of the concept of complex in Carl Gustav Jung's work, since its birth in the first years of the twentieth century. It follows the steps of the experimental work with the words association test adapted by Jung in Burghölzli psychiatric hospital, and the related production from the school of Zurich, remarkably the articles that make up the Diagnostic Studies of Association, besides some other previous and later studies. The study then turns to the development of the notion of complex within Jung's theory, emphasizing the main changes; we focused on the hallmarks of 1912, 1919, 1921 and 1928. Perpectivism and complexity were approached as epistemological characteristics of Jung's thought that are not compatible with the paradigm of modern science. Finally we introduce clinical and theoretical reflections about the work with complexes, universal psychic phenomena.

Sumário

Introdução	09
Capítulo 1 O panorama da ciência e das artes na passagem do século XIX para o XX	18
O surgimento da psicologia	19
A participação de Jung nos debates da sociedade Zofíngia	23
Capítulo 2 Primeiras pesquisas	30
A entrada no Burghölzli	30
Fenômenos ocultos	31
Outros estudos	34
Capítulo 3 O primeiro método junguiano e a noção de complexo	36
O experimento de associação	36
O desenvolvimento do trabalho experimental	38
Complexo, memória e reprodução	46
Complexo de tonalidade afetiva e a <i>dementia praecox</i> – o texto de 1907	50
Capítulo 4 Etapa avançada das pesquisas experimentais	59
Experiências psicofísicas	59
“A constelação familiar”	61
Capítulo 5 Sínteses posteriores à fase dos experimentos	63
“O método das associações”	63
O texto de 1911: complexo é assunto pessoal	64
Capítulo 6 O desenvolvimento do conceito de complexo no interior da teoria junguiana	69
<i>Metamorfoses e símbolos da libido</i> (1912)	71
Da imagem primordial ao núcleo (1919)	73
Atitudes e funções: os tipos psicológicos (1921)	77
A energia psíquica (1928)	80
Capítulo 7 A teoria dos complexos	86
O texto de 34	86
O complexo afetivo	87
Processo de assimilação	88

Constelação : na terra e no céu	89
Equação pessoal	92
Autonomia, compulsividade	94
Complexo e trauma	97
Tumor ou fragmento vital?	99
Outras considerações teóricas	100
Origem, composição e dinâmica:	
um fragmento imantado em expansão	100
O eu e o complexo	106
Projeção e alteridade: grandezas incompatíveis	108
Capítulo 8 Complexidade e psicologia complexa	114
Perspectivismo, subjetividade e complexidade	114
A noção de complexo e sua incompatibilidade	
com o paradigma da ciência moderna	119
A síntese das ciências naufraga com o nazismo	122
Capítulo 9 Reflexões acerca do trabalho com complexos	127
O complexo quer viver	127
Os complexos e o sonho	130
O “parceiro humano” e o processo de cura	130
A relação com o desconhecido	134
Integração do complexo e processo de individuação	138
Considerações finais	145
Referências bibliográficas	149

Introdução

... um segundo sistema psíquico concomitante à consciência – independentemente das qualidades que venhamos a lhe atribuir – é de uma significação absolutamente revolucionária na medida em que poderá alterar radicalmente nossa visão do mundo. Se as percepções que têm lugar neste segundo sistema psíquico pudessem ser transferidas para a consciência do eu, teríamos a possibilidade de ampliar enormemente nossa visão de mundo.

C. G. Jung

A partir de 1929, bem como ao longo da década de trinta e em momentos posteriores Jung rebatiza sua psicologia, conhecida por psicologia analítica, de “psicologia complexa”. Não o faz numa simples alusão aos complexos, concebidos por ele como as partes constituintes da psique, “a via régia para o inconsciente”, mas assim situa sua elaboração teórica. Jung entende que uma psicologia deva ser complexa como a psique o é. Nesse plano os *complexos de tonalidade afetiva*, com sua natureza inconsciente e fenomenologia extremamente diversificada e densa, colocam a idéia fundante da multiplicidade da psique e atestam a importância da mente inconsciente.

O conceito de complexo é de primordial importância não só para o trabalho clínico mas por abrir uma possibilidade de compreensão do homem que enfatiza a importância da psique na base de toda situação, ação ou expressão humana. Por isso a presença determinante dos complexos permeia e se imprime em todos os níveis da vida do homem como no da produção de conhecimento ou da criação artística, da religiosidade, dos processos coletivos, das mais diferentes formas de relação que estabelece consigo mesmo, com o outro, com o mundo. Em suas infinitas combinações os complexos são os construtores da subjetividade ou seus elementos estruturantes.

Jung dá ênfase à psicologia como única disciplina capaz de apreender o fator subjetivo presente na base das outras ciências. Com isso, delineia uma ciência psicológica que difere da ciência moderna, concebida como um conjunto de idéias claras e distintas que dão conta do conhecimento do homem e da natureza por meio de um molde racional. Essa incompatibilidade já aparece nos seus primeiros trabalhos, quando ainda é estudante de medicina e faz as primeiras comunicações de suas reflexões, em palestras na irmandade Zofíngia.

Sua obra se distribui em duas vertentes principais: a das três grandes formulações teóricas que são a teoria dos *complexos*, os *tipos psicológicos* e os *arquétipos do inconsciente coletivo*, de um lado, e um questionamento incessante das “condições de possibilidade da psicologia”, de outro. O assentamento da noção de complexo como “célula

psíquica” e seu posicionamento na concepção de psique são melhor precisados nesses dois momentos-chave posteriores à sua elaboração, os dois grandes marcos de expansão da teoria, em 1912 e em 1919. Há autores que consideram *o processo de individuação* como sendo, em si, a quarta formulação da teoria junguiana enquanto outros a inserem no desdobramento de seu pensamento. A teoria da energia psíquica, de 1928, embora importante instrumento da reflexão junguiana, não se alinha no mesmo nível das anteriores. A obra tardia de Jung, seus escritos sobre alquimia e religião, não são abordados nesta pesquisa.

Jung adaptou o teste de associação de palavras e criou, notadamente, o método de associações, o método de análise dos sonhos e o da imaginação ativa, considerados seus três métodos mais importantes. Produziu outros, como o da amplificação e o hermenêutico-progressivo e sintético-construtivo, como modo de penetrar e desenvolver o conhecimento da psique. O primeiro, útero que gestou o conceito de *complexo de tonalidade afetiva*, é aqui apresentado. O segundo, embora presentes no trabalho clínico com os complexos, instrumentos úteis ao aprofundamento ou conhecimento da vida interior, não foram objetos deste estudo enquanto métodos e, portanto, foram desenvolvidos. O motivo dessas abstenções é de necessidade de recorte e de delimitação da pesquisa. Os métodos desenvolvidos por Jung, voltados para o conhecimento e a interpretação dos fenômenos psíquicos, têm como principal objetivo produzir consciência e sua meta é a individuação.

Nascidas na psiquiatria, as concepções de Jung se voltam para a cultura como um todo, com ênfase em muitos campos como o da filosofia, mitologia, biologia, física, medicina, educação, antropologia, história, história das religiões, alquimia. Formaram uma disciplina distinta da psicologia justamente porque ele procurou responder questões e debates importantes não só da psicologia, mas de muitas áreas. Para além do plano da análise, Jung estende sua reflexão a uma gama variada de temas, àqueles que o desenvolvimento histórico desde os anos finais do século XX e primeiros 60 anos do século XX investiram de questões tipicamente humanas.

Às vezes Jung usa termos que geram confusão conceitual seja porque depois foram por ele repropostos, porque em si são complexos, às vezes paradoxais, mas especialmente pela variação de enfoque em função do contexto, pois alguns se prestam a aplicações múltiplas. Seus conceitos se destinavam à reflexão e discussão de temas importantes de várias áreas do conhecimento, ele os disponibilizou para uma multiplicidade de aplicações. Há motivos múltiplos que guardam variações em cada caso. Nesse aspecto o que se observa

em seu legado é uma hierarquia que promove a fluidez das noções em nome da abertura a novos significados, em detrimento de um esquema conceitual de aplicação rígida. É como se a compreensão de um conceito possa se aprofundar à medida que ele se expande a novas aplicações. Por seu meio, as noções junguianas colocam restrições ou permitem alargamentos aqui e acolá, desde que uma dessas não ortodoxias se apresente como útil e sem que tal plasticidade teórica diminua o rigor das concepções que o geraram ou a agudeza da utilização de cada um. Jung se preocupa em participar da busca de soluções para as questões importantes do homem contemporâneo e não em criar um sistema conceitual fechado, principalmente no que se refere à psique.

Pela ausência de pré-conceitos presente em seu pensamento, o leque aberto por ele, assim como o mergulho profundo e original de sua reflexão nem sempre chegaram a ser bem conhecidos ou entendidos. Do ponto de vista de sua produção Jung é fruto do seu tempo e, ao mesmo tempo, um fruto novo e original que não conhece barreiras aprioristicamente determinadas. Se é possível enxergar por determinada lente com a qual lhe parece poder ver mais longe, ele a utiliza sem pudor, em nome de um compromisso maior com o esforço de criar canais de consciência que possam conduzir à cura dos males dos homens de seu tempo.

Para acompanhar seu pensamento é preciso penetrar sua extensa obra, conhecer os debates em que ele estava envolvido, seus focos de interesse, procurar identificar os interlocutores a quem se dirigia, vislumbrar as condições do momento pessoal e coletivo em que cada etapa foi produzida. Isto não pode ser dispensado no caso deste autor, como no de muitos outros, pois é preciso considerar não só os ousados desbravamentos no âmbito da concepção do conhecimento, as crises profundas e profícuas, os fortes questionamentos que enfrentou às suas proposições, os períodos de consagração, de plenitude e outros que só a reflexão atenta e aguda pode captar. Tudo isso em meio às guerras mundiais e à barbárie do fascismo e sua forma talvez mais terrível, o nazismo. Este último fator, em algum grau, marcou a produção dos pensadores europeus da primeira metade do século XX sem exceção. A produção de Jung permaneceu no eixo da psicologia do inconsciente, individual e coletivo, e de seus ecos na cultura. Devido a isso, seu posicionamento político foi por vezes mal interpretado e suas reais ligações com esse plano permanecem até hoje pouco conhecidas. Esta discussão é apenas apontada pela pesquisa que se volta para os recursos teóricos e práticos em torno da noção de complexo.

Os dados mencionados sobre o autor certamente são conhecidos do leitor que chegou até aqui. São retomados por poderem ser úteis aos psicoterapeutas principiantes na psicologia analítica, para servirem de leito sobre o qual repousar ou ao menos situar o mundo dos complexos, por si vasto, contraditório, prolixo, divergente, paradoxal. Na obra junguiana o complexo é considerado noção nuclear da reflexão psicológica. Com eles adentraremos juntos o terreno das cisões e das integrações, das incompletudes e dos transbordamentos, das deficiências e das excelências, dos vazios e do colorido da alma, de nossa miséria e de nossa preciosidade, da impotência e da potência, do mais grosseiro e do mais refinado em nós, do mais comum e do mais fugidio dos fenômenos. Iremos em busca daquilo que possa servir de cola para as rachaduras, de alívio para as feridas, de movimento para o que estancou, de sol para a umidade dos porões, da possibilidade da reinvenção de caminhos. Isso requer a mãe, o pai, o analista, o amigo, o irmão, sobretudo dentro de cada um. De certo modo trataremos de todos nós, aqui, percorrendo o caminho feito por Jung como preparação para uma importante viagem que não finda, a da permanente busca por nós mesmos para podermos, nas palavras de Jung, ser quem somos.

Fruto de seus estudos iniciais depois de formado em medicina - excetuando a redação de sua monografia, que é anterior - datados dos primeiros anos do século XX, a partir do trabalho que desenvolveu com o experimento de associação, que o levou à formulação de um método de investigação da psique inconsciente, o conceito de complexo ocupa uma posição fundante e fundamental na psicologia profunda e no pensamento de Jung, tanto no nível prático como no teórico. Num primeiro plano, o presente estudo trata da estruturação dessa teoria; retoma a história do conceito desde sua primeira elaboração e um dos propósitos de fazê-lo é reafirmar a importância da conceituação básica da psicologia junguiana. A proposta não é de apenas repetir o que já é tão conhecido mas de retomar suas formulações na tentativa de mais uma vez penetrar as significações originais e colaborar para um possível desdobramento de seus sentidos, exigência das necessidades dos tempos atuais em que a subjetividade encontra desafios cada vez maiores.

A escolha do tema se deveu à imensa importância do complexo na psique humana: tanto na vida de todos como na clínica analítica em particular, à necessidade de que sejam encontrados sempre mais recursos teóricos e clínicos que possam enriquecer a abordagem dos complexos. Nada de totalmente novo será trazido, senão no plano de tentativas de sínteses e de incursões pelos caminhos do raciocínio clínico. O elemento inspirador é o Ser, a vida, que justifica buscar atalhos para vencer o sofrimento, o que aqui é proposto por

meio da retomada de antigos caminhos em busca de aprofundamento que possa trazer o vislumbre de novas possibilidades. Verdadeiros enclaves do psiquismo, os complexos são desafios a serem conhecidos e encarados. O trabalho interno voltado a eles pode ser considerado como o ponto de partida e de chegada do desenvolvimento da personalidade e a conquista do desafio que essa tarefa representa. A disposição individual para enfrentá-la cada vez com mais naturalidade é como o ouro da alquimia. Eles são o alvo do trabalho em prol do crescimento psíquico; por isso, aprender a lidar com eles tem se mostrado via obrigatória da busca de saída dos labirintos em que a subjetividade pode se desorientar.

Neste estudo o complexo e as questões por ele suscitadas são tratados como instrumentos de trabalho. É nesse sentido que nele a teoria é valorizada: enquanto sistematização de uma complexa fenomenologia que tem por finalidade o reconhecimento de questões comuns de difícil abordagem. A teoria, vista desse modo, é praticamente a tentativa de abraçar e conter aquilo que nos escapa. Ela organiza o universo paradoxal da fragilidade humana diante do novo e da inércia frente aos automatismos instalados.

Na perspectiva apresentada, é assentada uma espécie de genealogia do conceito e então sua síntese teórica; por último são propostas algumas questões do trabalho analítico com o foco na riqueza e dificuldade que os complexos apresentam. Tal discussão aparece no final, em que são iniciadas reflexões a partir de pontos importantes da teoria e da prática em meio a tantas indagações e possibilidades abertas pelo objeto desta investigação.

O estudo foi elaborado numa via de mão dupla. Focado na teoria dos complexos, não deixa de ser uma pesquisa, até certo ponto, de natureza teórica. No entanto, como trata de uma teoria edificada sobre o mais corriqueiro retrato da fenomenologia psíquica, a pesquisa parte de uma reflexão inspirada e desenvolvida no trabalho clínico. Por isso reúne impasses, perplexidades, atalhos encontrados, perguntas não respondidas, inconclusões, que o atendimento clínico costuma fazer germinar. Pretende estabelecer diálogos, se abre para ser reformulada como pede o percurso de um analista; nesse sentido é uma pesquisa aberta. Apresenta então o enlace entre uma experiência e uma teoria que se iluminam reciprocamente.

Os analistas junguianos não costumam discutir as dificuldades encontradas em seu exercício profissional, apenas as facilidades. Provavelmente inspirados e maravilhados com a abertura e beleza dos textos de Jung geralmente divulgam seus sucessos clínicos mas a menor parte compartilha os impasses com os quais inevitavelmente todos se deparam. Pelas

dificuldades que encerra, por ser um verdadeiro nó, o complexo é um desafio constante. Por isso, é um convite à dúvida, à troca, à discussão.

Os complexos constituem-se num tema presente em praticamente toda a literatura junguiana uma vez que, nesta perspectiva, são as *unidades estruturais da psique*. É praticamente impossível apresentar uma situação empírica, articular um raciocínio ou aprofundar uma reflexão orientada pela psicologia analítica sem abordá-los; o trabalho prático, seja qual for, a clínica, a pesquisa, a discussão da cultura, da ciência, da arte, se não passam por eles, de algum modo os envolvem.

Embora muito freqüentemente se refira ao complexo Jung não chega a refinar os textos específicos a esse respeito ou a desenvolver as possibilidades teóricas de modo compatível à posição que a noção ocupa em seu pensamento, mesmo com as reformulações feitas no importante estudo de 1934. Com isso, a teoria dos complexos carece de sistematização através de mais formulações, de maior clareza, o que se observa pela apresentação incompleta de sua fenomenologia e do intrincado campo de implicações psíquicas de que essa teoria é como um vértice. Mesmo assim o que edificou bastou para que o conceito, ponto de partida para o pesquisador da psique nesta perspectiva, seja utilizado extensamente e possa receber tratamentos dos mais simples aos mais refinados. Isso vai desde a criação de novas elaborações no plano prático como no teórico, no interior do sistema junguiano como em relação a outros.

Em 1912, três anos depois de sua saída do Burghölzli Mental Hospital, da Universidade de Zurique, Jung começa a desenvolver outro esteio de seu pensamento, a teoria da libido, que só conclui em 1928. Esse período foi de formulação das outras duas principais teorias da psicologia complexa: a dos tipos psicológicos e a dos arquétipos do inconsciente coletivo. As importantes reformulações trazidas por elas enriqueceram a teoria dos complexos, que se redefiniu com a dos arquétipos do inconsciente coletivo e encontrou maior sustentação na teoria da libido. A dos arquétipos alterou-a pela introdução do núcleo do complexo e a aprofundou enquanto constituição psíquica, alçando o inconsciente para o plano coletivo. A da energia psíquica trouxe precisão a uma compreensão já existente que, até então, contava com um contorno conceitual ainda pouco articulado às outras dimensões da teoria junguiana no que se refere ao mecanismo energético. Mesmo considerando esses e outros desenvolvimentos posteriores da psicologia analítica, como a teorização do processo de individuação - em si bastante referenciada à teoria dos

complexos - ela não só cumpre o papel de ponto de partida como resiste ao desenvolvimento do pensamento de seu criador.

O capítulo 1 situa o momento em que Jung começa sua vida profissional, a passagem para o século XX, e coloca alguns debates da ciência no que se refere à psicologia, nos seus primeiros tempos. Nele aparece também a posição de Jung em relação à ciência dominante, expressa em suas palestras na Sociedade Zofíngia, durante o curso de medicina. Por último é apontado o ambiente de efervescência da passagem do século no campo das artes e das ciências naturais.

O capítulo 2 trata da primeira fase do trabalho de Jung na clínica psiquiátrica do hospital universitário de Zurique. Aborda as pesquisas anteriores ou simultâneas às que envolvem experiências de associação, nas quais o procedimento experimental não está presente. Traz uma notícia dos trabalhos psiquiátricos baseados na clínica e na literatura psiquiátrica. Deles faz parte a dissertação de 1902, realizada com base em material empírico anteriormente coletado. São estudos de base empírica mas não experimentais; neles, portanto, a noção de complexo ainda não aparece conforme Jung a cunhou a partir das pesquisas com associação.

O capítulo 3 se refere ao experimento de associação. Reúne momentos da pesquisa experimental de Jung que aparece registrada principalmente nos volumes II e parte do III das *Collected Works*, em cuja formatação foi preparada a edição em português das *Obras completas*. Aborda o desenvolvimento do primeiro método junguiano: o método de associação, formulado a partir do teste de associação de palavras adaptado por ele e a equipe do hospital envolvida na pesquisa. Assim como os outros dois métodos desenvolvidos por ele, a análise dos sonhos e a imaginação ativa, o teste de associações é o caminho que encontra, num momento inicial de seu percurso, para abordar “a face obscura da mente humana”.¹ A finalidade do capítulo foi de trazer dados que possam referenciar as etapas mais importantes e, com isso, o caminho de pesquisa utilizado, o tipo de tratamento dos dados obtidos e seu grau de aprofundamento. Não existe, portanto, a pretensão de abranger o assunto todo, mas de traçar seu contorno a partir de pontos marcantes, de dimensioná-lo qualitativamente.

Teria sido interessante contemplar a ordem das descobertas, acompanhar todas as pesquisas, passo a passo. Isto não foi feito de modo sistemático devido ao inevitável descompasso entre as etapas das descobertas experimentais, a ordenação da elaboração dos

¹ C. G. Jung. OC XVIII/1, § 97.

artigos e ensaios, principalmente, mas não só, considerando a duração variável da experimentação em cada caso e a seqüência de publicação dos trabalhos. Em 1905, por exemplo, foram publicados vários artigos - a maior parte consta do volume *Estudos experimentais* - e neles são registradas muitas variações nas pesquisas sem que fique clara a precedência das descobertas que, muitas vezes, não é suficientemente referenciada pela data da primeira publicação ou da primeira apresentação, no caso de palestras, quando isso está indicado. Este estudo não tem como enfoque fazer um inventário do trabalho experimental de Jung mas, acima de tudo, abraçar e compreender a extensão e magnitude da pesquisa coordenada por ele no Burghölzli, a clínica psiquiátrica da Universidade de Zurique, produção que deu origem ao grupo de Zurique.

Os registros da pesquisa experimental muitas vezes diversificam a ênfase num ou noutro aspecto em função das muitas variáveis mencionadas. Por esta razão e por não ser necessariamente de interesse direto para a compreensão do conceito de complexo, mas dizer respeito aos procedimentos experimentais em si, o estudo passa ao largo dessas nuances, indicando apenas as referências mais relevantes. Com tais limitações, no entanto, a tentativa é que o capítulo recomponha a descoberta e a construção da noção de complexo por meio da evolução do pensamento junguiano na primeira parte da obra do autor. A proposta é apresentá-lo num esboço por meio de pinceladas que nos conduzam a acompanhar os marcos fundamentais da realização do projeto experimental de Jung. Ele foi se desenhando à medida que avançava e nele conceito e método estão profundamente implicados. Desse capítulo consta o primeiro estudo-síntese a respeito do *complexo de tonalidade afetiva*, que pertence ao ensaio relativo à *dementia praecox*: “O complexo de tonalidade afetiva e seus efeitos gerais sobre a psique”² (1907)

O capítulo 4 trata de pesquisas experimentais tardias, inseridas na fase final contexto descrito, que datam dos últimos tempos de Jung no hospital. Estes dois capítulos são voltados para a pesquisa experimental realizada no hospital universitário, no período em que Jung esteve à frente desses trabalhos, o capítulo visa quase a compor uma espécie de roteiro da primeira etapa de seu trabalho, que praticamente coincide com a primeira década do século XX, período em que edificou as bases do pensamento que continuaria a desenvolver. Com vistas a historiar a genealogia da noção de complexo, traz uma notícia do conteúdo e método de cada pesquisa. Para tanto, são indicados certos marcos da investigação que desenvolveu e o levou à descoberta dos complexos, através de momentos marcantes de sistematização do

² OC III

conceito. Visa também a trazer o colorido da primeira etapa da vida profissional de Jung, os quase nove anos de trabalho no hospital - dezembro de 1900 a meados de 1909. A partir de 1905 também leciona na universidade de Zurique e, a partir de 1908, atende em seu consultório particular. Nesse ano passou a ter sua casa; até então, morava com a família nas dependências do hospital.

O capítulo 5 aborda algumas raciocínios-síntese do trabalho experimental ou voltado às questões em torno da edificação da noção de complexo, não só de Jung. Dele faz parte o segundo texto de Jung dedicado à teoria dos complexos, de 1911. “Exposição sumária da teoria dos complexos”.³

O capítulo 6 acompanha o desenvolvimento do conceito com as reformulações acontecidas na teoria de Jung e enfoca seus efeitos na noção de complexo, apontando as principais alterações: em 1912, 1919, 1921 e 1928.

O capítulo 7 coloca a teoria dos complexos. Primeiro por meio das conquistas teóricas até 1934, data do ensaio “Considerações gerais sobre a teoria dos complexos”.⁴ Escrito na fase madura da obra, extrapola o contexto do trabalho experimental, não pertence a essa etapa; antes, é fruto da síntese dela e de muito do que a seguiu nos planos clínico, de pesquisa teórica e de reflexão a respeito da psicologia e até de outras áreas. Jung o caracterizou como um “quadro inacabado”, provavelmente devido à brevidade da sistematização que contém, aquém do que a amplitude e abrangência do assunto pedem. Depois são apresentados novos elementos teóricos pós 34, por meio da contribuição dos autores clássicos e de alguns contemporâneos.

O capítulo 8 trata do paradigma de ciência proposto por Jung e procura caracterizá-lo, apresentando sua maior contraposição, o da ciência moderna. Também aborda a questão da complexidade na obra junguiana. Apresenta a controvertida questão da posição de Jung no panorama político do nazismo, sem aprofundar.

No *capítulo 9* são feitas considerações e reflexões relativas ao trabalho com os complexos.

³ OC II

⁴ OC VIII/2

Capítulo 1 O Panorama da ciência e das artes na passagem do século XIX para o XX

A travessia da etapa universitária para a da vida profissional de Jung coincide com a passagem do século XIX para o XX, momento em que o pensamento da cultura de língua alemã era dominado na ciência pelo positivismo e, na filosofia, pelo romantismo. O panorama científico impunha As normas da pesquisa das ciências exatas se impunham às leis gerais da natureza. Nesta perspectiva, era necessária a comprovação empírica da experiência para a validação das novas teorias que revolucionavam o mundo intelectual da época. Os desenvolvimentos no campo da antropologia, da etnologia e de outras ciências humanas são tributários dessa positividade adquirida das ciências exatas que se expandiu para outros campos do conhecimento como o das artes.

Ao mesmo tempo acontecem vários fenômenos impactantes para a história das artes futuras. Em 1913 Stravinsky apresenta em Paris o *ballet Sagração da primavera*⁵, com cenários de Pablo Picasso (1881-1973), figurinos de Marc Chagall (1887-1985), coreografia de Sergei Diaghilev (1872-1929) e participação do bailarino Vaslav Nijinsky (1890-1950). Em 1907 Walter Gropius (1883-1955) ergue a fábrica de sapatos Fagus, obra marcante para os princípios da arquitetura moderna. Thomas Mann (1875-1955) termina seu *Buddenbrook*. Picasso dá início à melancólica ‘fase azul’ e prepara o surgimento do cubismo (1907). As paisagens de Paul Cézanne (1839-1906) passam a ser conhecidas. A Europa vê as cores suaves de Henri-Émile Benoît Matisse (1869-1954), Fernand Léger (1881-1955) produz sua arte engajada, Gustav Mahler (1860-1911) reescreve a primeira sinfonia. Surge o cinema.

Na física alguns estudiosos se voltam para a descrição estatística das leis naturais: aparecem, em 1902, os estudos de J. W. Gibbs *Princípios elementares na mecânica estatística* e o trabalho de Ludwig Boltzmann na mesma área. Max Planck (1858-1947) e um grupo de cientistas de Copenhague desenvolve pesquisas no mundo sub-microscópico que extrapolam o alcance do determinismo científico da ciência clássica: a física quântica. A hipótese do quantum elementar de ação, proposta por Planck em 1900 e suas investigações sobre a irradiação do corpo negro tornarão possível a formulação de Bohr, em 1913, da teoria atômica, que abre o caminho aos progressos da moderna física nuclear e se aplica à ótica de Einstein (1879-1955). O debate aberto pela experiência de Michelson e

⁵ O espetáculo é vaiado pelo público que, numa grande comoção, atira sapatos no palco.

Morley em 1887, sobre o movimento da Terra através do éter, leva Einstein a enunciar, em 1905, a interferência do observador no fenômeno observado e apresenta a teoria da relatividade; com ela a síntese apriorística do espaço homogêneo e isotrópico ganha novos contornos.

Em 1900, em Viena, Freud publica *A interpretação dos sonhos*. Nietzsche, que tinha declarado a morte de Deus, morre em Weimar e em Munique von Hartmann termina a última versão de sua obra *A filosofia do inconsciente*. Henri Bergson⁶ (1859-1941) é nomeado professor do Collège de France. Em 1904 é publicado *Psicopatologia da vida cotidiana*, de Freud, assim como as primeiras contribuições de Jung para os estudos diagnósticos com associação de palavras.

A respeito do avanço na física e na psicologia C. Meier (1990), que também pesquisou a relação entre o átomo e o arquétipo, diz:

No campo da psicologia, neste mesmo período, os dois *outsiders* Freud e Jung estavam engajados numa séria análise dos distúrbios da normalidade (isto é, das descontinuidades) e assim fazendo eles enriqueceram a “descrição da natureza” com nada menos que uma nova dimensão – o que foi um grande choque para a raça humana. Como Fierz chama a atenção de modo pertinente a teoria da relatividade e a teoria quântica eram um tópico universal de conversação contemporaneamente à psicanálise. Um paralelismo a tal ponto impressionante na história intelectual mal pode ser avaliado. Isto me remete à citação de Goethe “o gênio do século”, que encoraja o desenvolvimento do indivíduo.

A passagem do século envolve um período de alguns anos que pode ser considerado como um momento cairótico, tempo qualificado que prenuncia o novo e traz em si algum tipo de ruptura ou de acontecência. Enquanto acontecem descobertas significativas na história das ciências naturais nasce a psicanálise, que inaugura uma nova dimensão, um significativo avanço na história do conhecimento.

O surgimento da psicologia

Como a característica da ciência natural é a experimentação, também a psicologia, para ser reconhecida como ciência, baseia-se nos métodos experimentais. Os primeiros laboratórios de experimentação psicológica surgem em torno do ano do nascimento de

⁶ Bergson será professor de Proust na Sorbonne e em 1928 é escolhido como Prêmio Nobel pela sua obra na qual se destaca a teoria sobre o tempo e o movimento. Nela, desenvolve o tema da memória, em que considera necessariamente o inconsciente e que inspirará a concepção de memória de Proust.

Jung, no último quarto do séc. XIX – William James⁷ em Harvard (1874) e Wilhelm Wundt em Leipzig (1879). Este, que se institucionaliza através de publicações e treinamentos, considerado centro gerador da psicologia moderna, adota o modelo de experimentação da fisiologia, o que faz com que Wundt se dê a conhecer como criador da psicologia fisiológica. Wundt acredita que a exatidão em psicologia só pode ser alcançada através da experimentação, já que a simples observação não se aplica a objetos impermanentes como os processos psíquicos, apenas à etnopsicologia, que abrange os produtos mentais coletivos. Ele busca encontrar explicações objetivas para fenômenos subjetivos individuais por meio dos métodos da experimentação astronômica. A pesquisa da escola de Wundt está reunida nos *Philosophical Studies*, composto por 20 volumes publicados entre 1881 e 1902. Nessa obra se encontram os mais variados artigos de pesquisadores experimentalistas de diversas áreas do conhecimento, como de Gustav Fechner, físico, o primeiro a abordar uma dimensão psíquica por meio de técnicas de mensuração da ciência natural. Wundt, na psicologia experimental, faz a primeira tentativa de penetrar na realidade da psique pelo uso de mensuração científica quantitativa⁸. Tem o mérito de encorajar novas investigações experimentais na psique que, em contrapartida, levaram à substituição de estímulos físicos por psíquicos e é nesse ponto que o verdadeiro experimento psicológico começa.

Por volta do final do século XIX, a questão do lugar do homem na ordem da natureza era da maior importância. (...) As questões relacionadas à natureza da herança genética, memória, instintos, vida e energia eram tópicos cruciais nas ciências do corpo – a biologia, a etnologia, a fisiologia e a zoologia – e também em algumas iniciativas dedicadas a construir uma psicologia científica. (...) Os defensores da nova psicologia científica chamavam seu campo de “psicologia fisiológica” para distingui-la da antiga psicologia filosófica, e para vinculá-la com as revoluções contemporâneas que atingiam as ciências voltadas para o estudo do corpo (SHAMDASANI, 2005, p. 183).

Daí em diante acontece uma dicotomia: de um lado há um desenvolvimento da *psicologia fisiológica*, conforme a obra de Ziehen, por exemplo, sob a forma de uma ciência experimental preocupada com reflexos e fenômenos similares, na qual a psique em

⁷ James ministrou o primeiro curso de psicologia havido no mundo em 1875.

⁸ Gustav Theodor Fechner (1801-1887) é autor no campo da física e da filosofia da natureza. Acreditava que a vida psíquica não está confinada no homem mas é uma propriedade intrínseca de todas as coisas existentes. Escreveu o artigo “Os princípios da mensuração psíquica e a lei de Weber”, que faz parte dos *Philosophical Studies* de Wundt. Em colaboração com o fisiólogo alemão Ernst Weber formulou a “lei psico-física” ou “lei de Weber-Fechner”, voltado para a correspondência entre a intensidade de percepções de sentidos e de estímulos. Mesmo considerando que o resultado de seus estudos se revela inválido devido às diferenças individuais, além de que as intensidades de sensações não podem ser mensuradas nos termos da física, sua pesquisa foi a chave que abriu a investigação da psique aos cientistas naturais.

si não tem lugar e, de outro, o florescimento de uma *psicologia psicológica* em que a psicologia pode estar de corpo presente com sua natureza própria. Esta, por sua vez, distingue psique consciente e inconsciente e este último ramo é tomado pela esfera clínica de Freud e enfaticamente apoiado por Jung que, fiel à sua atitude científica, introduz a abordagem experimental.

A psicoterapia assume o modelo médico tradicional de atendimento individual; com isso, estabelece instituições de característica própria, diferenciando-se do modelo acadêmico e das escolas de medicina. Jung é a principal figura desse desenvolvimento institucional, segundo Shamdasani (1998), que o considera o mais atuante arquiteto do movimento psicanalítico internacional, no período de seu relacionamento com Freud: 1906 a 1913⁹.

Na passagem do século a psicologia se torna produto de muitas tendências e consegue êxito em seus propósitos de obtenção de um *status* científico autônomo. Essa modernização, no entanto, não corresponde a um avanço equivalente no “estudo da alma humana”, expressão usada por Théodore Flournoy em 1893, nem a uma real separação do conhecimento psicológico em relação aos outros campos mencionados. A psicologia luta para firmar sua independência em relação a diversas áreas do conhecimento como a medicina, a filosofia, a neurologia, a biologia, a história das religiões. O que se quer é manter sua autonomia como disciplina. Isto se dá com a formulação do conceito de *inconsciente*, que liga a relação entre a alma e o corpo. Esta noção passa a ser a “pedra angular” do autoconhecimento, que se torna o conhecimento do que é inconsciente, ao mesmo tempo em que modifica as noções de vida, memória e instintos. Ainda meio século mais tarde Jung¹⁰ se refere à escassez de fatos capazes de esclarecer a natureza da alma, o que impede estabelecer proposições de validade universal e atribui ao pesquisador a tarefa de buscar o preenchimento dessa imensa lacuna, na qual inclui a sua obra, na psicologia geral.

Especialmente nos países de cultura germânica o paradigma da ciência moderna, de cunho racionalista, não é mais o único a ser considerado, uma vez que a irracionalidade emerge como um campo de estudo, embora ainda marginal. Na filosofia alemã reaparece a

⁹ Ele é o primeiro presidente da *International Psychoanalytical Association*, de 1909 a 1914, organiza o primeiro congresso, se torna um chefe do movimento, já que é considerado seu presidente permanente e edita o primeiro jornal, principal publicação psicanalítica.

¹⁰ OC XVI/1, § 236.

valorização da alma e do espírito, da subjetividade, nos trabalhos de pensadores filiados ao romantismo e ao idealismo alemão.

Sobre esse momento de transição do conhecimento da psique Jung mais tarde esclarece:

Mas são justamente os processos psíquicos anormais que demonstram mais claramente a existência de um inconsciente. Por esta razão, foram exatamente médicos e sobretudo especialistas no campo das doenças psíquicas que aceitaram e defenderam com mais veemência a hipótese do inconsciente (JUNG (1918),1993, § 2).

Justamente nesse terreno, da psicopatologia, ele começa a atuar a partir de 1900. A filosofia, a fisiologia e a biologia, no entanto, têm conceitos próprios de inconsciente e de funcionamento mental inconsciente.

Ao lado dos modelos dominantes despontam pensadores que defendem a quebra da supremacia da razão, retomando idéias de pensadores pré-socráticos. O conceito de inconsciente aparece no pensamento ocidental ao mesmo tempo que o de consciência e como sua conseqüência, enquanto o desenvolvimento desta noção e sua delimitação permitem a expansão daquele¹¹.

Os filósofos do romantismo já trabalhavam a noção de inconsciente desde o século XVIII e, mais intensamente, na primeira metade do XIX; para eles o inconsciente é impessoal, é a alma do mundo. Jung considerava que a psicologia abrangia toda a extensão da alma, o que incluía todas as ciências.

Durante meus primeiros anos de estudo universitário, descobri que as ciências naturais veiculavam uma infinidade de conhecimentos, mas sem grande profundidade e apenas em campos especializados. As leituras filosóficas haviam-me ensinado que no fundo de tudo havia a realidade da psique. Sem a alma não havia saber nem conhecimento profundo. No entanto, nunca se falava da alma. Ela era tacitamente suposta, mas mesmo quando mencionada, como em C.G.Carus, não era abordada em idéias precisas, mas segundo uma especulação filosófica de sentido ambíguo. Esta observação curiosa me deixava perplexo (JUNG (1961),2005, p. 96).

Jung se vale de conceitos filosóficos na elaboração de seus pressupostos e nas formulações com que os fundamenta. No entanto não aceita ser confundido com um filósofo; firma a identidade de seu trabalho como a de um cientista empírico. A densidade filosófica da formação de Jung transparece em sua obra, que traz muitos traços da filosofia que considera a existência do inconsciente. Desde o curso universitário mantém um intenso programa de leituras em que inclui a filosofia européia. Se entusiasma especialmente com

¹¹ Esta afirmação se deve ao estudo de Michel Henry, citado por Shamdassani, p. 188.

idéias como as ‘percepções inconscientes’ de Leibniz, as ‘representações escuras’ de Kant, a ‘tendência do material inconsciente de fluir para moldes totalmente definidos’ de Schopenhauer e, finalmente, com a obra de Nietzsche *Assim falava Zaratustra*” (KIRSCH, 2004, p. 5). Ainda se nutre das idéias de outros pensadores, que marcam sua reflexão, notadamente: das noções de alma do mundo, do inconsciente como matriz do consciente e de símbolo como síntese do abstrato e do concreto, do universal e do particular, de Schelling (1775-1854); das idéias de C. G. Carus¹² (1789-1869), do inconsciente como matriz do desenvolvimento teleológico da vida, como poder curativo da natureza e como conexão do homem com o universo; das noções de inconsciente como coletivo, como matriz de todo dinamismo, como teleológico, de von Hartmann (1842-1906); das de “equação pessoal” e do método da introspecção, do médico e psicólogo americano William James (1842-1910) - todos comprometidos com a filosofia do inconsciente. Em 1938 Jung reconhece que von Hartmann fez a ligação entre a filosofia moderna e o romantismo e que foi influenciado por Carus, um pensador essencialmente romântico, que elaborou o conceito de inconsciente até se tornar um sistema. E ainda que “o fato de falarmos de um inconsciente é, totalmente, herança direta do espírito romântico”.

A idéia filosófica do inconsciente, tal como é encontrada principalmente em C. G. Carus e E. v. Hartmann, depois de ter desaparecido sem deixar vestígios significativos na onda avassaladora do materialismo e do empirismo, reapareceu pouco a pouco no âmbito da psicologia médica, orientada para as ciências naturais (JUNG (1940), 2000, §1).

Em 1940 ele observa que, embora filósofos como Leibniz, Kant e Schelling tivessem chamado a atenção para o “problema da alma obscura, fora Carus que se vira compelido a apontar o inconsciente como a base essencial da psique, a partir de sua experiência científica e médica” (JUNG (1940), 2000, § 259).

A participação de Jung nos debates da sociedade Zofíngia

Em 1897, com 22 anos, Jung leva alguns colegas do curso de medicina a uma reunião espírita cuja médium é sua prima Hélène Preiswerk que, há dois anos, em sessões familiares, entra em estados de transe e recebe visitas de pessoas mortas - espíritos. Havia um envolvimento da família materna de Jung com assuntos e atividades de espiritismo; por essa via, ele participava em Basel de um grupo ligado aos fenômenos espiritualistas.

¹² Médico e artista plástico alemão, de Leipsig.

Segundo sua mais recente biografia, como tivesse havido uma interrupção na ocorrência das sessões familiares no último ano, Jung estimula a prima a reiniciá-las, “profundamente envolvido na literatura da psiquiatria e ansioso por observar o que Helly (Hélène) faria em circunstâncias controladas” (...) na busca de “experiências que lançassem alguma luz sobre a conexão entre o espiritualismo e a psiquiatria” (BAIR, 2006, v.1). Jung registrou cuidadosamente as sessões de que participou durante esse tempo, com vistas a, oportunamente, fazer delas um objeto de estudo.

A complexidade já se anuncia nos primeiros trabalhos de Jung¹³, as palestras que faz na Sociedade Zofingia¹⁴ de estudantes suíços, da qual ele participa desde o primeiro ano do curso de medicina. Não deixam de ser propostas de discussão que se tornam debates fortes no meio estudantil de que Jung faz parte. Ele introduz a polêmica a respeito do padrão de ciência dominante, em favor da valorização do espírito. Defende uma visão de ciência que dê abertura para a discussão de temas como a para-normalidade, o ocultismo. Na época, esses temas eram abordados apenas pela vertente de influência romântica presente do ramo psiquiátrico da ciência ou por alguns filósofos filiados à tradição romântica. Nessa época Jung já tem cultivada uma impressionante erudição: além de seu conhecimento de teologia e literatura, tinha lido não só Schopenhauer, como Kant, Carus, von Hartmann (De Angulo, 1952, p. 203 *apud* Shamdasani, 2005, 217), Nietzsche (Jung, 1961), bagagem que lhe possibilita manter uma atitude filosófica embasada, apesar de seus exageros juvenis.

Na primeira palestra, “As zonas limítrofes das ciências exatas”, em 1896, critica a rigidez e o fechamento da ciência, argumenta em favor da consideração pela ciência dos elementos irracionais presentes na realidade, defende fortemente o vitalismo em contraposição à fisiologia moderna, que prega o empirismo da ciência e exclui o vitalismo de seu seio. Jung conclui pela necessidade da inclusão dos pressupostos metafísicos, imateriais, inerentes a todo processo físico, na discussão daqueles que praticam ciência.

¹³ The Collected Works of C. G. Jung, Supplementary volume A. *The Zofingia Lectures C. G. Jung.*

¹⁴ Naquele tempo a Sociedade tinha em torno de 120 membros de 4 faculdades (teologia, filosofia, direito e medicina). Jung era participante ativo das tardes de discussão semanais a respeito de filosofia, psicologia ou ocultismo. Cativa sua audiência e se mostra encantado com as idéias de autores como Swedenborg, Mesmer, Jung-Stilling, Justinus Kerner, Lombroso e sobretudo de Schopenhauer. Gustav Steiner acentua que a Zofingia dá a Jung a oportunidade de se deslocar dos monólogos de seus sonhos e das suas ponderações para testar o orgulho rígido das suas idéias por meio de debates intelectuais com companheiros inteligentes. Os debates e as palestras foram gravados e transcritos nos Protocolos da Sociedade Zofingia.

Em 1897, na palestra “Alguns pensamentos sobre a psicologia”, critica os que fecham a porta ao conhecimento do espírito, ou seja, os defensores do positivismo científico. Sua posição é de que a psicologia racional se volte para a existência da alma que é uma espécie de inteligência que transcende as limitações de espaço e tempo; coloca o espiritualismo como uma evidência. Cita o caso da vidente de Prevorst, paciente de Justinus Kerner, que aparece no livro de David Strauss, e o ensaio de Kant, *Sonhos de um vidente de espíritos* (1766). Nagy (2003) vê nesse estudo de Jung a semente de sua ênfase na *experiência*, possibilidade encontrada por ele numa fase madura, depois de verificar que as idéias de hipnotismo, telepatia ou espiritualismo não se alçariam à categoria da ciência vigente.

Em 1898 Jung faz a terceira conferência: “Reflexões sobre a natureza da indagação especulativa”, o tema é o conhecimento como experiência pessoal. Recorre a uma longa reflexão que envolve a discussão do imperativo categórico de Kant e do *a priori* da causalidade; traz a idéia da vontade de Schopenhauer, e a de inconsciente de von Hartmann. Já anuncia e trabalha com muitas das importantes idéias que estarão presentes em seu pensamento maduro, como a dos opostos e da diferenciação da personalidade. Tematiza a especulação, a intencionalidade, a oposição entre o material e o transcendental.

Na quarta palestra, em 1899, discute religião, a imagem de Cristo. Passa pelos evangelistas, pela mística medieval, pelo iluminismo, pela *unio mystica*.

Esta menção às palestras de Jung na fraternidade Zofíngia mostra a temática dos debates com que Jung se envolve desde os vinte e poucos anos, de contestação ao paradigma de ciência do final do século XIX, bem como seu esforço para manter uma atitude filosófica consistente. Nelas, se refere à ciência materialista como um “gigante de pés de barro”, que demorará para se mover.

O centro de sua inquietação, expresso nas quatro conferências, diz respeito às profundas limitações da ciência ocidental da época. É como se ele se visse soterrado por esse universo que não se abria às questões que a ele já eram as mais tocantes: as limitações da razão diante da realidade, a fragilidade da razão – maior instrumento da ciência – diante de fenômenos de seu interesse como o espiritismo, a parapsicologia e o ocultismo. Posiciona-se a favor da existência de um espaço para a consideração objetiva e desapaixonada desses temas no interior do discurso científico. Ao mesmo tempo combate

as bases do materialismo dominante no ensino universitário da época, que despreza a reflexão e as necessidades de caráter espiritual¹⁵.

Ellenberger (1970, p. 687) considera que a célula originária da psicologia analítica deve ser encontrada nas discussões de Jung com seus colegas estudantes na Zofingia e nos seus experimentos com a jovem medium Héléne. Estimulado pelo estudo de Flournoy sobre o caso de sonambulismo de Héléne Smith, Jung acredita que a pesquisa científica também deveria abarcar esse âmbito, posição contrária às bases rígidas da ciência materialista. Stevens comenta:

Algumas das idéias que ele (Jung) desenvolveu nessas ocasiões encontraram o seu amadurecimento muito mais tarde, nos princípios da psicologia analítica. Assim, por exemplo, num dos seus trabalhos ele afirmava que a tarefa principal da psicologia científica deve ser a de provar a existência da alma, que ele concebia como uma forma de inteligência independente do tempo e do espaço. Ele acreditava que o estudo científico do sonambulismo, do hipnotismo e do espiritismo forneceria os dados que poderiam estabelecer a realidade fenomenológica da alma (STEVENS, 1993, p. 219).

Esse modo de ver nas primeiras falas de Jung a semente de seus conceitos futuros não é unânime; o que se mantém é o interesse por aquelas idéias filosóficas. De todo modo elas mostram um engajamento intelectual em questões importantes de seu tempo e encerram concepções que ele nutre em relação às áreas abordadas: filosofia, biologia, psicologia e religião. São as primeiras tentativas de organizar seu pensamento a fim de expor-se ao debate. Sem dúvida a formação filosófica inicial de Jung, obtida com suas pesquisas e leituras, deixarão marcas que se farão sentir no futuro.

Ora, a psicologia estava longe de ser madura enquanto campo científico, e sua necessidade era de se definir enquanto um campo de conhecimento próprio, separado da psiquiatria, da biologia, da medicina, da filosofia. Usando elementos de Kuhn¹⁶ para favorecer o entendimento da situação da psicologia no final do século XIX, pode-se considerar que a maioria dos profissionais envolvidos nas iniciativas de separá-la dos outros campos de conhecimento estavam mais interessados em firmá-la enquanto disciplina

¹⁵ Bezinelli (2007) observa a presença uma linha base que irá percorrer toda a obra de Jung, nas palestras, em que estão as proto-imagens de uma teoria, os rascunhos da formação de conceitos que, mesmo depois de ampliados ou modificados, mantêm os traços originais.

¹⁶ A proposição de Thomas Kuhn a respeito de paradigma, elaborada há 4 décadas, talvez possa iluminar esta seção. Para o autor, paradigma é aquilo que os membros de uma comunidade partilham e, inversamente, uma comunidade científica consiste em homens que partilham um paradigma (2007, p. 221) (...) “A aquisição de um paradigma e do tipo de pesquisa mais esotérico que ele permite é sinal de maturidade no desenvolvimento de qualquer campo científico que se queira considerar” (p. 31).

do que na assimilação de novos compromissos conceituais, teóricos, metodológicos e, menos ainda, epistemológicos. Nem ao menos estavam preparados ou voltados para alterar os padrões anteriores do que se considerava um problema ou sua solução. Isso favorecia a manutenção do modelo de ciência moderna baseada no racionalismo, e situava Jung na contramão do padrão de conhecimento dominante.

No período final de participação na Zofíngia, Jung acelera seus estudos universitários e o treinamento médico, que conclui com 25 anos. É o ano de 1900. Aprovado em medicina trabalha em clínica geral, para ter algum ganho. As anotações feitas por Jung e a presença atenta às sessões com a médium Hélène permitem que ele as recrie para sua dissertação final que decide apresentar à docência médica da Universidade de Zurique, rompendo a tradição de fazê-lo na universidade que cursara, em Basel. Com isso pode manter sua pesquisa distante da família Preiswerk, sair de Basel e ir morar em Zurique. Escolhe a psiquiatria como especialidade pela possibilidade de transpor a oposição entre as humanidades e as ciências exatas, no campo em que a matéria e o espírito se unem, o do estudo da psique do homem. Vê nesse campo a possibilidade de abordar enigmas antigos e recentes até então relegados à situação de não resposta. São inquietações importantes que movem o interesse do jovem recém formado.

Desde cedo percebeu que seus interesses o levaram para esse reino intermediário entre o espírito e a matéria, que chamava de *alma*. Sabia que o maior perigo que o ameaçava era a unilateralidade, e que, se desprezasse qualquer um desses setores, seria vítima dos mesmos erros em que tantos de seus antecessores haviam incorrido. Nietzsche, que tanta influência exercera sobre ele, ao criticar o espírito apolíneo do Ocidente, prestava um imenso serviço à redescoberta e revalorização do anímico (...) (ULSON, 1988, p. 10).

Já desde o primeiro ano universitário lê a respeito de espiritualismo, tema que na época é correlato da psiquiatria. O tema do espiritualismo exerce sobre Jung uma forte impressão.

Tratava-se então de algo relacionado com o comportamento objetivo da alma humana. Entretanto, nada se podia compreender sobre o problema essencial da natureza objetiva da alma, além do que diziam os filósofos. Por mais estranhas e suspeitas que parecessem as observações dos espíritas, nem por isso deixavam de constituir os primeiros relatos sobre os fenômenos psíquicos objetivos (...).

Quanto a mim, achava “essas possibilidades” extremamente interessantes e atraentes. Elas embelezavam minha existência: o mundo ganhava em profundidade. Perguntava a mim mesmo se os sonhos teriam alguma relação com os espíritos (JUNG, (1961), 2005, p. 96-7).

Aceita uma nomeação como médico-assistente para a qual se inscrevera, para fazer a especialização na clínica psiquiátrica da Universidade de Burghölzli em Zurique¹⁷, no Hospital Mental. O forte interesse do estudante de medicina pela para-normalidade e o ocultismo, que ele traz do cultivo desses assuntos exercido na prática pela família materna, também é referendado e estimulado nele como tema pelo romantismo alemão¹⁸. Já a psiquiatria romântica se volta para a psicopatologia humana e para a para-normalidade. A psiquiatria, além de sua tendência fisiologista, materialista, era um campo que, por outra vertente, se abria à pesquisa desses fenômenos. Segundo Stevens, nesse momento Jung já tem idéias bastante definidas sobre o que deveria ser a psicologia, que concebe como um estudo científico da alma humana, cujas manifestações ele chama inicialmente de realidade psicológica.

Ele aprendera por experiência que conteúdos cindidos do inconsciente podem tomar a aparência de uma personalidade humana, se eles são projetados no exterior sob a forma de alucinações ou tomar controle da mente consciente como em seções mediúnicas. Seguindo o exemplo de Myers, Janet, Binet e Flournoy, o interesse de Jung foi direcionado para a exploração destas realidades psicológicas (ELLENBERGER, 1970, p. 691).

Quando dá início à especialização em psiquiatria e exercício profissional, Jung já tem conhecimento da psique inconsciente e pretende encontrar um modo de se desenvolver naquilo que vem acalentando: o estudo de um campo que não encontra legitimidade e sistematização na ciência psiquiátrica de seu tempo. Provavelmente é com ele que pretende tentar expandir os conhecimentos da ciência psiquiátrica até então conquistada e buscar respostas às questões que permanecem sem solução.

Nas suas primeiras comunicações, na irmandade acadêmica, Jung demonstra as leituras que marcaram sua formação. Seus professores do curso de medicina mantinham uma crença quase religiosa nas possibilidades da ciência positivista. Herdeiro do iluminismo, este paradigma era marcado pelo poder da razão, da prática científica experimental e pelo estudo de leis universais e fatos inegáveis.

O positivismo logo se disseminou pelo pensamento contemporâneo tomando caminhos tão divergentes quanto a teoria da evolução de Darwin, e sua aplicação ao comportamento humano pelos psicólogos da época, e o uso de Marx do positivismo na economia política (BORING, 1950 *apud* Douglas, p. 42).

¹⁷ Jung vai permanecer em Zurique até o fim de sua vida.

¹⁸ Durante o curso universitário, lera autores como Swedenborg, Kerner, Mesmer, Lombroso, Schopenhauer.

Se a contribuição do positivismo alimenta um treinamento valioso na experiência médico-psiquiátrica de Jung, por outro lado o romantismo impõe a ele uma lente contrastante que apresenta uma visão de mundo dramática e em múltiplos planos. Ao contrário da ciência que se concentra nos objetivos específicos e particulares, o romantismo volta-se para o irracional, para a realidade interior individual e para a exploração do desconhecido, do enigmático nos mitos e nos estados alterados da mente. “A filosofia romântica evitava o linear em favor do movimento circular, de contemplar um objeto de muitos ângulos e perspectivas diferentes” (DOUGLAS, p. 43). Jung falava e lia alemão, francês e inglês e com isso teve acesso aos escritores mais importantes de inspiração romântica como Hugo, Balzac, Dickens, Poe, Dostoievski, Maupassant, Nietzsche, Wilde, R. L. Stevenson, du Maurier e Proust.

O final do século XIX e o início do século XX trouxeram consigo uma era de criatividade sem precedentes. O entusiasmo de Jung ecoava a fermentação que repercutia na filosofia e na ciência que ele estava estudando, nos textos psicológicos mais recentes que descobriu, nos romances que estava lendo, nas conversas com amigos e ao descobrir-se um dos líderes da síntese do Empirismo e do Romantismo (idem p.44).

Nos seminários na Zofíngia e ao longo de sua obra Jung demonstra encantamento com as idéias da exuberância romântica. As teorias de Kant, Göethe, Schiller, Hegel e principalmente Nietzsche foram particularmente influentes na formação do tipo de modelo teórico junguiano. Segundo Claire Douglas, é evidente a contribuição da dialética hegeliana - embora ele negue a ascendência de Hegel sobre seu pensamento - na importante noção da dinâmica dos opostos. Jung se diz kantiano; nas *Memórias* escreve: “mentalmente, minha maior aventura tinha sido o estudo de Kant e Schopenhauer”.

Nessas palestras transparece muito mais o interesse pelos assuntos filosóficos, religiosos e ocultistas do que pelos científicos, apesar de o positivismo ter contaminado praticamente todas as áreas do conhecimento. Dentre os filósofos de sua preferência, Jung atribui a Kant e a Schopenhauer suas mais fortes inspirações. Já nos tempos dos debates acadêmicos esses filósofos, ao lado das teorias neovitalistas, impulsionam suas concepções no campo filosófico.

Capítulo 2 Primeiras pesquisas

A entrada no Burghölzli

Recém formado em medicina, em dezembro de 1900 Jung é contratado para a função de médico-assistente no hospital psiquiátrico da universidade de Zurique – o Burghölzli Mental Hospital. Sob a direção de Paul Eugen Bleuler, cujas práticas clínicas não ortodoxas¹⁹ são discutidas nos cursos de medicina da Alemanha e da Suíça, Jung entra num regime de trabalho clínico intenso. Em suas palavras futuras, “era o ingresso no claustro do mundo (...) horizontes de uma estreiteza opressiva, um deserto incalculável da rotina”. Durante meio ano ele se encerra no hospital e lê os 50 volumes de um manual de psiquiatria²⁰, pelo espanto e desconhecimento da psiquiatria e para se habituar “à vida e ao espírito de um asilo de alienados”, para saber “como o espírito humano reage à vista de sua própria destruição”, pois a psiquiatria lhe parecia “a expressão articulada dessa reação biológica que se apodera do espírito considerado são, diante da doença mental” (JUNG, 1961, p. 107). Participa ainda de uma pesquisa de anatomia cerebral que na prática consistia em dissecar cérebros de esquizofrênicos com o fim de identificar lesões que pudessem originar a doença. Numa perspectiva fisiologista essa investigação visava à obtenção do diagnóstico diferencial das doenças mentais, sua gênese e tratamento, maiores desafios da psiquiatria ocidental na passagem do século. A experiência laboratorial limitada ao plano das estruturas neuro-anatômicas, nem sequer mencionada por ele, não lhe rende avanço significativo de conhecimento.

Nesses primeiros tempos do trabalho no hospital mental se preocupava em saber “o que se passa no espírito do doente mental” (1961, p. 108). Jung lê a *Interpretação dos sonhos*, de Freud, publicada em 1900, e a apresenta aos colegas do hospital em 1901. Nas *Memórias* relata que Freud é essencial para ele nesse período devido às suas pesquisas fundamentais sobre a psicologia da histeria e do sonho já que, com elas, introduz “a questão psicológica na psiquiatria, se bem que não fosse psiquiatra, mas neurologista” (1961, p.108). Alguns dos estudos que realiza são estudos de quadros psiquiátricos

¹⁹ Bleuler faz uso dos princípios da psiquiatria dinâmica inauguradas por Charcot e desenvolvidas por Janet, que introduzem a interferência do médico no tratamento por meio de novos métodos e os radicaliza no que diz respeito ao contato intenso dos médicos com os doentes mentais. Além dos atendimentos, os médicos participam de reuniões e relatórios diários e têm de estabelecer um relacionamento intensivo com os doentes, baseado no convívio, inclusive no refeitório do hospital.

²⁰ *Allmeinde Zeitschrift für Psychiatrie*.

fundados na atividade clínica e na pesquisa bibliográfica. A maioria desses estudos constitui o que se considera produtos do “primeiríssimo” Jung, expressão usada para designar seu trabalho inicial, anterior à fase experimental. Um deles é a dissertação médica, publicada em 1902. Seguem-se, por ordem de publicação, oito estudos: “Um caso de estupor histérico em pessoa condenada à prisão” (1902), “Sobre a simulação de distúrbio mental” (1903), “Distímia maníaca” (1903), “Erros históricos de leitura” (1904), “Parecer médico sobre um caso de simulação de insanidade mental” (1904), “Criptomnésia” (1905), “Sobre o diagnóstico psicológico dos fatos” (1905), “Um terceiro e conclusivo parecer sobre dois pareceres psiquiátricos contraditórios” (1906). Em alguns deles usa a palavra *complexo* que, nesses textos, quase sempre aparece num sentido ainda impreciso e genérico, próprio de uma fase anterior à da sua elaboração conceitual, conforme Jung a conhecia a partir do uso que dela Freud e outros autores não psicanalistas faziam. Em dois deles, isto não ocorre. No segundo artigo desta relação “Sobre a simulação de distúrbio mental”, que será comentado no próximo capítulo, Jung já trabalha com o teste de associações e começa a conceituar o complexo no sentido que desenvolverá daí em diante. No penúltimo artigo “Sobre o diagnóstico psicológico dos fatos” (1905), usa a expressão “complexo de idéias com carga emocional”, depois de já ter um percurso experimental realizado, que lhe permitiu chegar ao conceito. Este pequeno trabalho não pertence aos primeiros trabalhos psiquiátricos, embora esteja publicado no volume I das OC. Ambos fazem parte do capítulo 3, em que estão reunidos os principais trabalhos realizados a partir do experimento de associação.

Fenômenos ocultos

Em 1902 Jung publica sua dissertação médica: *Sobre a psicologia e a patologia dos fenômenos chamados ocultos*. Na introdução tematiza a classificação de estados de consciência alterados como a amnésia periódica, a letargia, o *automatisme ambulatoire*, o sonambulismo, a *double conscience* e a mentira patológica, como doenças em si ou como manifestações da histeria, neurastenia ou epilepsia. Exemplifica os problemas de classificação com a apresentação de um caso de sonambulismo e de mais alguns, que descreve minuciosamente e discute brevemente.

A composição do trabalho consta de algumas partes. Primeiro apresenta a literatura sobre sonambulismo e a relaciona à compreensão dominante na literatura sobre a histeria, a

neurastenia, a epilepsia e a insanidade simulada; faz praticamente uma revisão bibliográfica dos estudos existentes. Com isso, constrói uma ponte entre os fenômenos chamados ocultos e a psicopatologia. Descreve diversos casos atendidos por ele que apresentam características presentes no sujeito em questão. Apresenta comentários de Binet sobre a histeria e sua manifestação em casos de sonambulismo, sobre o qual Jung quase não encontra literatura alemã competente. Utiliza a caracterização do austríaco von Kraft-Ebing do que este autor chama de “estados protraídos de delírio histérico”. Trabalha com a classificação de dois tipos de sonambulismo de Charcot e situa os sintomas do caso que estuda como de delírio com ações coordenadas, enquanto considera o sonambulismo, de acordo com Lowenfeld, como um estado de vigília sistematicamente parcial. Narra um caso do “tipo ambulativo” de William James. Coloca observações e estudos de alguns outros autores.

Em seguida apresenta o caso da medium de quinze anos. Situa alguns dados biográficos, condições psíquicas familiares e a fenomenologia de seu comportamento, que chama de ataques sonambúlicos. Depois apresenta o registro cronológico de sete sessões, com “alguns detalhes mais interessantes”. Retoma a descrição de momentos ilustrativos de fenômenos psicopatológicos que discute referindo pesquisas de outros autores, nomes importantes da psiquiatria dinâmica como Janet, Charcot, Justinus Kerner, Forel, Flournoy, e vários outros, como faz na análise das alucinações hipnagógicas, da mudança de caráter, do ataque histérico, da relação com as personalidades inconscientes. Apóia-se nos estudos de Flournoy sobre os médiuns. Discute, entre muitos outros fatos, o de que a medium falava um alemão perfeito durante os transes, muito distinto do dialeto da Basileia, onde nascera e vivia, como também a vivacidade e realidade que os “espíritos” tinham para ela. Apresenta o transcurso do caso, faz uma discussão do aumento do rendimento *inconsciente* e conclui que visou a escarnecer de quem vê esses fenômenos - chamados ocultos - com superficialidade, para “mostrar as várias conexões que existem entre esses fenômenos e o campo experimental do médico e da psicologia”, para apontar para as diversas questões de peso que esse campo inexplorado reserva.

Jung já trabalha com a noção de personalidades inconscientes. A noção de *realidade psíquica*²¹, que desempenhará papel importante nos pressupostos da psicologia junguiana, surge neste trabalho.

²¹ Através do desenvolvimento desta noção, em Jung, as manifestações psíquicas passam a ser consideradas como fenômenos, trata-se do plano em que se move a imaginação que, alimentada pela percepção e pela

No que se refere ao uso da noção de *complexo*, no estudo desse caso, aqui sinteticamente noticiado do ponto de vista da temática e da metodologia, o autor se refere a “complexos sonambúlicos”, a “complexos de associação homogêneos”, a “desagregação de complexos psíquicos”, “complexo do ego”, “complexos secundários da consciência”²². No entanto, ainda não chega à noção de *complexo com carga emocional* ou *complexo de tonalidade afetiva*, embora a pesquisa mencionada gire em torno de complexos emocionalmente carregados, conforme mais à frente conceituará. Assim também outros vértices teóricos da psicologia analítica elaborados mais adiante serão aplicados retrospectivamente ao caso de Hélène.

Na década de 50 Jung aborda o caso de Hélène como uma psicose dissociativa²³, em que a patologia impede o desenvolvimento de sua personalidade adulta, prefigurada em sua personalidade secundária.

No Seminário de 1925, a propósito da discussão sobre uma dessas noções, diz:

A menina em questão vivia num meio que era demasiado estreito para as suas capacidades e nele ela não conseguia encontrar horizonte algum, na medida em que o seu meio ambiente era notabilizado pela insuficiência de idéias; a sua compreensão era estreita e escassa em todos os sentidos. O seu inconsciente, por outro lado, apresentou a figura exatamente inversa. Nele, ela estava rodeada por fantasmas de pessoas de grande importância. Tamanha tensão como a que estes dois extremos induz é a base da função mediadora. Ela tentou resistir a isto através do seu círculo mediúnico e encontrar lá a oportunidade de sair do impasse em que vivia. E, desse modo, a tensão entre a sua vida real e a irreal aumentou.

Mais de vinte anos depois Jung expressa sua visão de que o inconsciente dessa moça, em sua trajetória até então, procurou superar os impedimentos sociais e emocionais que bloqueavam seu desenvolvimento natural tornando-se médium espírita. Com isso criou uma estratégia que, de algum modo, possibilitasse seu crescimento psíquico e que “Ivenes”, a personalidade madura, calma e séria de seus tranSES, se desenvolvia no plano inconsciente.

Em 1975 Von Franz comenta:

Naquele período inicial, Jung dedicou-se ao estudo empírico da realidade puramente psíquica, deixando de lado o possível substrato “material” ou “espiritual” desses elementos, caracterizados, naquele momento, como incognoscíveis. Assim, ele protegeu sua postura

intuição, interpreta e, com isso, se separa da realidade externa. Corresponde ao que Jung chama de *esse in anima*.

²² Jung se refere a complexos como designação genérica, inclusive quando utiliza a expressão “complexos da consciência”. Neste momento ainda não trabalha, como virá a fazer em breve, a relação dos complexos com o eu, este como pertencente à esfera consciente, enquanto aqueles como pertencentes à do inconsciente.

²³ Grinberg in *Junguiana*, 1983, p. 28.

psicológica da influência dos efêmeros pressupostos ideológicos da *Weltanschauung* prevalecente (VON FRANZ (1975), 1997).

Quando conclui a dissertação, Jung pede uma licença no hospital e vai a Paris durante o inverno de 1902-1903, estudar psicopatologia com Pierre Janet, que pesquisa o método catártico e o emprega no tratamento da histeria, o que lhe permite entrar em contato com a psiquiatria dinâmica francesa. Enquanto na monografia o autor se baseou no material empírico das sessões a que esteve presente, nas demais pesquisas Jung registrou casos que atendeu e acompanhou no hospital.

Outros estudos

“Um caso de estupor histérico em pessoa condenada à prisão”, publicado nesse mesmo ano de 1902, menciona a expressão “complexo de prisão”, como fator entre outros a serem desconsiderados para se poder, no caso do sujeito em questão, estabelecer um diagnóstico de “psicose de prisão”. Embora nesse momento use a palavra “complexo” associada a um tema ou circunstância e entre aspas, mesmo assim o faz sem especificação de sentido compatível ao que dois anos depois atribuiu ao conceito de complexo.

No estudo “Distímia maníaca – distúrbios de humor na mania”, publicado em 1903, apresenta e discute quatro casos da patologia à luz da literatura psiquiátrica existente entrelaçada às suas próprias observações. Nele, retoma a expressão “complexo de prisão”, de modo bastante genérico.

Em 1904, em “Erros histéricos de leitura”, usa a expressão *complexo da consciência* e *complexo do eu* e os relaciona para esclarecer a concepção dos erros histéricos de leitura presente na dissertação sobre a medium, e então enfatiza a questão desses erros na histeria, em resposta a um questionamento recebido. Nele, Jung se restringe ao arcabouço teórico da histeria, que analisou na dissertação.

Nas três pesquisas mencionadas, portanto, a palavra complexo não é empregada como o *complexo de carga emocional* ou *complexo de tonalidade afetiva*.

No estudo “Criptomnésia”²⁴, publicado em 1905, em que discute a memória, a lembrança, está estudando o processo associativo embora, assim como nos artigos citados acima, não o faça pela via experimental, através da qual construiu a concepção de *complexo de carga emocional*. Ele já tinha empregado a noção de criptomnésia na pesquisa

²⁴C. G. Jung, OC vol I, § 166-186.

dos fenômenos ocultos, quando caracteriza o aspecto histórico da personalidade da medium. Nesta, dá exemplos de associações inconscientes e novamente expressa a importância delas para a função diagnóstica.

Nem preciso dizer que dessa maneira é possível fazer todo tipo de belos diagnósticos psicológicos em nossos semelhantes (JUNG (1905), 1994, §168).

O estudo tem por tema a conceituação advinda da psiquiatria francesa, que significa “recordações não reconhecidas como tal”, para cujo estudo o suíço Flournoy muito contribuiu. Nele se vê como Jung utiliza as expressões “constelações”, “pensamentos com forte carga emocional” e “complexo psíquico”, todos podendo receber o sentido que dará ao complexo, mas sem usar a expressão “complexo de carga emocional”, que ainda não tinha cunhado. Essa conquista só será efetivada por ele com o trabalho experimental.

Capítulo 3 O primeiro método junguiano e a noção de complexo

Existe em cada psique humana muita coisa inconfessa e, por isso, inconsciente como tal; e ninguém pode orgulhar-se de ter as rédeas de seus complexos.

*Mas quem, assim mesmo, diz que as tem não enxerga os óculos que traz sobre o nariz.*²⁵

O experimento de associação

No século XIX vários pensadores tentaram explicar o funcionamento mental em termos de associação, retomando Platão e Aristóteles que estabeleceram leis que ainda têm valor, baseadas no conhecimento de que o fluxo de nossas idéias não é anárquico. Wundt também se baseou no estudo do modo como os conteúdos mentais se interligam por semelhança, contraste, simultaneidade e seqüência. Os testes de associação verbal vinham sendo utilizados para vários fins. No começo eram aplicados na tentativa de elucidar diferenças entre vários tipos de inteligência. Constava do primeiro volume dos *Philosophical Studies*, que reúne a pesquisa da escola de Wundt, o principal artigo de Martin Tratscholdt sobre pesquisas experimentais com associações de palavras. O que se buscava era que esse método pudesse ajudar a encontrar o que acontece na psique entre a percepção sensorial e a apercepção ou compreensão. O trabalho produzido pela escola de Wundt era atravessado por essa afirmação, de acordo com as “Pesquisas experimentais sobre associações”, vol. XIII, de G. Cordes²⁶.

Bleuler introduz o uso de testes psicológicos no hospital como instrumento complementar à exploração clínica dos pacientes. (ELLENBERGER, 1970) Voltado para a pesquisa que Franz Riklin traz da Alemanha, orientada por Gustav Aschaffenburg, ele acredita que o sintoma básico da esquizofrenia consiste em perder a tensão de associação; resolve checar esta hipótese por meio do teste de associação de palavras e confia a Jung a pesquisa. Em 1903, a pedido de Bleuler, Jung²⁷ assume a direção desses experimentos; com a colaboração principal de Riklin e auxiliado por uma equipe de alunos e colegas²⁸,

²⁵ OC II, § 983.

²⁶ Citado por Meier, 1990, cap. IV.

²⁷ A maior parte desses experimentos, produzidos entre 1903 e 1906 foram publicados entre 1904 e 1911, sob o título *Estudos diagnósticos de associações*, ensaio em que Jung reúne suas principais pesquisas experimentais, ao lado do ensaio sobre a *dementia praecox*

²⁸ Embora o grupo de pesquisadores tivesse variado com o passar dos anos, já que ela se prolongou por cinco anos, além de Jung e Riklin, a equipe básica era integrada pelos médicos: Bleuler, Binswanger, Wehrin, Ruerst, Nunberg.

desencadeia uma experimentação em larga escala com o teste, para a qual ele organiza e põe em funcionamento um laboratório de psicopatologia experimental, em 1904-5 (JUNG, 1961, p. 112).

O que se segue é o apanhado completo da história do experimento e suas vicissitudes, desde a origem, feito por Jung²⁹(1906):

Criado por Francis Galton, que mostrou como ele podia ser usado para explorar os recessos escondidos da mente, depois foi retomado e aprimorado, na psiquiatria, na escola do físico, fisiólogo e psicólogo Wilhelm Wundt (de Leipzig, 1832-1900, que também trabalhou em Zurique), fundador do primeiro laboratório de psicologia experimental, que tentou estabelecer experimentalmente as leis da associação de idéias. Já em 1878 ele conduziu experimentos por conta própria nos quais dirigiu sua atenção para uma impressão específica fornecida pelos experimentos. Então Aschaffenburg e Kraepelin introduziram a distinção entre associações internas e externas: as internas se relacionam ao significado, enquanto as externas se ligam às formas de enunciação e som, e podem ser chamadas de semânticas ou verbais. Kraepelin demonstrou que a fadiga causava uma mudança gradual de uma proporção maior de associações verbais. Efeitos similares foram observados com a febre e intoxicação alcoólica. Os dois autores compararam os resultados do teste de associação de palavras em diversas condições mentais. Ziehen³⁰ abriu uma nova trilha ao descobrir que o tempo de reação era mais longo quando a palavra estímulo se relacionava a algo desprazeroso para o sujeito. Algumas vezes, ao selecionar várias respostas atrasadas, podia-se relacioná-las a alguma representação subjacente comum, que ele chamou de *gefühlbetonter Vorstellungskomplex* (complexo de representações emocionalmente carregadas), ou simplesmente complexo. Ziehen descobriu que, ao dar estas respostas, o sujeito normalmente estava inconsciente da conexão entre suas respostas e o complexo.

Galton³¹ já estava tentando quantificar o tempo que durou o lapso entre a “impressão” e a idéia associada, o que se chama de “tempo de reação”. Discípulo de

²⁹ C. G. Jung. “Die Psychopathologische Bedeutung des Assoziationsexperimentes”, *Archiv für Kriminal-Anthropologie und Kriminalistik*, XXII (1906), 145-162. citado por H. Ellenberger (1970), p. 691-692.

³⁰ Theodor Ziehen (1862-1950), neurologista e psiquiatra alemão, professor de psiquiatria e depois de filosofia, a partir de 1887 foi assistente de Otto Biswanger na clínica psiquiátrica de Jena. Praticava psicologia associacionista, sob a perspectiva filosófica positivista monista ou, segundo ele, “princípio da imanência”.

³¹ Viajante e fisiologista britânico (1822-1911), primo de Charles Darwin, um dos fundadores da eugenia, estudioso do método estatístico e da distribuição da curva estatística, da meteorologia, da antropologia, etc. Seus estudos em diversos campos do conhecimento, foram reunidos sob o título *Inquiries into Human Faculty and its Development* (Investigações da faculdade humana e seu desenvolvimento), obra que promoveu o estudo psicológico das diferenças individuais.

Wundt, o psiquiatra alemão Emil Kraepelin (1856-1926) introduziu o experimento psicológico na psiquiatria com o artigo “O experimento psicológico na psiquiatria”, enquanto também apareceram artigos do seu discípulo Gustav Aschaffenburg. Pesquisavam a relação entre o fator formal ou palavra-estímulo e a associação ou reação. Seu objetivo era obter uma intuição, um *insight*, a respeito da sucessão de idéias na psique. Para tal finalidade, o suíço Édouard Claparède (1873-1940) escreveu o ítem ‘Classificação de associações’ no premiado artigo “L’Association des Idées”.

Segundo Meier³², o trabalho de Kraepelin e Aschaffenburg, auxiliado por Sommer, não avançou para além de questões metodológicas. Bleuler então viu em Jung a pessoa certa para adaptar o método e fazê-lo aproveitável para fins diagnósticos. Por sua sugestão foram produzidos entre 1904 e 1910, por Jung, Bleuler e seus colaboradores, depois reunidos em dois volumes e publicados, os doze *Estudos diagnósticos em associação de palavras*.

A finalidade original da pesquisa era estudar os tempos de reação, sua velocidade média, relacionados ao uso de lâminas de cortes cerebrais na busca de um sistema de identificação de lesões responsáveis por doenças. O propósito central, de obtenção de um instrumento para o diagnóstico diferencial dos distúrbios mentais, não foi alcançado.

O desenvolvimento do trabalho experimental

O primeiro experimento conduzido por Jung³³ no Burghölzli é voltado ao estudo da simulação de distúrbio mental. Relata o método utilizado para abordagem de um caso de debilidade mental num rapaz acusado de estupro, a fim de elaborar um parecer médico. Publicado no *Journal für Psychologie und Neurologie*³⁴ em 1903, o experimento conta com um *setting* ainda primitivo: não há esquema fixo de palavras-estímulo, o tempo das reações ainda não é medido, não se pede a reprodução das respostas dadas. Mesmo assim e apoiado no precário critério de classificação das respostas de Aschaffenburg, através dele Jung enfatizou a possibilidade de demonstração dos distúrbios emocionais. O experimento é aplicado no momento da admissão do paciente e no da alta, quando apresenta o critério de normalidade. Para apoiar a hipótese diagnóstica de síndrome de Ganser como resultado da

³² 1990, p. 116.

³³ “Sobre a simulação de distúrbio mental”. 1994, OC I, §301-355.

³⁴ O trabalho básico de Jung e Ricklin (*Estudos diagnósticos I*) apareceu em 5 partes nesse mesmo jornal.

repressão de um afeto, Jung e Riklin conduziram para os propósitos deste estudo um experimento de associação idêntico em dois sujeitos normais, duas vezes em cada caso, a primeira vez sob condições e a segunda vez sob condições da assim chamada “distração interna”. No segundo experimento, nos dois casos estudados as analogias impressionantes se tornaram aparentadas com as anormalidades observadas nas assim chamadas “falhas” do experimento I.

Isto parecia embasar a hipótese. Sob a qualificação de simulador, entende-se uma pessoa que é sadia mas age de modo a querer esconder a sanidade mental. Jung apresenta as dificuldades do diagnóstico do embuste ou da *arte de fingir*, já que grande parte dos simuladores são histéricos, e por isso tendem à auto-sugestão e distúrbios da consciência. Considera que é preciso excluir a histeria com seus automatismos e o conseqüente livre curso dos *complexos* subconscientes. Jung faz uma discussão a respeito da *emoção* e sua ação dissociante sobre a consciência e a responsabiliza pela ênfase exagerada sobre uma idéia. Tal discussão contribui para uma revisão da literatura anterior a respeito da simulação, até então vista como influência nociva sobre o estado mental. Coloca a questão no plano do distúrbio de atenção que, requerida pela idéia, quase não pode ser investida nas demais atividades psíquicas conscientes. Estas, sob o estado de distração, são presas do automatismo, noção embasada nas experiências de Janet e de Binet, assim como as de diminuição do nível mental, a perda da síntese, a fraqueza de atenção, da vontade, da confiança e, particularmente, da memória, todas colocadas por Jung como efeitos da emoção.

Nesse estudo Jung usa pela primeira vez o termo *complexo* no sentido que depois deu a ele, de *complexo de tonalidade afetiva* ou *complexo com acento emocional*, embora não procure defini-lo. Utiliza a expressão “idéia com carga emocional intensa” para apresentar reações sem sentido, incompreensões e repetições apresentadas por um dos sujeitos diante das palavras-estímulo. Conclui que, quando se depara com simuladores duvidosos, o pesquisador precisa diferenciar os casos que se devem à anormalidade da reação a emoções, da automatização, que chama de “estupidez emocional”.

Numa passagem da narrativa do segundo caso, um rapaz de 17 anos, é indicada a função dos testes de associação, nesse momento: “Para obter um quadro preciso de seu distúrbio mental, fiz duas séries de testes de associação, num total de 324 ao todo, com intervalo de três semanas entre uma série e outra” (JUNG, (1903), 1994, § 311).

Jung buscava norteamento para o tratamento das psicoses, diante da insegurança que reinava quanto a esses dois fatores. Noutro trecho desse trabalho, cujo tema desafia o grau de diferenciação diagnóstica, demonstra a necessidade de obtenção desses instrumentos para a prática psiquiátrica:

Pelo fato de haveremos dado hoje um passo adiante, devido ao conhecimento de certos quadros clínicos da demência precoce e histeria, também conseguimos uma visão mais ampla do problema da simulação; mas isto não quer dizer que tenhamos alcançado maior segurança com referência a simuladores duvidosos. (...) As exigências modernas do diagnóstico são bem maiores hoje do que antigamente, pois, por mais estranho que pareça, muitas vezes era simples questão de saber se o caso se enquadrava no esquema puramente teórico da psicose ou não. ... Principalmente a teoria da histeria nos trouxe, desde então, tanta coisa e de tão grande importância que somos obrigados hoje a levar em consideração número bem maior de fatores do que vinte anos atrás (JUNG (1903), 1994, § 301).

Este artigo é a primeira produção da literatura experimental produzida pela Escola de Zurique, a pesquisa experimental realizada pela equipe do Burghölzli a partir de 1903, quando o hospital está sob a direção de Bleuler, com Jung na coordenação dos trabalhos. Jung via como valor principal do teste de associação verbal obter uma avaliação objetiva sobre as manifestações do inconsciente, que fosse validada. O experimento foi para ele o instrumento indispensável de investigação, com o qual conseguiu confirmar a eficácia da técnica de associação freudiana para determinar a etiologia das neuroses. Isto foi obtido graças ao experimento, que possibilitou o conhecimento dos fatores emocionais das doenças mentais, sediados no inconsciente.

O trabalho subsequente da Escola de Zurique é a pesquisa inspirada em Bleuler e Jung e conduzida por Jung e sua equipe, voltada para as próprias condições do experimento. Enquanto a escola de Wundt, no seu trabalho sobre o experimento de associação, havia se concentrado na atenção, acreditando que a qualidade da reação do sujeito era essencialmente dependente deste fator, o objetivo da pesquisa da Escola de Zurique era criar uma base de comparação tão vasta quanto possível das reações de sujeitos normais, de modo que as investigações subsequentes pudessem avaliar os desvios que se esperava serem apresentados por pacientes psiquiátricos, confrontados com o background da média “normal”. Para este propósito, os autores utilizam o esquema classificatório preparado pela escola de Kraepelin e Aschaffenburg, que eles modificam em certa medida com vistas à simplicidade.

A estrutura necessária para a aplicação do experimento não passa de um cômodo com uma mesa e duas cadeiras, uma de frente para a outra, um experimentador equipado da lista de palavras-estímulo, caneta ou lápis e um relógio com cronômetro de 1/5 de segundo. Ele segura o relógio numa mão e a caneta na outra. Jung adotou várias formatações do teste com número variável de palavras-estímulo determinadas, apresentadas uma a uma ao sujeito experimental, em uma seqüência ordenada. Na primeira fase, a fase de reação associativa, a instrução é: “Eu enunciarei (tantas) palavras³⁵, separadamente, e o seu trabalho é replicar cada uma com apenas uma palavra e medirei o tempo que você levar até pronunciar sua réplica.” Com voz audível mas não muito alta o experimentador pronuncia cada palavra e aperta o cronômetro enquanto pronuncia a primeira vogal acentuada da palavra-estímulo; deve pará-lo no momento em que o sujeito pronuncie o primeiro som da sua **reação**. Anota em quintos de segundos o tempo decorrido entre ela e o texto completo da reação do sujeito, registra as respostas e os detalhes de forma e conteúdo.

É preciso ter em mente que na experiência da livre-associação, tem-se apenas a resposta do paciente como ponto de partida; era possível identificar rapidamente, entre as reações do paciente, as que eram perturbadas, mas com base apenas nas palavras-resposta, em geral não ficava claro a que se referiam essas perturbações. Para contornar isso, Jung havia adotado desde o início a prática de entrevistar seus pacientes, logo após o teste, a respeito de todas as suas respostas: no princípio de 1905, ele havia encurtado a entrevista de modo a tratar somente das reações perturbadas (KERR, 1997, p. 113).

No artigo “Investigações experimentais sobre associações de pessoas sadias”³⁶, com a maioria dos sujeitos, Jung e Ricklin conduzem três versões distintas do experimento. A primeira delas foi conduzida sob condições normais, a segunda sob condições de distração interna e a última sob condições de distração externa; sob esta última, fatores como exaustão, sonolência, teriam também, é claro, que ser incluídas. Certas mudanças no tipo de reação de fato emergiram sob a segunda e a terceira condições. Isto era particularmente verdade em pessoas educadas, cujas reações tendiam a se tornar mais superficiais, isto é, havia um aumento nas reações externas e sonoras e ainda uma guinada na direção das costumeiras; isto foi interpretado por Aschaffenburg como uma guinada em direção à dimensão maníaca. Entretanto, a conclusão oposta também é possível, isto é, que o tipo superficial de reação ocorra quando há uma distração

³⁵ Nos primeiros tempos, até pelo menos 1904, o experimento se baseava numa lista de 400 palavras-estímulo, gramaticalmente classificadas e distribuídas do seguinte modo: 231 substantivos, 69 adjetivos, 82 verbos, 18 advérbios e numerais. Com o desenvolvimento das pesquisas foi reduzida para 100 palavras e assim permaneceu.

³⁶ OC II, §1-498.

interna que provoque distúrbio da atenção. Por outro lado, tipos predicados permanecem imutáveis mesmo quando a sua atenção é dividida. Sua atenção é de fato mantida cativa por suas vívidas imagens primárias internas.

À parte esta distinção, os autores também investigam se há diferenças regulares entre a média de reações de sujeitos educados e não educados. Eles descobrem que, na média, sujeitos educados reagem de uma maneira notavelmente superficial; por comparação, as reações dos sujeitos educados são decididamente superiores. Parece paradoxal! Sujeitos educados produzem quase 7 vezes mais reações sonoras do que as suas contrapartidas não-educadas e isso provavelmente revela a razão do fenômeno. Pessoas educadas tomam o experimento de um modo muito mais casual do que as não educadas. Então, pareceria ser mais uma questão de atitude do que de atenção propriamente, na medida em que pessoas não educadas ficam mais impressionadas com o sentido da palavra resposta do que pessoas educadas.

A existência de diferenças marcadamente psicossociais não pode ser estabelecida; na média, entretanto, as mulheres tendiam a reagir mais subjetivamente e com maior sentimento do que os homens. No caso dos homens educados, entretanto, esta distinção tendia a se tornar mais obliterada, na medida em que eles apresentavam tanta subjetividade e tantos julgamentos de valor nas suas reações quanto as mulheres. Por outro lado, homens não educados reagem mais objetivamente do que as mulheres. Já os experimentos de distração mostram inequivocamente que as mulheres experienciam maiores dificuldades em dividir a atenção do que os homens.

Já estava claro para os autores nesta investigação que, embora as reações oferecessem um bom teste para a detecção de variações individuais entre os sujeitos, elas eram um instrumento ainda mais específico para a mensuração de processos afetivos, mesmo quando estes processos fossem na verdade inconscientes. As perturbações da consciência se deviam a esses processos, que o estímulo atingia por meio das associações inconscientes.

As reações às palavras-estímulo são chamadas por Jung de “atos sintomáticos”, que acredita obedecerem a um fator psíquico que se comporta de modo independente.

Entretanto, à luz das reflexões de G. Cordes³⁷, Jung considera que a conexão entre dois signos lingüísticos, ou seja, as reações verbais desencadeadas, não são a conexão

³⁷ “Experimentelle Untersuchungen über Associationen”, in *Philosophische Studien*, 1901, citado por Jung in “Estudos diagnósticos de associações”, § 20.

psíquica, a própria associação em sentido estrito. Por isso prefere chamá-las de “reações lingüísticas” e as vê como sintomas de processos psíquicos que são indicados por elas, mas não retratados precisamente e que, para serem reconstruídas, as associações terão que ser cuidadosamente trabalhadas. Segundo Jung, o experimento de associações provoca uma excitação do organismo lingüístico. Quanto maior for a excitação, mais conexões lingüísticas serão dadas. As pesquisas experimentais revelam que a reação é a reprodução da idéia repentina mais próxima somente nas pessoas psicologicamente bem formadas. As outras apresentam o produto de um processo reflexivo, isto é, de uma série inteira de associações, pois tendem a construir algo que irá se misturar à reação.

No prefácio do mesmo artigo, em co-autoria com Franz Riklin, Jung relata as vicissitudes da experiência feita por Bleuler em todos os tipos de psicose a partir de uma lista que ele montara de 156 palavras-estímulo:

Nestas experiências, porém, manifestou-se bem cedo grande dificuldade. Não havia meio de distinguir com certeza e numericamente as associações das pessoas doentes daquelas das pessoas normais. Também não havia estudo algum que informasse sobre os limites dentro dos quais oscila a dimensão normal e que estabelece normas para a casualidade aparentemente caótica das associações. Para remediar de alguma forma esta lacuna e, assim, aplanar o caminho da pesquisa experimental das associações patológicas, concebi o plano de reunir um material mais vasto sobre associações de pessoas sadias e ao mesmo tempo estudar suas condições principais. Levei este plano adiante juntamente com meu colega Dr. Riklin (JUNG-RIKLIN (1904), 1997, § 1).

A classificação das conexões expressas verbalmente passou então por critérios e princípios formulados a partir da comparação entre o que era obtido como resultado das pesquisas, a observação clínica e a análise dos trabalhos de outros estudiosos de associações. Jung e seus colaboradores priorizaram inicialmente o sistema de Kraepelin-Aschaffenburg como metodologia para a classificação das associações, entre diversos outros sistemas que analisaram, uma vez que o esquema elaborado por esses pesquisadores era mais apropriado para esta etapa ainda preliminar em relação às experiências psicopatológicas, modo como a própria equipe de Jung via o trabalho que realizava. Embora criticado por ser unilateralmente lógico, Jung e seu parceiro reconhecem nesse sistema também a consideração da conexão intuitiva e sensorial do contato das coisas além do fator lingüístico. Ainda a incapacidade do sistema quanto a reações na forma de frases não consistiu em impedimento, já que essa forma raramente ocorre em pessoas sadias. Além disso, ele dispensa o interrogatório subsequente da pessoa experimental sobre a reação, o que permite ser utilizado em observações psicopatológicas.

Jung e seus colaboradores agregam a pesquisa da *atenção* como fator que afeta o “fugaz e variável” processo psíquico que é o mecanismo das associações e todos os outros fenômenos representados na consciência. Desde que se voltam para estudar esse fator, encontram uma nova abertura para suas observações, como se galgassem um degrau que permitisse enxergar de um outro ponto de vista as diferenças entre os tipos de reação e, com isso, um novo universo se descortinasse. No decorrer da pesquisa da atenção, deixam de lado os métodos classificatórios de Wundt e Aschaffenburg e desenvolvem sua própria metodologia que tem como foco as alterações emocionais.

Para Jung, as associações não se localizam entre as palavras-estímulo e as respostas mas entre o estímulo e os conteúdos inconscientes que são ativados e que, por sua vez, se associam a outros conteúdos. Tal rede associativa, composta por fantasias, pensamentos, lembranças, imagens, geram perturbações na consciência cujo motivo ainda se mantém encoberto. Entretanto, o caminho para se proceder ao aprofundamento da exploração desse conteúdo inconsciente - por meio de perguntas relativas às respostas dadas ou atendimento psicoterápico - estava aberto e a direção, indicada. Além disso as perturbações nas respostas, que o experimento registra, comprovam que as estruturas inconscientes se encontram submersas, enquanto o conhecimento da consciência está num nível mais superficial.

(...) as perturbações e bloqueios das associações, levando a resultados inesperados, são de grande importância para a avaliação dos mesmos. Enquanto os pesquisadores anteriores estavam mais preocupados com as associações de idéias, sendo essas perturbações desprezadas e tidas como indesejáveis, Jung concentrou seus estudos justamente nas falhas produzidas por interferência de material inconsciente. (...) Nesse trabalho Jung focalizou também o problema da atenção, mostrando que essa função psíquica exercia uma influência cardinal no processo das associações de idéias e que aumentava ou diminuía, dependendo dos pontos atingidos pelas palavras-estímulo (ULSON, 1988, p.18-19).

O que Wundt e sua escola interpretavam como “erros” irrelevantes na análise dos resultados do teste, de fato fornecia elementos para entender a situação psíquica do paciente. As alterações dos processos associativos como perseveração, tempo de resposta prolongado, falta de reação, reprodução defeituosa da palavra-estímulo, até agora negligenciadas, indicavam as frequentes interferências emocionais. Essa evidência mostrou a importância do plano afetivo das associações. As alterações nas respostas mostram que a palavra-estímulo despertou as associações perturbadas porque tocou um complexo emocionalmente carregado.

A citação que se segue é uma síntese feita por Jung, na década de trinta, das descobertas feitas nesses primeiros anos de pesquisa referentes aos distúrbios do experimento, que revelam a manifestação dos complexos no teste de associação:

Existem doze ou mais categorias de distúrbios, mas mencionarei aqui apenas algumas delas a fim de proporcionar aos senhores a visão de seu valor profissional. O prolongamento da reação é de grande importância prática. Decidimos se o tempo de reação é muito longo tirando a média de todos os outros tempos anteriores. Outras perturbações características são: reagir com mais de uma palavra contrariando as instruções; engano na reprodução de palavras; reação traduzida por expressão facial; riso; movimento das mãos, dos pés ou do corpo; tosse, gaguejar; reações insuficientes expressas por respostas do tipo “sim” e “não”; não reação ao verdadeiro estímulo da palavra; repetição das mesmas palavras; uso de língua estrangeira – perigo quase inexistente na Inglaterra, mas freqüente entre nós (Suíça); reprodução defeituosa quando as palavras começam a escapar à memória; ausência absoluta de reação (JUNG (1935), 1991, §100).

As perturbações nas respostas se agrupam em categorias que compõem mais ou menos uma dúzia de indicadores de distúrbios. Os indicadores de distúrbios são interpretados a partir dos desvios das médias estimadas quantitativamente em termos estatísticos. Num mesmo caso todos eles provavelmente partilham um denominador comum, um conteúdo do inconsciente que pode ser identificado por meio de perguntas ao sujeito experimental. Como sempre, vem acompanhado por manifestações emocionais e representa uma estrutura composta por mais de um elemento; esse conteúdo é o complexo de tonalidade emocional.

Jung conseguiu sucesso na comprovação da efetividade de seu método de verificação do complexo em um delinqüente, narrado no artigo “Sobre o diagnóstico psicológico de fatos” (OC I, §478-484). Embora não tenha sido publicado no vol II das OC, e sim no vol I, este artigo relata o resultado da aplicação do experimento de associações que confirma as pesquisas da escola de Zurique com relação à eficácia de sua aplicação para atingir o complexo, embora o protocolo do teste e as respostas não apareçam. Não faz parte dos primeiros estudos psiquiátricos de Jung, uma vez que nele o autor já se refere ao “conceito do complexo de idéias com carga emocional e a constatação de seu efeito específico sobre as associações...” (§479). Nele, narra o resultado da aplicação do experimento de associação para apurar sua autoria numa série de furtos e comprova o êxito do teste como instrumento para atingir um complexo.

Uma vez descoberta a importância nas falhas das respostas às palavras-estímulo, aprofundam-se as observações experimentais. Jung volta-se para o estudo do *tempo de reação*, ou seja, “o intervalo que medeia entre o pronunciar a palavra-estímulo e a reação

verbal por parte da outra pessoa”. No estudo a esse respeito, publicado em 1905, “O tempo de reação no experimento de associações”³⁸, a tese de habilitação de Jung para lecionar na Universidade de Zurique, apresenta a conclusão de que a importância da consciência é muito pequena para o processo associativo.

À nossa consciência do eu parece que o processo de associação é obra sua, sujeito a seu julgamento, à sua livre vontade e à sua atenção. Na verdade, porém, conforme indica perfeitamente nosso experimento, a consciência do eu é apenas o fantoche que dança no palco, movida por um mecanismo automático e oculto (JUNG (1905), 1997, § 610).

Chama a atenção de Jung que as associações-complexo ora são obsessivamente estáveis para o sujeito, ora são totalmente esquecidas e provocam falsas recordações. Vê então “a consciência do eu” como subjugada à força do complexo e percebe que a pretensa autonomia da consciência não existe; verifica que, inversamente, a autonomia está fora da esfera consciente. Neste ponto, ele e seu parceiro formulam a questão fundamental da *autonomia do complexo* e de suas associações em relação ao complexo do eu. Apresentam o fenômeno encontrado de separação do complexo em relação à consciência:

O complexo com carga emocional, momentaneamente separado da consciência, exerce uma influência que concorre sempre e com êxito com as intenções do complexo do eu ... (JUNG (1905), 1997, §610).

Esse momento é um marco do trabalho experimental com associações. Indica a parcialidade da consciência do eu, a posição do eu em relação aos processos inconscientes. É como uma pedra fundamental a partir da qual se edifica o desenvolvimento da pesquisa daí em diante: seu vértice passa a ser esse “mecanismo automático” e, a partir dele, ela se estrutura. Situa-se aqui, com essas descobertas, em torno do período da publicação destes artigos, a grande virada metodológica na classificação das associações e na interpretação do teste como um todo. Gradativamente Jung e Riklin substituem o sistema utilizado até então pelo novo método, que se revelou a eles empiricamente.

³⁸ OC II, § 560-638.

Complexo, memória e reprodução

*Tinha aprendido sem esforço o inglês, o francês, o português, o latim.
Suspeito, entretanto, que não era muito capaz de pensar.
Pensar é esquecer diferenças, é generalizar, abstrair.
No abarrotado mundo de Funes não havia senão pormenores, quase imediatos.
A receosa claridade da madrugada entrou pelo pátio de terra.
Jorge Luis Borges*

Em 1905, quando o diretor do laboratório de pesquisa do Burghölzli sai de Zurique para um tratamento de saúde, Jung assume seu cargo de *first Oberarzt*, o segundo na hierarquia do hospital³⁹. Nesta altura, o desenvolvimento da pesquisa experimental que coordenava já lhe permite saber da influência de um complexo sobre o processo associativo, ou seja, “da força variável que os complexos podem ter sobre a consciência das pessoas”. Embora a expressão “complexo” não tenha sido criada por ele, mas por Ziehen⁴⁰, a partir do momento em que Jung passa a usá-la com este sentido, ela é apropriada e cunhada pela nova teoria que está sendo erigida, da qual é o objeto⁴¹.

Nesse ano é publicado o artigo “Observações experimentais sobre a faculdade da memória”⁴², em que são apresentados dois casos nos quais foi aplicado o experimento de associação. Nele Jung desenvolve a idéia central de que aparentes distúrbios de memória são, na verdade, a tendência generalizada de reprimir o complexo de imagem desagradável. “Em nossas pesquisas experimentais conseguimos demonstrar a existência do complexo

³⁹ Segundo Ellenberger, esse cargo equivale ao de diretor clínico; além disso, foi designado para coordenar os serviços junto aos pacientes, nos quais a hipnose estava gradualmente sendo substituída por outras formas de psicoterapia. Ainda nesse ano obtém o título de *Privat Dozent* na universidade de Zurique, atividade que exerce até 1913; a partir de 1910 dá um curso intitulado “Introdução à psicanálise”.

⁴⁰ “Complexo de representações de tonalidade emotiva”.

⁴¹ Inicialmente tomado pela escola de Viena – o grupo psicanalítico de Freud – o termo “complexo” descrevia algumas descobertas no campo da psicologia das neuroses. Posteriormente foi usado sob a forma de complexo de Édipo, de superioridade, de inferioridade, o materno e o paterno. A acepção utilizada por Breuer e por Freud nos *Estudos sobre a histeria*, até hoje é empregada no interior da teoria psicanalítica. Segundo Laplanche e Pontalis, para essa escola de psicologia a palavra complexo usada genericamente diz respeito a um conjunto organizado de representações e recordações de forte valor afetivo, total ou parcialmente inconscientes, constituído a partir de relações interpessoais da história infantil, que pode estruturar todos os níveis psicológicos: emoções, atitudes, comportamentos adaptados. A palavra foi introduzida na discussão oral no Burghölzli por Bleuler e então tomada e desenvolvida por Jung, que a utiliza pela primeira vez em sua dissertação a respeito dos fenômenos ocultos publicada em alemão em 1902. Para se tornar um conceito junguiano percorre todo o processo da pesquisa experimental desenvolvida no Burghölzli, a partir de 1903, cujas características e etapas relevantes aparecem pontuadas no presente estudo.

⁴² OC II, 1997, §639-659.

reprimido nas associações produzidas pela pronúncia de uma palavra-estímulo” (JUNG (1905), 1997, §640).

O autor menciona as afirmações de Freud e de Breuer a respeito de pacientes histéricos, relativas à repressão e ao uso do método da livre-associação, usado por eles, para abordar os bloqueios desses pacientes.

Os mesmos bloqueios se apresentam também no nosso método de associação. Reunindo as palavras-estímulo que produziram um bloqueio, vê-se claramente de que espécie é o complexo reprimido, obtêm-se pistas preciosas sobre a direção em que novas perguntas devem ser formuladas (JUNG (1905), 1997, §640).

A premissa inicial do estudo passa a ser o ponto de partida de novo procedimento ou método para se atingir os complexos, pela descoberta das associações suspeitas de complexos: o processo de reprodução, que consiste em pedir que a pessoa repita a palavra com que reagiu às palavras-estímulo. “Minha intenção era descobrir se os lugares onde a memória falhava eram casuais ou se eram condicionados de alguma forma sistemática” (JUNG (1905), 1997, §641).

Jung conclui que o complexo reprimido com carga de desprazer provoca a amnésia tanto nas pessoas normais como nas histéricas ou nas catatônicas. O fenômeno é o mesmo porque o mecanismo psicológico também o é; no primeiro caso é um embaraço ou inibição momentâneos; na histeria é uma amnésia fortuita e na catatonia é apenas um bloqueio. Reforça a importância da reprodução errada para a análise já que seu conteúdo apresenta uma segunda associação para a palavra-estímulo e para o complexo reprimido, ou seja, “a reprodução errada tem valor como característica de complexo”. Na mesma pesquisa Jung retoma a descoberta dos complexos inconscientes de tonalidade afetiva e demonstra, através da pesquisa dos complexos, os mecanismos freudianos da repressão.

No artigo “Psicanálise e o experimento de associações”⁴³, cuja publicação também é de 1905, Jung e seus parceiros de pesquisa combinam ao experimento de associações o experimento de *reprodução*. Nessa segunda fase, realizada em seguida, o sujeito é convidado a repetir a reação tida a cada uma das cem palavras, que lhe são novamente apresentadas, na mesma seqüência, enquanto todas as suas ocorrências mnemônicas são coletadas pelo mesmo registro detalhado da reprodução emitida. Os distúrbios da primeira fase são referidos à prontidão, prolongamento ou inexistência de reação, enquanto os da

⁴³ OC II, 1997, §660-727.

segunda têm por critério classificatório a incerteza, a subtração ou a distorção da lembrança da resposta dada.

O pano de fundo de nossa consciência (ou o inconsciente) é constituído desses complexos. Todo o material da memória está agrupado em torno deles. Eles formam unidades psíquicas mais elevadas, análogas ao complexo do eu (Bleuler). Eles constelam todo o nosso pensar e agir e, por isso, também as associações.

(...) Onde a memória falhar, temos em geral uma constelação através de um complexo. O processo de reprodução serve, pois, para uma descrição mais detalhada dos distúrbios dos complexos (JUNG, (1905), 1997, §664).

Os pesquisadores constataam que os complexos perturbam a intenção do sujeito de reagir com rapidez e de modo correto a ponto de que a associação é desviada do sentido do complexo e mostra assim seu caráter de autonomia. Detectam o mesmo fenômeno se repetindo no momento de aplicação do método de reprodução, quando pedem que o sujeito repita as reações tidas diante das palavras-estímulo. Verificam que aparece insegurança da memória exatamente onde houve a interferência de complexos.

Em “A importância psicopatológica do experimento de associações”⁴⁴, Jung faz um histórico das pesquisas com associações e dos métodos de classificação nelas empregados, no qual inclui as pesquisas da escola de Zurique com pessoas normais e depois com pacientes histéricos.

Bastam estes dois exemplos para demonstrar a conexão do sintoma histérico com o complexo de carga emocional. Em toda histeria encontramos no fundo da psique uma ferida antiga que ainda dói ou, em termos psicológicos, o complexo com carga emocional (JUNG (1906), 1997, § 915).

Nossos experimentos de associações puderam demonstrar o mesmo mecanismo nos casos do segundo grupo mais numeroso de doenças mentais: a *dementia praecox*. Também aqui se trata de um complexo, sepultado no fundo da psique, que parece causar muitos dos sintomas característicos dessa doença e que, além disso, apresenta ingredientes que faltam na histeria.

A partir dessa exposição podem os senhores fazer uma idéia da utilidade que representa para a psicopatologia o emprego do experimento de associações e de quanto é universal o significado do complexo com carga emocional (JUNG (1906), 1997, § 916-917).

No texto aparecem condensados os passos dados na pesquisa com o experimento de associação, em cujo caminho está o entendimento da natureza das patologias. Nele Jung chega à verificação de que cada patologia tem em sua base um determinado complexo de considerável carga emocional.

⁴⁴ OC II, 1997, §863-917. Aula inaugural de Jung como livre-docente na Universidade de Zurique, em outubro de 1905, que gerou o artigo de mesmo nome publicado em 1906.

No artigo "Associação, sonho e sintoma histérico"⁴⁵, publicado em 1906, encontra "um mesmo complexo" no material da paciente de 24 anos, doente há 8 anos, internada no hospital nos últimos três meses de 1905. O complexo sexual se revela nas associações, nos sintomas e nos sonhos. Ainda no mesmo artigo faz referência às pesquisas sobre a *dementia praecox*, à luz do complexo com carga emocional. Na análise que faz do caso, Jung utiliza categorias psicanalíticas, como: resistência, hipermnésia, mecanismos de repressão, sintoma histérico, censura de conteúdos sexuais. Amalgamados a elas aparecem o complexo e o papel do eu em relação ao "complexo secundário", formulações importantes da teoria dos complexos, genuinamente junguianas, assim como o método de associação, aplicado nos testes e em toda sua análise. A expressão "complexo de doença", criada por Jung, é utilizada para caracterizar os recorrentes problemas físicos da paciente.

Este importante estudo é minucioso, baseia-se em uma considerável riqueza de material. Para analisar o complexo Jung usou uma série de nove sonhos de um breve trabalho de psicanálise, suas associações e interpretações, os resultados de seis sessões da experiência de associações de palavras e uma entrevista subsequente. Segundo Kerr⁴⁶, foi um esforço na arte de combinar informações de diversos tipos.

Complexo de tonalidade afetiva e a *dementia praecox* – o texto de 1907⁴⁷

Entre 1903 e 1906 Jung elabora os resultados de seus estudos clínicos e experimentais junto a pacientes esquizofrênicos que reúne no famoso ensaio *A psicologia da dementia praecox*⁴⁸. Segundo Ellenberger⁴⁹ é a primeira monografia dedicada à investigação da "morte psicológica" de um paciente psicótico. Esse importante estudo se divide em 5 capítulos: "Exposição crítica das concepções teóricas sobre a psicologia da *dementia praecox*", "O complexo de tonalidade afetiva e seus efeitos gerais sobre a psique", "A influência do complexo de tonalidade afetiva sobre a valência da associação",

⁴⁵ OC II, §793-801

⁴⁶ 1997, p. 115-119.

⁴⁷ Este ensaio é considerado "um ponto alto e precoce na pesquisa psiquiátrica de Jung" pelos editores das *Obras completas* que prefaciam o vol. II (embora conste do vol. III) e um importante documento a respeito do conhecimento da época sobre a *dementia praecox*. Conforme escreve F. Riklin, no prefácio dos editores do vol. III, "Jung foi um dos primeiros a realizar psicoterapia individual com pacientes esquizofrênicos".

⁴⁸ OC III, §1-197.

⁴⁹ Henri Ellenberger. *The Discovery of the unconscious: the history and evolution of dynamic psychiatry*, p. 668.

“*Dementia praecox* e histeria: um paralelo”, “Análise de um caso de demência paranóide enquanto paradigma”.

O primeiro capítulo é uma análise da literatura psiquiátrica a respeito da doença. Jung discute a contribuição dos autores, seus conceitos, compara-os entre si. Entre eles estão: Janet, Aschaffenburg, Ziehen, Flournoy, Bleuler, Freud, Kraepelin.

Faz parte do ensaio o primeiro dos três textos de Jung⁵⁰ que tratam especificamente dos complexos, o segundo capítulo, nosso maior foco de interesse em meio aos cinco capítulos que compõem o estudo. Por essa razão segue-se, além da sinopse do capítulo, um comentário.

Sinopse do cap. II “O complexo de tonalidade afetiva e seus efeitos gerais sobre a psique”, o texto de 1907:

A primeira noção abordada é a *afetividade*, expressão proposta por Bleuler como sendo a base da personalidade, a substituta das noções de sentimento, sensação, sensibilidade e afeto, pulsante em todas as nossas ações e omissões. É considerada por Jung “também uma função psíquica radical, e enquanto tal distinta e autônoma em relação às funções psíquicas de tipo perceptivo e intelectual, mas participando destas enquanto ‘tonalidade afetiva’” (PIERI, 2002, p. 101). Cabe destacar alguns elementos da estória dada como exemplo dos conceitos envolvidos para a compreensão da dinâmica do complexo, no texto, bem como da explicação a respeito deles. De início, começa a caracterizar *afetividade*:

A base essencial de nossa personalidade é a afetividade. Pensar e agir são, por assim dizer, meros sintomas da *afetividade*. Os elementos da vida psíquica, sentimentos, idéias e sensações apresentam-se à consciência sob a forma de certas unidades que, numa analogia com a química, poderiam ser comparadas às *moléculas*. (§78) Por exemplo: *encontro na rua um velho amigo*; em meu cérebro, surge uma imagem, uma *unidade funcional*: a imagem de meu amigo X (§79).

Conforme Jung, a unidade (“molécula”) contém três componentes ‘radicais’: *percepção sensorial* (“sensações”), *componentes intelectuais*, em que inclui representação, imagens de memória, juízos, etc. (“idéias”), e afetivos ou *tonalidade afetiva* (“sentimentos”). Os três componentes estão fortemente ligados pela tonalidade afetiva, a irritação, que o encontro com o velho amigo na rua traz.

⁵⁰ O título desse trabalho é: “O complexo de tonalidade afetiva e seus efeitos gerais sobre a psique”. OC III, p. 31-43.

A estória compreende um grande número de associações (podendo ser comparadas a um corpo constituído por inúmeras moléculas). Várias pessoas, coisas e acontecimentos aí estão incluídos. A unidade funcional ‘meu amigo’ constitui uma figura dentre muitas. A massa total de lembranças possui uma *determinada tonalidade afetiva*, uma sensação viva de *irritação*. Cada molécula ocupa um lugar nesta tonalidade afetiva e, geralmente, mesmo que apareça individualmente ou em composição com as demais, traz sempre de modo explícito esta tonalidade afetiva, sobretudo quando deixa transparecer sua relação com a tonalidade das associações.(§32)

Jung conceitua o complexo: cada molécula participa da “tonalidade afetiva da massa total de representações ... que designamos com a expressão *complexo de tonalidade afetiva ... uma unidade psíquica mais elevada*.”

Pensar e agir são, portanto, meros sintomas da afetividade, enquanto o querer e a ambição são apenas um aspecto dela, já que as idéias, a lógica dos raciocínios, são apenas as causas aparentes das súbitas viradas do pensamento⁵¹; sob as leis frias e racionais da associação de idéias, está o *estado afetivo*, que domina todo o âmbito racional, cujas leis são mais adequadas às necessidades da existência.

Toda a associação pertence a um ou outro complexo, segundo mostram as experiências de associação (...) *uma* pertença de associações, ao menos, é evidente: *a pertença ao complexo do eu*. Em pessoas normais a instância psíquica mais importante é o complexo do eu: é sua massa de representações que vem acompanhada pela tonalidade afetiva, poderosa e sempre presente, do próprio corpo (JUNG, (1907), 1999, §82).

A tonalidade afetiva é vista por Jung como o estado afetivo acompanhado de inervações corporais, enquanto “*o eu constitui a expressão psicológica de uma combinação associada entre todas as sensações corporais*”. Neste estudo concebe o “afeto do eu” como um complexo fraco, que possui uma força de constelação bem inferior ao complexo afetivo.

Justifica a ocorrência de *inibição emocional* pelo fato de muitos complexos se encontrarem em estado de *repressão*, a ponto de provocarem uma *amnésia histórica* do complexo. O que escapa é o *ideocomplexo* ou complexo de pensamentos, em que a pessoa experimental fica *cega* a ele. Menciona o teste de reprodução, em que acontece uma resistência regressiva; o efeito da amnésia incide nas reações críticas e pós-críticas, o que atesta o contraste entre o complexo e o material psíquico mais indiferentes, que fluem rápida e facilmente, “*sempre disponíveis ao complexo do eu*”.

Divide os efeitos do complexo em agudos e crônicos. No primeiro grupo coloca a interferência do complexo que interrompe o ciclo pacífico das idéias egocêntricas nas situações de ameaça e perigo, por meio de idéias de forte tonalidade afetiva. Domina a

⁵¹ Esta conclusão é apresentada por Jung como sendo de Godfernaux.

consciência atraindo a tonalidade de atenção mais forte. Apresenta a dinâmica do eu diante do afeto mais forte do complexo, quando cede espaço às sensações dele provenientes. Se a situação de perigo passa, o complexo continua a vibrar (ex: tremor dos joelhos), mas a tonalidade de atenção o deixa e as sensações voltam ao habitual. Com o retorno da imagem do medo, cada vez mais espaçado, novas associações provocam ondas de afeto. Aí está a *perseveração do afeto* que, somada à forte carga emocional, é responsável pelo aumento das associações relacionadas a ele. “Assim podemos dizer que uma forte tonalidade sempre acompanha os complexos de grande envergadura e vice-versa, os afetos fortes sempre escondem um complexo de grande envergadura”. (§87) Isso é explicado pelo fato de esses complexos conterem muitas inervações corporais e, por isso, os afetos fortes produzirem muitas associações. Discute a duração dos complexos, o gradual desaparecimento de suas idéias da consciência, que surgirão em sonhos, por alusões e sua prontidão para reaparecerem com força menor diante de estímulos parecidos, pela *sensibilidade do complexo*.

O grupo dos efeitos crônicos do complexo se divide em dois tipos: o que dura muito e pode ter se originado de uma única ocorrência de um afeto. E os efeitos crônicos que permanecem, pela constante estimulação do afeto. Quando a tonalidade afetiva é vigorosa, ela garante a durabilidade do complexo que, enquanto é mantido, produz o efeito de constelação sobre a atividade psíquica e que os efeitos mais persistentes são os que se originam de um grande susto, de experiências religiosas ou comoventes, da educação e de complexos sexuais.

Existem acontecimentos que marcam a vida. São conhecidos os efeitos duradouros e poderosos provocados por impressões religiosas ou experiências muito comoventes. Os efeitos da juventude são especialmente fortes. No fundo, a educação tem por fim implantar complexos duradouros na criança. A durabilidade do complexo é garantida pela existência de uma *tonalidade afetiva vigorosa*. Desaparecendo a tonalidade afetiva, desaparece também o complexo (JUNG (1907), 1999, §90).

O que não lhe diz respeito é excluído ou inibido, o que se observa bem nas crenças religiosas. A convicção transforma qualquer argumento em favorável e os contrários são imperceptíveis, pois as inibições emocionais suplantam qualquer lógica, como uma cegueira, uma insensibilidade sistemática, assim como uma impressão desagradável pode produzir um julgamento falso inabalável. Os efeitos do complexo tomam o pensamento e também impelem a ação, como com quem participa de ritos e práticas religiosas sem refletir, mesmo estando muito além deles (JUNG (1907), 1999, §91).

O grupo dos efeitos crônicos em que há uma manutenção da tonalidade afetiva por meio de uma contínua situação, isto é, a uma constante atualização dos estímulos. Os complexos sexuais são exemplos desses efeitos intensos e persistentes, como a contínua

não satisfação sexual. Os distúrbios da ação, de aparência accidental, como lapsos na fala e na leitura, esquecimentos, e outros, provém da constelação de complexo de pensamentos. Refere-se a pontos de vista de Freud a esse respeito em suas obra *Psicopatologia da vida cotidiana* e em *Interpretação dos sonhos*, onde mostra a mesma influência. De sua parte, comprovou a perturbação causada pelos complexos sobre as experiências de associação, como nas perseveranças, nas formas peculiares de reação, no prolongamento do tempo de reação, na quebra da reação, nos esquecimentos posteriores das reações críticas, entre outros. Observa a influência de um complexo mais intenso sobre a psique, como os complexos sexuais, como no estado conhecido da *paixão amorosa*, que traga todo interesse do indivíduo: “todo o meio ambiente é observado sob o aspecto do amor” (§102). O que não está relacionado ao complexo desaparece ou é eliminado, não é assimilado pela psique e a conseqüência é a atrofia temporária da personalidade, uma espécie de esvaziamento pela indiferença com relação ao que não pode ser canalizado para o complexo. Assim as energias psíquicas são por ele captadas apesar dos outros conteúdos, que ficam em estado de inutilidade. A tonalidade afetiva se afeta, causando a valorização de detalhes menores no lugar das questões de maior relevância. O que vem dos outros no sentido contrário ao complexo provoca sofrimento e reações iradas, nos casos patológicos. São os casos de *obsessão do complexo*.

Jung apresenta a posição de relativa autonomia do complexo: “é um vassalo que não se curva de maneira incondicional ao complexo do eu” (JUNG (1907) 1999, §93). O auto-controle, a intencionalidade da ação sofrem danos e erros não intencionais, disparates e lapsos inexplicáveis. Desenvolve ainda as noções de *obsessão do complexo* - como no caso da paixão - e de *deslocamento* - modo conseguido pelo complexo para sobreviver, encontrando outros caminhos quando necessário.

Este estudo-síntese é elaborado num momento de afirmação da teoria o que, ao lado da tentativa de enquadramento teórico à psicanálise, explica as numerosas conceitualizações em torno do conceito de complexo, que ainda não passaram pelo processo de enxugamento.

Coloca a afetividade como uma função estruturante que explica o relacionamento mútuo das idéias isoladas pelas leis de associação, “embora sejam selecionadas e agrupadas em combinações mais amplas pelo afeto” (§82n).

Nos plano psicodinâmico e da fenomenologia do complexo, seu produto, sobretudo dois pontos se sobressaem. Um deles é expresso na afirmação de Jung: “*o complexo deve sobreviver, afirmando-se em todas as circunstâncias*” (§105). Neste momento Jung o coloca atrelado a idéias freudianas. Insere na teoria do complexo a dinâmica freudiana da pulsão sexual. Isto se justifica pelo entusiasmo gerado nesse momento de aproximação pessoal entre ele e Freud, parceria alimentada em parte pela aplicação de algumas técnicas freudianas no Burghölzli, notadamente o uso da associação livre, entre outros procedimentos típicos da escola de Zurique. Jung e boa parte da equipe do hospital mental suíço testam as idéias de Freud, elaboradas a partir da observação de pacientes neuróticos, em psicóticos. Há entre os dois sobretudo uma identidade quanto à concepção de psique inconsciente; subsidiariamente, há uma afinidade em relação a alguns conceitos, como o de repressão, que Jung aplica ao de complexo. A afirmação citada é desenvolvida na circunscrição dos deslocamentos do complexo sexual, exemplo usado por Jung anteriormente, para descrever características importantes como a de *obsessão do complexo*. Independentemente desse atrelamento, a observação de que o complexo, enquanto conteúdo psíquico, um elemento estrutural importante, luta para sobreviver, é um *insight* precioso, até hoje uma das observações mais argutas, sob o ângulo da psicodinâmica psíquica quando é focada a interferência causada pelo fenômeno do complexo. Jung está ainda um tanto restrito à visão da sexualidade como um eixo no desenvolvimento psíquico, embora já elabore a restrição quanto à importância excessiva da sexualidade nas concepções freudianas. Aborda a questão da obsessão do complexo quando toca no estado psicológico da paixão, que futuramente vai inserir no âmbito mais aberto e profundo do complexo erótico e do fenômeno da projeção.

Outro ponto alto do estudo é a colocação da influência do complexo sobre a psique normal, este também ilustrado pelo complexo sexual. No mesmo âmbito do comentário anteriormente abordado, é uma observação que servirá de base para todo o desenvolvimento futuro do conceito.

Como esta primeira sistematização específica dos complexos está relacionada aos estudos que Jung realiza da esquizofrenia, nela se observa um delineamento adensado do conceito, originado na dinâmica dos casos patológicos. Nesse trabalho, elaborado entre 1903 e 1906, já estão presentes os traços fundamentais da fenomenologia geral do complexo, inclusive os mais obscuros como o *deslocamento*. Se vê neste texto, publicado em 1907, o estágio de compreensão da psique, bem anterior ao da descoberta da imagem

primordial, uma vez que o universo dos complexos ainda está circunscrito à experiência pessoal do sujeito.

No capítulo III “A influência do complexo de tonalidade afetiva sobre a valência da associação”, Jung define o complexo de modo radical em relação à *afetividade* e descreve sua dinâmica na histeria.

Todo acontecimento afetivo torna-se um complexo. Se o acontecimento não estiver relacionado a um complexo já existente, possuindo assim um significado momentâneo, ele submerge gradualmente, com a diminuição da tonalidade afetiva, na massa latente da memória, aí permanecendo até o momento em que uma impressão semelhante a reproduza novamente. Mas se um acontecimento afetivo encontrar um complexo já existente, ele o reforçará, ajudando-o a recuperar, por certo tempo, o primeiro plano. Os exemplos mais claros dessa espécie encontramos na histeria, onde coisas aparentemente insignificantes podem provocar as irrupções mais surpreendentes do afeto (JUNG (1907) 1999a, § 140).

Jung faz uma observação que, se por um lado parece óbvia, por outro mantém um interesse: que os mesmos fenômenos relacionados aos complexos mostrados em pormenor na experiência de associação são observados na clínica psicológica em grande escala.

No capítulo IV, “Dementia praecox e histeria: um paralelo”, Jung compara a possibilidade de se dominar os complexos na histeria e não na *dementia praecox*. Apresenta o que chama de “tempestade do complexo”, que ocorre quando ele está reprimido de modo insuficiente e o acontecimento desencadeia uma reação desproporcional em relação às outras. Quando descreve os modos de ocorrência do complexo na psique, Jung o faz com vistas à apreensão do fenômeno psíquico, da convergência da atividade psíquica para um ou mais complexos autônomos presentes na patologia em estudo: por sua magnitude, condicionam a psique do indivíduo observado. Uma notável ênfase é dada à descrição dos processos desencadeados com a constelação do complexo, como caminho ou método de investigação, uma característica do autor ao longo de sua obra: a valorização do fator empírico como ponto de onde parte para a análise e teorização. Enquanto os complexos acidentais estavam relacionados com eventos específicos ligados à vida do paciente, os permanentes tinham interesse maior em pacientes histéricos e com *dementia praecox*. Na histeria, descobriu que as associações estavam submergidas sob um grande e tenaz complexo relacionado a uma antiga ferida secreta, mas o sujeito poderia dominar e assimilar seu complexo e com isso, se curar. Na *dementia praecox* descobriu um ou mais complexos que não poderiam ser dominados.

O capítulo V pesquisa a *dementia praecox* por meio da análise de um caso de uma paciente de 60 anos, que passou mais de vinte anos no Burghölzli, cujas alucinações e idéias desiludidas pareciam incoerentes. Através dele Jung demonstra o método de classificação dos complexos que vem desenvolvendo: se eles se relacionam a um único evento ou a uma situação contínua, se são conscientes, parte conscientes ou inteiramente inconscientes e se são fortemente carregados emocionalmente ou não tão carregados. Aplica o teste de associação de palavras repetidamente na paciente e a deixa fazer livres associações para o que pareciam ser as palavras-chave de suas desilusões. Identifica um grande número de complexos que divide em três grupos: sonhos de felicidade, lamentos pelas injustiças sofridas e complexos sexuais. Depreende que a fala da paciente contém um desejo sistemático de compensar uma vida de trabalho e frustração. “O inverso do complexo de grandeza pessoal é o *complexo de lesão*”.⁵² Localiza um ou mais complexos fixos obsedando a psique e impedindo a adaptação da paciente ao meio ambiente, pela obstrução do “desenvolvimento adequado da personalidade”. Quando reage às perguntas-estímulo do teste de associação de palavras, o sujeito de pesquisa apresenta complexos que se mostram inabaláveis. Com o decorrer do acompanhamento dos casos, os complexos fixos se confirmam como impossíveis de serem dominados ou transformados. O estudo abre uma nova abordagem ao problema da doença, como complemento à pesquisa que Bleuler desenvolvia há quinze anos.

Na pesquisa Jung trabalha o significado do sonho e sua relação com a loucura. Afirma que no sonho se encontra o quadro clínico da esquizofrenia. A hipótese de Bleuler⁵³ é de que a causa primária desta última é a ação de uma hipotética toxina metabólica em quantidade indeterminada sobre o cérebro e que os complexos não causam os sintomas mas dão forma a eles. Diferentemente, a hipótese de Jung é de que, nessa doença, os complexos produzem uma toxina que exerce ação nociva no cérebro, o que a torna irreversível⁵⁴. Certas referências e conceitos utilizados no ensaio ilustram a influência de Freud nas idéias

⁵² OC III, § 212.

⁵³ Segundo Meier, para grande prazer de Jung, Bleuler aceitou a maioria das suas conclusões sobre esquizofrenia e as publicou na sua monografia *Dementia Praecox*, em 1911. Pelos próximos dez anos, a “Escola de Zurique”, sob a liderança de Eugen Bleuler e Jung, se concentrou na interpretação do material esquizofrênico. Entre as publicações cuja referência deve ser feita neste contexto estão os numerosos ensaios de Nelken, Spielrein, Riklin, Maeder, Abraham, etc (...). Depois deste período, o termo “Escola de “Zurique” ficou fora de uso e, como é bem sabido, a abordagem junguiana da ‘psicanálise’ se desenvolveu mais e mais distante da de Freud e foi posteriormente renomeada ‘psicologia analítica’ (1990, p. 136).

⁵⁴ Numa declaração conjunta, ambos definem suas divergências sobre o assunto. No mesmo ano Jung enuncia a suposição de que as idéias de desilusão de um psicótico são a expressão dos seus esforços para criar uma nova visão do mundo.

de Jung nesse momento que, no entanto, já na abertura do artigo afirma: o conceito de complexo de tonalidade afetiva “talvez ultrapasse de algum modo as perspectivas freudianas”. Exprime reservas em relação à teoria de Freud, da qual discute algumas noções como a da repressão; dialoga com elas mas coloca suas próprias idéias. No seu conjunto, embora mantenha pontos em comum com Freud, também caminha em outras direções. Concordam em alguns pontos que podem ser assim resumidos: há uma relação interna entre processos associativos alterados e fenômenos psicopatológicos; a causa é um fator inconsciente, carregado afetivamente, que influencia a vida psíquica e o comportamento do indivíduo; fatos retidos no inconsciente são potencialmente ativos e podem perturbar a vida mental. No entanto Jung discorda que a origem dos conteúdos inconscientes relevantes esteja em conteúdos traumáticos, de natureza sexual, não elaborados pela consciência. Acredita que, para o trauma exercer sua ação patogênica, é necessário que haja uma “predisposição interior específica”.

Capítulo 4 Etapa avançada das pesquisas experimentais

Experiências psicofísicas

Em 1907, no Segundo Congresso Alemão de Psicologia Experimental, Jung apresenta o estudo “Sobre os epifenômenos psicofísicos no experimento de associações”⁵⁵, em que relata as pesquisas do neurologista Veraguth, de Zurique, “sobre um fenômeno galvânico que chamava de ‘reflexos galvano-psicofísicos’”, em que é conduzida uma corrente de baixa tensão pelo corpo, por meio das palmas das mãos, na qual é introduzido um galvanômetro de alta sensibilidade. Quando o sujeito é submetido a estímulos táteis, óticos ou acústicos de certa intensidade a corrente aumenta, o que indica uma diminuição da resistência elétrica do corpo.

No curso desses experimentos foi descoberto, bem cedo, que a ação do galvanômetro não estava em relação direta com a força do estímulo, mas, antes, com a intensidade da carga emocional psicológica daí resultante. De grande interesse é o fato de que a irregularidade do galvanômetro não aparecia no mesmo instante que a percepção do estímulo, mas após um período latente de um a seis segundos (JUNG, (1907), 1997, §1015-1035).

Jung comenta que Veraguth também observou o que chamou de “oscilação de expectativa” em que, segundo ele, *os sentimentos são objetivamente representados* e que como o método e o equipamento são caros e complicados, ele construiu um aparelho que pode traçar as curvas mais longas, justamente as que representam graficamente os sentimentos. Descreve a aparelhagem que construiu, formada por um quimógrafo e um escrevedor, um galvanômetro e um dispositivo de luz e apresenta seu desenho. “Com esta aparelhagem sou capaz de traçar curvas longas, especialmente úteis para representar cargas emocionais surgidas no experimento de associações”. Então descreve o procedimento do experimento de associação e mostra, com um material empírico, como por ele fica visível quais palavras despertaram reações alteradas ou prolongadas, indicando a presença de sentimentos vivos. Prossegue explicando que eles geralmente são de natureza desagradável o que leva à suposição de que as palavras-estímulo originaram um complexo de idéias ligado a elas e de grande importância para a pessoa. Numa cuidadosa entrevista a respeito, o sujeito revelou o complexo da intenção de cometer suicídio. “Por isso, o experimento de associações é um bom meio de sondar e analisar a personalidade”. E informa que vários

⁵⁵ OC II, §1015-1035.

autores sugerem que seja usado para descobrir os complexos de culpa de um criminoso inconfesso.

No entanto, prossegue Jung, a interpretação desses distúrbios, ou seja, o tipo de complexos que causam esses distúrbios, fica em aberto. E, em resposta a alguns críticos seus, afirma que o mais importante é a *rotina* dos experimentos, por isso sugere que a interpretação é mais arte do que ciência.

Talvez no futuro sejam descobertas leis para o método de interpretação. Quem não dominou sua rotina pode facilmente dar uma sugestão errada e perder-se. Esta acusação e, especialmente, a de interpretação arbitrária foram feitas à minha análise; por isso aceito de bom grado qualquer subsídio que ajude a definir o complexo e sua carga emocional. O “reflexo galvano-psicofísico” poderia ser um subsídio desse gênero (§496).

Dá exemplos da obtenção da representação gráfica das oscilações galvânicas de curvas de grande interesse durante o experimento de associações que apontam o prolongamento de forte carga emocional em algumas reações e permitem comparar reações de mesma duração. Com essa pista, no mesmo caso fez perguntas para confirmar suspeitas de âmbito amoroso e descobriu que o sujeito havia se casado há uma semana. No mesmo sentido de pesquisa, seguindo pistas a partir da combinação do experimento de associação com o uso do aparelho, obteve o dado de que ele tinha cometido um crime e agressão física que lhe custou anos de prisão. Conclui com a observação de que o experimento de associações ainda precisa superar numerosas complicações, o que exige muito tempo e trabalho. E que Biswanger está para apresentar os resultados de uma pesquisa que acabou de concluir que auxiliará na dificuldade de que a parte física e fisiológica do experimento continua obscura, apesa do trabalho dos pesquisadores que então cita.

“Investigações psicofísicas com o galvanômetro e o pneumógrafo em pessoas normais e doentes mentais”⁵⁶, publicado em 1907, reúne pesquisas que têm os objetivos:

- verificar o valor do “reflexo galvano-psicofísico”, que registraria mudanças físicas em conexão com estímulos sensoriais e psíquicos;
- determinar as variações normais e patológicas;
- estudar a curva de inervação respiratória e comparar pelo quimógrafo as curvas galvanométricas e pneumográficas mediante alguns estímulos.

Jung apresenta a história recente do uso do galvanômetro (desde 1870), descreve o aparelho, informa que a literatura a respeito ainda é escassa e não publicada. Estas

⁵⁶ OC II, §1036 - 1179.

pesquisas referem-se à influência do complexo na atividade respiratória, na condutibilidade elétrica do organismo. Seus resultados não são evidentes mas comprovam alterações causadas pelo complexo e algumas diferenças entre pessoas normais e doentes mentais.

O artigo “Pesquisas adicionais sobre o fenômeno galvânico, pneumográfico e a respiração em pessoas normais e doentes mentais”⁵⁷, publicado em Londres, em 1907, em co-autoria com Charles Ricksher, apresenta dados semelhantes e um resumo ao final.⁵⁸ O que mais importa nessas pesquisas é que elas obtiveram êxito em demonstrar alterações em frequências somáticas como reação às palavras estímulo que tocam complexos importantes, isto é, detectam indicadores de complexos⁵⁹.

“A constelação familiar”

Segunda preleção apresentada por Jung⁶⁰ na Clark University, em 1909, é a narrativa de uma pesquisa feita por uma aluna de Jung, Emma Fürst, psiquiatra da equipe do Burghölzli. Colheu 22.000 associações de 100 sujeitos experimentais, pertencentes a 24 famílias.

Encontrou uma semelhança de associações por vezes “impressionante”, principalmente entre mãe e filha e entre pai e filho. A conclusão da pesquisa é que a individualidade se subordina às relações familiares, especialmente nesses pares por gênero, no modo de pensar, tanto no tocante às idéias como na forma de expressá-las, o que se manifesta pelo uso das mesmas palavras.

Jung enfatiza a importância do meio ambiente e da educação: “o que tem maior influência é a atitude emocional, pessoal e inconsciente, dos pais e educadores”. Vê a psique da criança “mole e moldável como cera. O pai e a mãe gravam o sinete de sua personalidade fundo na psique da criança; e mais fundo quanto mais sensível e impressionável ela for” (OC II, §1007).

⁵⁷ OC II, §1180-1311.

⁵⁸ Ver OC II, XIII e XIV. Os dois artigos a respeito dessas pesquisas são longos, bastante técnicos e explicam os resultados por meio de gráficos, de modo que não é possível reproduzi-los de modo sintético.

⁵⁹ Tal método, desenvolvido na fase final das experiências de associação, como um instrumento complementar a elas, é o precursor do detector de mentiras.

⁶⁰ OC II, §999-1014.

Discute ainda a questão da infelicidade como sinal de uma vinculação muito forte aos pais, que mantém os filhos presos numa relação infantil. Endereça à pedagogia a tarefa de libertar a criança da vinculação inconsciente às influências de seu meio infantil.

Capítulo 5 Sínteses posteriores à fase dos experimentos

“O método das associações”

Este é o título da primeira⁶¹ das três preleções de Jung junto ao Departamento de Psicologia da Clark University, Worcester, Massachussets, em setembro de 1909. Voltada para a oportunidade de fazer sua teoria dos complexos conhecida fora da Europa, em suas palavras pelo convite da “primeira Universidade do mundo a reconhecer oficialmente este trabalho até agora realizado”, numa ocasião privilegiada em que recebe, ao lado de Freud, “o título honorário e acadêmico mais elevado: *Doctor of Laws*”, ela é uma apresentação geral do método de associações junguiano. De início, mostra o formulário de palavras-estímulo⁶².

Este formulário acabou ficando assim por muitos anos de experiência. As palavras foram escolhidas e ordenadas de tal forma a atingirem facilmente todos os complexos que ocorrem na prática. Por razões especiais há uma mistura regular de características gramaticais (JUNG (1909/1910), 1997, §942).

Por meio de gráficos de tempos de reação, ilustra a relação desse aspecto com o fato de um complexo ter sido atingido pelo estímulo e, de modo geral, demonstra o alcance do experimento na avaliação psicológica do sujeito.

(...) Palavras são como que ações, situações e coisas resumidas. Quando apresento a uma pessoa experimental uma palavra que significa uma ação é como se lhe apresentasse a ação e lhe perguntasse: “Como você reage diante disso? Qual é a sua opinião? O que você faz nesta situação?” Fosse eu um mágico, faria com que a situação correspondente à palavra-estímulo se apresentasse na realidade, colocaria a pessoa dentro da situação e estudaria sua maneira de reagir. Sem dúvida o efeito de minhas palavras-estímulo seria incomparavelmente mais completo. Mas como não sou mágico, tenho de contentar-me com os substitutos lingüísticos da realidade; não devemos esquecer, porém, que a palavra-estímulo evocará quase sempre a situação que lhe corresponde. Tudo depende da maneira como a pessoa experimental reage a esta situação. ... As palavras-estímulo são portanto nada mais do que uma parte da realidade que atua sobre nós ... (JUNG (1909/1910), 1997, §944).

Um dos aspectos discutidos é a questão do nível de educação dos sujeitos submetidos ao teste e sua atitude emocional: as pessoas experimentais cultas costumam

⁶¹ OC II, §939-997.

⁶² Ver no fim do comentário desta palestra, o formulário do teste com as 100 palavras-estímulo definido em 1908 e utilizado até hoje.

apresentar associações superficiais, enquanto as incultas muitas vezes produzem associações mais significativas e valiosas. Outro tópico desenvolvido é os tipos de reação dos sujeitos, que permitem serem classificados em quatro categorias: o *tipo objetivo*, que reage de modo imperturbável, seguro; o *tipo complexo*, a quem a constelação de um complexo causa muitos distúrbios, o *tipo definição* que reage com definições ou explicações do conteúdo das palavras-estímulo, muito encontrado na imbecilidade, entre as pessoas bobas, que simulam uma atitude intelectual; e o *tipo predicado-avaliativo*, que geralmente responde com o sentido emocional, numa atitude plena de sentimentos, que costumam faltar ou diminuir nas pessoas mais velhas que, pela diminuição do desejo sexual, perdem sentimentos. Os dois últimos revelam a tendência de exercer influência sobre o experimentador. “O tipo definição procura mostrar sua inteligência e o tipo predicado, seu sentimento. Nem preciso dizer que estas constatações são muito importantes para o diagnóstico de um caráter”.

Apresenta o experimento de reprodução e comenta o funcionamento da memória nos neuróticos a partir das reações aos estímulos do teste. Expõe seu método de avaliação dos resultados e comenta que um experimentador experiente na aplicação do teste é capaz de ler os complexos principais da pessoa. Para exemplificar essa função do teste apresenta um caso.

O texto de 1911: complexo é assunto pessoal

Em 1913, Jung publica o pequeno e conciso artigo “Exposição sumária da teoria dos complexos”⁶³, segunda proposta específica de sistematização das descobertas e comprovações em torno da noção de complexo. Ele o prepara com o objetivo de expor sua intensa e produtiva jornada experimental, na seção de medicina psicológica e neurologia do *Australasian Medical Congress*, em Sydney, em 1911. Jung apresenta esta palestra ao lado de outros dois convidados: Freud e Havelock Ellis. Em cinco páginas expõe os principais pontos da teoria que desenvolveu, reunida em seus dois livros *Estudos diagnósticos das associações* e *Psicologia da demência praecox*, de acordo com o encadeamento temático indicado a seguir.

Situa a base de suas concepções sobre a natureza das neuroses e das psicoses na psicologia dos *experimentos de associação*. Coloca o fenômeno dos distúrbios do

⁶³ OC II, p. 606-611 (ou § 1349-1356)

experimento, que antes se consideravam falhas do experimento, como distúrbios causados pelo complexo, que encerra conflitos patogênicos. Relata a descoberta feita com Riklin de que os distúrbios ocorrem quando uma palavra-estímulo toca um assunto pessoal, de caráter penoso, através de uma relação simbólica ou alusão e a introdução do termo *complexo*:

Riklin e eu introduzimos o termo complexo para designar este “assunto pessoal” pois este é sempre um conjunto de idéias que se mantêm unidas através de uma carga emocional, comum a todas. Com experiência e prática é possível identificar com facilidade as palavras-estímulo que vêm acompanhadas de distúrbios especiais, combinar seu significado e, então, deduzir os assuntos íntimos da pessoa experimental. Percebe-se logo que este procedimento é da maior importância para o exame psicológico dos pacientes (JUNG (1911/1913), 1997, §1350).

Apresenta a estrutura do experimento e a utilidade de se obter as reações que ele estimula no caso das neuroses, em que já se sabe que os estados somáticos são apenas as causas predispositivas, uma vez que sua natureza é psicógena e provém de um complexo. Afirma a importância da auto-conscientização do paciente quanto a seus complexos e enfatiza a necessidade de “cautela e tato” por parte do analista na realização de tal propósito terapêutico.

Sempre referenciado na fenomenologia do experimento de associação, apresenta o comportamento do complexo e a possibilidade de sua atuação patogênica, verificada na autonomia do complexo, em relação às intenções do indivíduo. Expõe e demonstra o método de reprodução, como uma constatação da perseverança do complexo e a reprodução incorreta como uma característica dele. Usa a imagem de “vassalos rebeldes” para demonstrar a *autonomia* incomum do complexo e de seu material associativo na hierarquia da psique. Coloca a questão da emoção como fator psíquico independente e capaz de “facilmente quebrar o autocontrole e a autoconsciência do indivíduo” e estabelece a relação entre a forte carga emocional do complexo, demonstrada por pesquisas psicofísicas e sua autonomia. Define: “imagino o complexo como um conjunto de representações, relativamente independente (exatamente por causa de sua autonomia) do controle central da consciência e que está em condições de a cada momento, por assim dizer, dobrar ou atravessar as intenções do indivíduo.” (JUNG (1911/13), 1997, §1352)

Apresenta o “conceito do eu” como um complexo de idéias que, como o complexo secundário, é mantido coeso pelos sentimentos “cenestésicos” e, não tendo intenções ou inervações mais fortes que o complexo secundário, que podem ser por ele perturbadas, se coloca em paralelo ao complexo secundário autônomo e a ele se compara. Atribui os

delírios histéricos e outras divisões da personalidade à separação temporária ou à repressão de um ou de outro. Afirma que o eu pode ser substituído temporariamente pelo complexo autônomo; compara um complexo forte a uma personalidade separada, uma pequena psique secundária com intenções próprias que dobram e atravessam as do indivíduo. Assinala e justifica, assim, a superstição que fala em possessão. Diz ter provado, com o experimento de associação, que todas as neuroses contêm complexos autônomos que mudam continuamente por força da adaptação ao ambiente. Entre as psicoses, a *dementia praecox* é uma doença típica de complexo, na qual se manifesta a anatomia do complexo pela força das vozes e pela obsessão dos impulsos catatônicos e que a demência se deve à paralização do progresso da personalidade pela fixidez dos complexos. Aí se encontra a fábrica de alucinações provenientes das conexões estabelecidas pelas fantasias do complexo enquanto a direção do pensamento se desliga da realidade, optando por uma forma antiga de pensar, a forma mitológica.

No final, o autor considera que o tema já tem a envergadura de uma ciência, a psicologia analítica, por isso dispensa provas. Apresenta a referência bibliográfica a respeito de todo o assunto exposto, enumerando seus textos, entre os quais inclui *Transformações e símbolos da libido*⁶⁴, de 1912, pois no momento da publicação – 1913 – já tinha concluído esse livro.

Escrito em 1911 e publicado em 1913, este texto é uma síntese dos resultados com o experimento de associações e do texto voltado para os complexos, de 1907, que faz parte do ensaio sobre a *dementia praecox*. Por isso, em si, não encerra novidade conceitual, apenas a perspectiva já um tanto amadurecida pelos oito anos transcorridos desde o início das pesquisas, o que lhe permite se referir à sua produção como ciência e intitulá-la: psicologia analítica.

Nesta etapa da pesquisa o complexo é, para a Escola de Zurique, um assunto de cunho pessoal. A abrangência maior do inconsciente presente na constituição psíquica individual ainda não é conceituada por Jung no curso da primeira década do século XX. O alcance de visão do trabalho experimental desenvolvido no Burghölzli vai até à concepção de que os nós psíquicos, originados e urdidos no âmbito da subjetividade individual, estruturam e dão a dimensão de como o mundo interno está constituído.

*

⁶⁴ Esta obra, que marca sua ruptura com Freud, especialmente no que se refere à reformulação do conceito de libido, teve seu título alterado em 1952 para *Símbolos da transformação*.

Shamdasani⁶⁵ levanta uma hipótese interessante. Considera que a noção de complexo é inspirada na de idéias fixas de Janet⁶⁶. No trecho abaixo aparece uma caracterização desse conceito apresentada por Janet na obra *Névroses et idées fixes*:

Les idées fixes qui se présentent au cours de tant de maladies nerveuses ou mentales constituent un des phénomènes les plus intéressantes pour le médecin et pour le psychologue. D'une part, il est trop évident que ces idées, qui se développent démesurément, dans l'esprit des malades, interviennent dans la plupart des perturbations mentales et même physiques, qu'elles contribueraient beaucoup si on les comprenait bien, à les expliquer. D'autre part, il n'est pas une fonction psychologique et physiologique qui ne puisse présenter des altérations en rapport avec l'idée fixe: la volonté, l'attention, la mémoire, les émotions, la respiration, la circulation, toutes les phénomènes de la nutrition sont modifiés de toutes les manières chez ces malades. Ces modifications sont tantôt le principe, le point de départ, tantôt la conséquence des idées fixes, quelquefois elles les accompagnent sans que nous puissions bien préciser la relation de dépendance des phénomènes; mais de toutes manières elles sont très précises et réalisent souvent les plus belles expériences que le psychologue puisse concevoir (...).

Quand je l'interrogeai, elle répondit: "Ce n'est rien, ce sont mes idées qui ont passé, (. ..) c'est comme un nuage qui passe." (...) En groupant ces divers renseignements, nous dirons que le nuage est une sorte de crise d'idées si on peut ainsi dire. (...) et s'abandonne entièrement à automatisme de certains idées à peu près toujours les mêmes, qui se déroulent régulièrement dans son esprit (JANET (1898), 1914, p. XIII e 17).

Por volta do início do século XX Janet cunha a expressão “idéias fixas”, fruto de suas pesquisas junto a doentes mentais. Nelas, como ele descreve acima, se encontram muitos elementos do complexo, de Jung. Pode-se então pensar que Jung, durante suas pesquisas de associação de palavras, influenciado pela escola francesa de psiquiatria coordenada por Janet, encontra nas “idéias fixas” a base sobre a qual constrói a caracterização do complexo, a confirmação para a escuta com a qual modela sua conceituação ou, no mínimo, uma inspiração. O aspecto dos complexos que o trecho citado parece iluminar refere-se à tomada de poder do complexo sobre a mentalidade do sujeito no momento, que o torna obcecado, como o que ocorre com a idéia fixa. Mais especificamente a noção, elaborada por Janet, se assemelha ao complexo que domina a personalidade, colorindo o pensamento, o que o sujeito sente, seu modo de ver as questões e fatos da vida, numa espécie de modo obcecado de interpretá-los.

São de Janet o termo e o conceito da “autonomia” do complexo na histeria, que o derivou de Charcot nos estudos da histeria, dos distúrbios obsessivos e dos médiuns.

⁶⁵ A construção da psicologia moderna.

⁶⁶ No inverno de 1902-3 Jung vai para Paris estudar com Pierre Janet, durante alguns meses. Segundo Barbara Hannah essa viagem deve-se a uma ampliação de esforços no sentido de aumentar seus conhecimentos, já que esse momento Jung ainda dispõe de muito poucos recursos financeiros e enfrenta uma exaustiva carga de trabalho no hospital. (p. 23)

Segundo Janet, as “idéias fixas” são o modo de imunizar os conceitos em relação à mudança já que, na situação de dissociação, poderiam ser abrandados pela reflexão consciente. Além disso, enquanto “idéias fixas”, passam a ter vida própria⁶⁷.

Sensivelmente presente no modo de conceber o fenômeno psíquico do complexo, o de idéias fixas guarda semelhanças com ele. Além da autonomia, e ligado a ela, o automatismo parcial ou total; o desenvolvimento desmesurado das idéias; a presença com eventual papel de fator estrutural das doenças psíquicas; a ação modificadora sobre funções psicológicas ou fisiológicas como a vontade, a atenção, a memória, as emoções, a respiração, a circulação, sem que se possa precisar a relação de dependência dos fenômenos; sua recorrência no “espírito das doenças”. A importância de Janet está presente no desenvolvimento do pensamento junguiano com sua noção de *abaissement du niveau mental* que Jung utiliza especialmente na *dementia praecox*, no estudo de algumas patologias como no da histeria, dos processos obsessivos, na noção de *fonction du réel*, e na de idéias fixas. Várias outras pontuações e conceituações de Janet são utilizadas por Jung, nesse período inicial e em outros, como a de personalidades parciais e consciência parcial em que Jung se apoiou para caracterizar a tendência à personificação e independização do complexo inconsciente, conforme se depreende da pesquisa elaborada por Frey-Rohn⁶⁸ a respeito do complexo como personalidade parcial.

Jung refina o experimento. Ao mesmo tempo combina, continua ou aprofunda caminhos indicados por outros pesquisadores. Utiliza percepções e conceituações desenvolvidas em outras bases teóricas e contextos como pistas.

Do ponto de vista metodológico Jung fez uma fusão da metodologia experimental de Wundt, aplicada ao estudo dos tempos de reação e à pesquisa sobre associações de palavras, com o projeto da psicologia individual ou diferencial, tal como Binet e Stern a haviam estabelecido, combinando depois esses dois vetores com a abordagem clínica da psicopatologia francesa do subconsciente. Dessa maneira, ele estava tentando desenvolver um método clínico-experimental, que denominou de psicopatologia experimental. A impressão que isso deu de se poder conduzir a psicoterapia de uma maneira supostamente científica, por meio da adoção de alguns procedimentos do laboratório experimental, significou muito para assegurar a popularidade da pesquisa de Jung com as associações, em particular na América (SHAMDASANI, 2005, p. 61).

A utilização do experimento de associação pela escola de Zurique, o desenvolvimento da noção de complexo e o que isso significou enquanto comprovação de uma atividade inconsciente a partir de múltiplos centros teve um papel importante na

⁶⁷ Apud Kerr, op. cit.

⁶⁸ L. Frey-Rohn. *From Freud to Jung*. p. 32. Ver próximo capítulo deste estudo.

prática do atendimento psicológico. A psicoterapia que leva em consideração o inconsciente até então está restrita à teoria e às técnicas psicanalíticas. O conhecimento obtido com o experimento de associação envolve outros meios de acesso ao inconsciente e dá origem a uma nova psicoterapia. O conhecimento trazido com a pesquisa da escola de Zurique incorpora pressupostos teóricos que alteram a antiga concepção freudiana de psique. Também novas práticas acompanham esse desenvolvimento, a exemplo das entrevistas para pesquisar as reações que apresentam distúrbios. Tudo participa do engendramento de uma mudança e funda as bases de uma futura análise em moldes junguianos.

Capítulo 6 O desenvolvimento do conceito de complexo no interior da teoria junguiana

A noção de complexo se mantém através de todas as etapas da teoria de Jung. Enquanto construção teórica que é, não opõe resistência aos novos aportes e pressupostos que se somam aos anteriores, nem mesmo aos que a redimensionam. Do modo como foi concebido nos primeiros anos do século, o conceito vai se aprimorando, mas sua fenomenologia permanece. Sem se descaracterizar, conserva a definição inicial que Jung resume como um fenômeno composto por diversos elementos agrupados: imagens e memórias de uma experiência traumática, mantidas em estado congelado, inconsciente e de difícil acesso por parte do eu, que são mantidas ligadas pelo mesmo tom emocional. O que se acrescenta são alterações que, algumas bastante importantes, confirmam o fenômeno e o refinam.

Em 1912, no ensaio *Metamorfoses e símbolos da libido* Jung já prepara a primeira alteração, quando mostra que o conceito de complexo se enraíza num plano que extrapola o do inconsciente pessoal. Mas não chega a modificar a teoria dos complexos, embora anuncie um novo panorama teórico e um novo método de abordagem do inconsciente, o método de amplificação. Nesse trabalho, descortina o universo da psique coletiva e, com isso, reduz o lugar da concepção anterior de inconsciente, que até então abarcava o fenômeno do complexo, colocando esta noção num extrato mais profundo no que diz respeito à sua natureza inconsciente.

No mesmo trabalho, propõe uma concepção de libido como uma energia em transformação, uma linha de pensamento nova com relação ao conceito de libido que não se compatibiliza com a psicanálise, escola na qual Jung ocupa um papel institucional e científico mas, ao mesmo tempo, sempre mantém discordâncias teóricas. Isto não acontecera antes com a teoria dos complexos, conforme a estrutura nos primeiros anos do século XX que, por outros caminhos, confirma a teoria freudiana nos seus pontos essenciais da existência do inconsciente, do mecanismo da repressão e mesmo do conceito de complexo da psiquiatria visto por Freud numa dimensão inconsciente, pressupostos a que Freud chegara pela hipnose e pelo seu método de análise dos sonhos. O ensaio de 1912 é o responsável pelo rompimento entre os dois.

Em 1919 acontece a primeira alteração importante na teoria dos complexos, com a teoria dos arquétipos e o inconsciente coletivo, pela qual o complexo é acrescido de um

núcleo afetivo que aglutina associações secundárias, uma sensível alteração na estrutura conceitual do complexo, no plano da significação.

Em 1921, com a publicação dos *Tipos psicológicos*, o fator das disposições herdadas ganha dimensão e, com ele, a base teórica dos complexos se adensa. A discussão a respeito de algumas marcas da teoria junguiana que são tão afetas ao tema dos complexos, como a da equação pessoal, e a da relação do indivíduo com a cultura é posta em evidência com o brilho trazido pelas questões da tipologia.

E em 1928, com a teoria da energia psíquica, a dos complexos ganha precisão, no plano da força das emoções, ou seja, de sua carga afetiva. Toda a relação do complexo secundário com o eu fica melhor situada.

Neste capítulo importantes desenvolvimentos da teoria junguiana são colocados de modo sucinto, na sua interface com os complexos e não são aprofundados. Discussões como a relativa à ampliação do entendimento sobre a origem do complexo, que se complexifica, ou como a das implicações terapêuticas da mudança havida com a visão do inconsciente coletivo, que alçam outro horizonte, pertencem a outros capítulos, respectivamente: o 7º e o último.

Metamorfozes e símbolos da libido (1912)

A grande parte dos pacientes de Jung no Burghölzli, onde trabalha até 1909, é de psicóticos. Chama sua atenção o fato de que fantasias e sonhos de seus pacientes, assim como figuras, imagens e cenas dos delírios deles não provêm de percepções ou experiências conscientes. Até então ele dispõe do instrumental psicanalítico, um tanto genérico, para lidar com obsessões e fobias, com a neurose. Dedicava-se então à aplicação do mesmo instrumental psicanalítico à psicose. Encontra significado nas manifestações verbais e nas crenças fragmentárias e incoerentes dos pacientes esquizofrênicos. Essa atitude permite o acesso à psique dos doentes, permite buscar uma significação no incompreensível. Ouve o conteúdo de seus delírios e os relaciona aos sonhos.

Jung vê a impossibilidade de atribuir a origem das fantasias dos psicóticos à sexualidade infantil, que não comporta a riqueza narrativa ou a complexidade criativa do material delirante. As fantasias configuram padrões semelhantes ao que se encontra nos mitos e nas lendas e alguns parecem se referir a modos de comportamento ubíquos e universais. De todas as suas experiências de escuta Jung conclui pela existência de um

nível mental criador de mitos, comum aos psicóticos e às pessoas “normais”, a diferentes culturas e épocas. Em 1912 dá a essas imagens o nome de *imagens primordiais*.

Jacobi faz uma nota importante para se acompanhar a evolução do conceito no pensamento e na obra de Jung:

Em setembro de 1912, no seu ensaio *Metamorfoses e símbolos da libido*, Jung se desligou definitivamente do entendimento puramente concretista dos complexos como fatores do inconsciente pessoal e os reconheceu e pesquisou no sentido do seu conteúdo arquetípico (JACOBI, 1995, p. 36).

Nesse texto⁶⁹, Jung coloca seu método de interpretação simbólica do material inconsciente e apresenta a noção de complexo numa estreita relação de complementação e reciprocidade com as imagens primordiais, ou seja, com o plano coletivo do inconsciente. Aborda a libido por uma posição genética, a partir da visão de Schopenhauer da Vontade. Segundo a posição de Jung, a libido sexual seria apenas um ramo da Vontade ou força vital. Examina o processo de transformação da energia psíquica de mero instinto a ser descarregado em atividades com significado e intenção, que geram motivação própria, pela capacidade da mente do homem de criar analogias, pensar por metáforas. Assim, atividades que antes eram sexuais se transformaram, como a culinária, a música, a arte. Isto significa que a transformação da libido se dá por um mecanismo no interior da própria natureza humana e não pelo conflito entre a pulsão sexual e a realidade externa. E que ela acontece de modo voluntário e natural, não mediante a ameaça da castração.

O “Sacrifício”, última parte do ensaio, diz respeito à questão do incesto, que Jung coloca em contraposição à vontade de crescer, como um apego ao paraíso da infância; o desejo pela mãe seria o de voltar à dependência, à inconsciência, à irresponsabilidade. Substitui a visão literal de temas históricos, religiosos, de imagens, por interpretações simbólicas. Aborda a transformação da libido de uma forma de expressão instintiva em outra, voluntária, baseada no desenvolvimento da consciência e da maturidade psicológica, como um movimento natural que vê como fruto de dinâmicas internas e não de ameaça como a da castração. A transformação e condução da libido é feita pelos símbolos⁷⁰, isto é,

⁶⁹ Traduzido em 1916 para o inglês por *Psychology of the Unconscious*, origem da obra de Jung *Símbolos da transformação*, de 1952, depois de sofrer uma grande revisão pelo autor em relação ao original. Um dos pontos modificados foi a inclusão da noção de arquétipo que coloca como a força que estrutura a energia psíquica.

⁷⁰ Na literatura junguiana em geral, o símbolo designa um fato conhecido cuja natureza é desconhecida, enquanto o símbolo vivo, síntese tensional dos opostos, soluciona a oposição do material psíquico rico e criativo produzido pela imaginação inconsciente e assim tem um sentido de mutação, ou seja, através dele uma coisa se muda em alguma outra e a função simbólica mantém juntos os opostos. No texto indicado Jung

há uma transformação gradual da libido instintual em analogias, metáforas e símbolos, no plano consciente e inconsciente. À possibilidade dessa transformação ele atribui um sacrifício.

Como já transparece pela sùmula apresentada, o ensaio coloca uma revolução metodológica: a psique como um todo e o inconsciente em particular são abordados a partir do plano simbólico. Além disso, prepara duas grandes mudanças posteriores do pensamento junguiano, a teoria dos arquétipos e a da energia psíquica. Também prepara o terreno das alterações que acontecerão na situação do complexo no contexto maior da teoria. O complexo passa a ser considerado diretamente ligado ao eixo coletivo. Do ponto de vista da libido, os recursos interpretativos disponíveis se ampliam e se libertam dos postulados psicanalíticos. Inaugura-se com esse texto um modo junguiano de pensar o complexo. Com tal apropriação, ele deixa para trás o plano concreto das vivências e alcança a perspectiva simbólica.

Da imagem primordial ao núcleo (1919)

Assim como chegou à conclusão pelas imagens primordiais, a partir da descoberta de padrões universais presentes nas fantasias dos psicóticos, Jung conclui que há na psique um nível mental criador de mitos, Jung chega à conclusão de que, em parte, a psique é comum. A isso denomina inconsciente coletivo. Percebe também que as imagens primordiais emergem do inconsciente por conta própria, são autônomas. Aparecem em sonhos, em delírios, nas fantasias e na produção artística. Em 1919 Jung usa a palavra *arquétipo* para designar uma noção essencialmente formal, sem conteúdo. Desse modo, concebe que o que se herda não são os conteúdos do inconsciente expressos nas imagens e fantasias, mas o padrão, que é arquetípico. Os arquétipos, então, são os elementos que povoam o inconsciente coletivo.

Mais tarde faz a distinção entre as imagens arquetípicas que chegam do inconsciente à consciência, e os arquétipos, que são “significados fundamentais”, “irrepresentáveis”, núcleos incognoscíveis que jamais chegarão a ser conscientes, mas apenas interpretados. Ou seja, a compreensão possível que venhamos a ter deles será

usa a expressão *símbolo* no sentido formador e transformador. Usa-a como manifestação do arquétipo, como etapas do processo de desenvolvimento da personalidade, em que ocupa o lugar análogo do objeto do instinto, a síntese entre natureza e cultura. Nesse sentido, o símbolo tem o significado de “revelação”.

apenas aproximada, o que não impede que, no plano simbólico, ressoem em profundidade e possam trazer um sentido claro à experiência individual.

O conteúdo afetivamente acentuado, ou complexo, é constituído de um elemento central e de um grande número de associações secundariamente consteladas. O núcleo central consta, por sua vez, de duas componentes, a saber: 1) de um fator determinado pela experiência, isto é, por um acontecimento vivido e ligado causalmente àquilo que o cerca, e 2) de um fator determinado pelas disposições internas e imanente ao caráter do próprio indivíduo. (JUNG (1928), 2002, § 18).

Jung conclui que no *núcleo* dos complexos estão os arquétipos. Eles se originam das experiências humanas fundamentais que se repetem através dos tempos, acompanhadas de sentimentos e emoções. Formam um “resíduo psíquico estrutural” que se traduz por uma disposição para viver de acordo com tendências presentes no psiquismo, que configuram esquemas psicológicos inatos. Elas influenciam a experiência, na medida em que a conduzem por *padrões pré-existentes*, ou seja, “um sistema de disposição para a ação” que é inato e que constela a experiência. “Os conteúdos do inconsciente pessoal são principalmente os complexos de teor emocional que constituem a intimidade pessoal da existência. Os conteúdos do inconsciente coletivo, porém, são os chamados *arquétipos*” (JUNG (1956) *apud* Jacobi, 1995, p. 36).

No prefácio à terceira edição do ensaio *A importância do pai no destino do indivíduo*, Jung indica o alargamento de horizonte que se descortina para a teoria dos complexos:

A descoberta do inconsciente coletivo foi a responsável pelo surgimento de novos problemas na teoria dos complexos. Antigamente a personalidade se manifestava, por assim dizer, como única e enraizada no vazio; mas, agora, associada com as causas dos complexos, individualmente adquiridos, viu-se que era uma pré-condição humana geral, isto é, a estrutura biológica hereditária e inata que é a base instintiva de todo ser humano. Dessa esfera emanam as forças determinantes, como acontece em todo o reino animal, que inibem ou fortalecem as constelações mais ou menos fortuitas da vida do indivíduo. Cada uma das situações humanas normais é, por assim dizer, prevista e impressa nessa estrutura herdada, uma vez que já ocorreu inúmeras vezes em nossos antepassados. Ao mesmo tempo, a estrutura traz consigo uma tendência inata de procurar ou produzir instintivamente tais situações. Um conteúdo reprimido poderia realmente desaparecer no vazio se não estivesse preso e seguro neste substrato instintivo preestabelecido. Aqui estão aquelas forças que fazem a maior resistência à razão e à vontade e possibilitam, assim, a natureza conflitiva do complexo (JUNG (1948) 1990, p. 294).

No trecho acima aparece descrita - numa tentativa de se apreender em palavras - a implicação entre o complexo e o arquétipo, ou seja, a articulação que se dá na dinâmica do inter-relacionamento entre o inconsciente pessoal e o coletivo.

Essa dinâmica se sujeita à predominância das forças coletivas, embora o instante psíquico de constelação do complexo, o momento em que entra em cena a nova tonalidade emocional seja determinado pelo contexto psicológico pessoal. É como se o *inconsciente coletivo*, em sua condição atemporal, pairasse de modo permanente e fosse acionado pela vivência. Fica também evidente que um complexo não somente se constela como já é em si uma constelação psíquica que, enquanto tal, é produzida na esfera pessoal da vida do indivíduo.

No prefácio do livro de J. Jacobi *Complexo, arquétipo e símbolo*⁷¹ Jung situa a questão teórica do arquétipo de modo abrangente:

Já o próprio fato da existência de tipos de complexos bem caracterizados e reconhecíveis indica que eles se baseiam em fundamentos típicos correspondentes, isto é, em prontidões emocionais, respectivamente *instintos*. No ser humano os instintos manifestam-se em imaginações fantasistas, atitudes e atos irrefletidos e involuntários, que, por um lado, mantêm uma mútua harmonia interna e, por outro, são idênticos às reações instintivas do *homo sapiens*. Eles têm um aspecto dinâmico e outro formal. O último se expressa, entre outras coisas, nas imaginações fantasistas que, tal como se esperava, podem ser constatadas, pela sua surpreendente semelhança, em toda parte e em todos os tempos. (...) Para esse aspecto formal do instinto, escolhi, por motivos que não vêm ao caso, a denominação “arquétipo” (JUNG (1956) in JACOBI, 1995, p. 10-11).

Mesmo com a forte ligação entre complexo e arquétipo e sendo este o núcleo daquele, cada noção remete à especificidade do universo de cada um, aquela ao da experiência ontogênica enquanto esta, ao da filogênica. Entretanto, considerando a diferença entre esses dois planos e a filiação das noções referidas a cada um, há complexos que, desde a origem, extrapolam o plano pessoal, cuja origem está situada fora do âmbito da história pessoal.

Para estabelecer mais claramente a diferença entre os tipos de complexos Jacobi (p. 36) cita a frase “transcendental” de Jung proferida na sua conferência de *Eranos* em 1934 “Sobre os arquétipos do inconsciente coletivo”:

Alguns complexos foram apenas desligados pelo consciente, porque este preferiu livrar-se deles por meio da repressão. Há, contudo, outros complexos que nunca estiveram antes no consciente e que, por isso, nunca poderiam ser reprimidos arbitrariamente. Esses complexos crescem a partir do inconsciente e inundam o consciente com os seus esquisitos e inabaláveis impulsos e convicções (JUNG *apud* JACOBI, 1995, p. 29-30).

Com isso a autora afirma que há dois tipos de complexos de naturezas diferentes. Enquanto a reintegração dos complexos oriundos do inconsciente pessoal “têm um efeito

⁷¹ J. Jacobi, 1995, p. 10-11.

ativador e muitas vezes até curativo”, que permite a ressignificação da trajetória da pessoa, a irrupção de um conteúdo coletivo carregado “é um sinal desagradável e até perigoso” (JUNG *apud* JACOBI, 1995, p. 30).

O arquétipo pode mudar a sua aparência, que varia de acordo com incontáveis categorias de objetos, aspectos e sentidos e ainda assim conserva a identidade do seu significado, na qual há uma plenitude. Existem tantas formas originárias quanto as possibilidades de vivências básicas típicas. A plenitude de significado de um arquétipo aumenta na proporção da profundidade da camada do inconsciente da qual ele surge, assim como as possibilidades de desenvolvimento nele contidas.

Quatro arquétipos têm papel mais importante como estruturantes na personalidade: a *persona*, a *anima* ou o *animus*, a sombra e o si-mesmo. Agindo como centro do complexo, *o arquétipo atrai para si experiências significativas que se constituem em complexo*; portanto, esses quatro complexos fazem parte da constituição psíquica de todas as pessoas e, pela importância que têm, suas características individuais definem significativamente o colorido da personalidade. Ao lado desses, os outros complexos que costumam ter grande envergadura na psique como os parentais, o de superioridade e o de inferioridade.

Esta última colocação é apenas uma tentativa de circunscrever uma matéria ilimitada e extremamente complexa. Toda a vida psíquica se baseia nos arquétipos, que também podem ser vistos como situações, sentimentos, vivências, reconhecimentos, todos arquetípicos, mas qualquer delimitação ou restrição feita é em detrimento da riqueza de sentido e de relação da noção, já que cabe ao arquétipo, por sua natureza, a multiplicidade de sentidos.

Como a teoria dos arquétipos não compete ao presente estudo, apenas é indicada para introduzir o núcleo arquetípico do complexo enquanto elemento “portador de significado”, inconsciente e não submetido à vontade consciente. O outro elemento do complexo compõe-se de um grupo de associações ligadas ao núcleo, cuja origem se deve à disposição original do indivíduo e às suas vivências condicionadas pelo ambiente. De acordo com Jacobi (1995, p. 18), quando a disposição sensibilizada do indivíduo no sentido de um determinado núcleo de seu inconsciente, isto é, sua situação interna e externa, entra em choque com a realidade, a ponto de converter o elemento nuclear de *potencialmente* perturbador numa característica ativa através da carga emocional intensificada, há um complexo do determinado núcleo. Ativos e atualizados, os complexos podem, mais tarde,

opor-se abertamente às intenções conscientes e romper sua unidade, comportando-se como um corpo estranho e vivo na consciência.

Com a mudança de perspectiva trazida pelo conhecimento do plano coletivo como núcleo do complexo, a psicologia analítica responde a uma questão indicada nos primórdios da obra junguiana: sobre o conteúdo inconsciente de alguns complexos que não poderia ter sido reprimido porque nunca chegaram a ser conscientes. Era uma brecha teórica pela qual vazava uma certa discordância entre Jung e a teoria psicanalítica mas que, como não era essencial, não foi foco de discussão por parte de Jung: a repressão, apenas dizia, está presente em alguns complexos, mas não em todos. Esses outros casos que, na ocasião, ficaram em aberto, são os casos em que o conteúdo de um complexo irrompe do inconsciente coletivo, portanto não pode ter sido reprimido.

Atitudes e funções: os tipos psicológicos (1921)

Segundo Jung, sua profissão o levou sempre a cuidar da peculiaridade dos indivíduos e seu estudo clínico se volta para a pesquisa e classificação dos dados psíquicos que possa estabelecer por conclusões. Deles resulta uma fenomenologia psíquica que, por sua vez, permite uma correspondente teoria estrutural, por cujo emprego empírico chega a uma tipologia psicológica. Pelos métodos analíticos pode observar os processos psíquicos, base dos sintomas manifestos na fenomenologia psíquica. A teoria dos complexos, prossegue, lança a base de uma fenomenologia psíquica.

Os complexos, conteúdos carregados de afeto que escapam ao controle da consciência, são “focos de entroncamento da vida psíquica”, um tipo de inferioridade que é importante para que a vida psíquica se mova. Apontam à consciência da pessoa o que não está resolvido, a deficiência que deve tentar superar; cumprem uma função de avaliação da disposição individual.

Num universo de incontáveis formas de complexos, há poucas formas, básicas e típicas, originadas na infância. Uma vez que a disposição inata já está presente na infância, é nessa etapa da vida que se fundamentam as primeiras vivências pois, conforme Jung esclarece, *o complexo surge do choque entre uma necessidade de adaptação e a constituição individual inapta para suprir a necessidade*. A primeira forma de complexo

advém da primeira realidade com a qual a criança pode entrar em conflito, por isso costuma ser um complexo parental⁷².

Importa o modo especial pelo qual o complexo atua na pessoa, mais do que o fato de ele existir ou não, já que complexos sempre existem, são nosso tecido psíquico e o que nos compete é, utilizando-nos do conhecimento da teoria, estabelecer diferenciações. Mais de uma criança se vê exposta à mesma influência dos pais; seu modo de reagir, no entanto, não é o mesmo⁷³.

Voltei minha atenção exatamente para essas diferenças achando que por meio delas conseguiria discernir as peculiaridades das disposições individuais. Por que, numa família neurótica, uma criança reage com histeria, outra com neurose compulsiva, uma terceira com psicose e uma quarta talvez com nada disso (JUNG (1923), 1991, §994)?

A questão é *como* o sujeito reage a um obstáculo, qual sua decisão sobre o que fazer para superá-lo ou enfrentá-lo. Cada um apresenta um modo costumeiro de agir que pauta suas ações. Sempre estão à disposição sistemas psíquicos especiais aos quais as decisões são confiadas. Mesmo um imenso número de atitudes integra um determinado sistema e não outro; as suas peculiaridades remetem a grupos definidos.

Com a teoria dos tipos psicológicos Jung retoma antigos caminhos de construção de tipos desde a astrologia do antigo oriente que, pelos trígono dos quatro elementos definem o temperamento e destino correspondentes à natureza daquele trígono de quem nele nasce. Depois, na linguagem fisiológica, os grupos de signos se traduziram pelos tipos *colérico, sanguíneo, fleumático e melancólico*. Quando apresenta sua teoria está consciente de que tratou o assunto baseado em sua própria subjetividade, seu modo de ver ou, em suas palavras, quando responde aos críticos, “seu preconceito”, ou seja, ele também se situa em um grupo característico⁷⁴.

⁷² Mesmo no caso de crianças intitucionalizadas desde o nascimento, alguém cumpre a função de garantir a sobrevivência, representar a instituição e ocupar por si ou pela instituição o papel parental. As exceções talvez fiquem por conta de situações excepcionais como o caso relatado no filme de Werner Herzog *O enigma de Kaspar Hauser*.

⁷³ Até esse momento, Jung ainda acredita que, embora pareça haver uma variedade infinita de complexos, quando são mais cuidadosamente comparados revela-se uma quantidade relativamente pequena de formas fundamentais baseadas nas primeiras vivências da infância. Muitos complexos são vistos por Jung, mais tarde, criados de uma situação atual, como aqueles que aparecem nas crises da meia idade.

⁷⁴ A obra *Tipos psicológicos* se originou da tentativa de Jung de estudar objetivamente as características psicológicas de Freud e de Adler e talvez com isso encontrar respostas para o conflito entre ambos, já que não se tratava meramente de julgar duas opiniões a respeito da neurose. Ele sabia que a questão se baseava na divergência entre dois pontos de vista inteiramente diversos: enquanto Adler se baseava no princípio de poder em contraste com os sentimentos de fracasso e inferioridade, Freud atribuía a neurose e o caráter ao modo como a criança resolvera o que era conhecido como complexo de Édipo. O próprio Jung enfrentava dificuldade na relação com Freud para lidar com discordâncias teóricas desde o IV Congresso Psicanalítico,

Adota critérios e chega a dois tipos de atitude, uma introvertida e outra extrovertida, respectivamente, em função da retração ou da presteza para reagir diante do objeto. Relata que durante cerca de dez anos se deteve na questão das enormes diferenças entre pessoas de mesmo tipo por falta de critérios seguros que a psicologia não oferece naquele momento. Com isso, seleciona quatro funções psíquicas como critérios das diferenças encontradas: pensamento, sentimento, sensação e intuição. “Na luta pela existência e pela adaptação cada qual emprega instintivamente sua *função mais desenvolvida*, que se torna, assim, o critério de seu hábito de reação” (JUNG (1923), 1991, §1015).

Jung cunha um modo próprio de conceber cada função, que não corresponde exatamente ao que a palavra que a denomina significa para o senso comum. Desenvolve uma rica teoria baseada no tipo de atitude combinado à predominância de cada função que, duas a duas, se opõem e têm em comum a *racionalidade* – pensamento e sentimento – ou a *irracionalidade* – no caso da intuição e da sensação. As funções se hierarquizam em cada personalidade pelo nível de diferenciação, num extremo, e de inconsciência, no outro, no interior de cada um das duplas ou polaridades.

Se uma função é diferenciada ou não, é fácil de perceber por sua força, estabilidade, consistência, confiabilidade e ajustamento. Mas sua inferioridade nem sempre é tão fácil de reconhecer e descrever. Um critério bastante seguro é sua falta de autonomia e, portanto, sua dependência das pessoas e das circunstâncias, sua caprichosa suscetibilidade, sua falta de confiabilidade no uso, sua sugestionabilidade e seu caráter nebuloso. Na função inferior, estamos sempre por baixo; não podemos comandá-la, mas somos inclusive suas vítimas. ... O resultado de meu trabalho até agora é a constatação de dois tipos gerais de atitude ... e de quatro tipos funcionais ... Esses tipos variam segundo a atitude geral e, assim, produzem oito variantes (JUNG (1923), 1990, §1025 e 1027).

A teoria dos tipos psicológicos toca a questão do complexo no que se refere às disposições individuais inatas, à constituição de cada pessoa para lidar com o processo de adaptação. Esse é o ponto em que, segundo Jung, podem surgir os complexos: no cruzamento das condições psíquicas e suas necessidades combinadas às necessidades trazidas pelo ambiente, em que se dão as vivências, isto é, se estrutura nossa experiência.

realizado em Munique em 1912, quando Jung apresentou o artigo “Transformações e símbolos da libido”. Opta pelo caminho de estudar cada teoria e aplica-a detalhadamente a um caso de neurose na busca de sua compreensão. Conclui que as teorias são incompatíveis e que ambas explicam a psicologia e a psicopatologia do caso investigado, ou seja, que uma neurose pode ser investigada de dois modos opostos e que, portanto, cada investigador vê apenas por um ângulo o paciente e sua doença, mas universaliza sua visão ao não admitir a outra. Percebe que cada um vê o que corresponde à sua peculiaridade. A partir daí Jung postula as duas atitudes fundamentais: introversão e extroversão.

Dito de outro modo, os complexos nascem da relação da personalidade com o mundo, são os frutos dessa interação.

A energia psíquica (1928)

*Parece que o consciente flui em torrentes para dentro de nós, vindo de fora sob a forma de percepções sensoriais.*⁷⁵

O objetivo desta seção não comporta a apreciação da elaborada construção de Jung a respeito da energia psíquica, uma das partes mais brilhantes de seu pensamento. No entanto, os conceitos articulados da teoria serão brevemente pontuados para que o sentido maior não se perca. O ponto de vista energético escolhido por Jung é finalista, isto é, parte do efeito para a causa, em oposição ao mecanicista, que vê o fenômeno como resultado de uma causa. Para ele a energia é um conceito de relação que exprime as relações de valores psicológicos, o que requer um conceito quantitativo. Nessas bases ele passa a demonstrar seu ponto de vista energético, cujo foco é uma psicodinâmica, ou seja, a distribuição de energia pelas estruturas psíquicas.

O *valor* que se atribui a uma idéia ou sentimento faz com que exerçam uma força capaz de influenciar o comportamento do indivíduo. O valor de energia investida num elemento psicológico pode ser determinado relativamente a outros. A psique é um sistema dinâmico que constantemente avalia e atribui quantidades de energia às atividades psicológicas, que variam a cada momento uma vez que o sistema de valores, que é subjetivo, avalia quantidades energéticas.

O núcleo caracteriza-se pela sua tonalidade afetiva, pela acentuação dos afetos. Esta acentuação é, energeticamente falando, *uma quantidade de valor*. Subjetivamente é possível avaliar a quantidade de maneira mais ou menos aproximada, na medida em que o elemento central seja consciente. Mas, quando o núcleo é de todo inconsciente, como acontece freqüentemente, ou é inconsciente pelo menos em seu significado psicológico, a avaliação subjetiva torna-se impossível (...) O núcleo tem *força consteladora*, em correspondência com seu valor energético. Ele gera uma constelação específica de conteúdos psíquicos. Daí resulta o complexo que é, por conseguinte, uma constelação de conteúdos psíquicos dinamicamente determinada pelo valor energético. A proposição sobre a qual se baseia a avaliação objetiva é concebida, portanto, nos seguintes termos: *A força consteladora do núcleo corresponde à sua intensidade ou à sua energia* (JUNG (1928), 2002, §19).

⁷⁵ OC VIII/2, §288.

Um dos métodos de avaliação dos valores inconscientes é determinar o poder de constelação de um complexo. O número de associações ao redor do núcleo dá uma medida do poder de constelação ou atração do complexo, que corresponde ao seu valor ou força. Um complexo de valor alto tem um poder de assimilação das novas experiências superior ao dos outros. Para estimar o valor energético da força consteladora de associações de um complexo, há alguns modos: a observação direta do número relativo de constelações produzidas pelo núcleo, somada à dedução analítica; pela frequência e intensidade dos indicadores de complexos; pela intensidade das reações emocionais que, além de medidas pela sua duração, podem ser concomitantemente medidas pela curva do pulso, curva respiratória e pelos fenômenos psicogalvânicos. O outro recurso é instinto de conhecimento do outro que detecta até mesmo ligeiras oscilações emocionais que acusam quando e o quanto ele está sob o domínio de um complexo.

A energia que impulsiona o trabalho da personalidade é chamada de *energia psíquica* ou *libido*⁷⁶. A principal fonte da energia psíquica se origina das experiências que penetram na psique pelos órgãos dos sentidos; elas alimentam e estimulam a psique continuamente. Secundariamente, a energia vem dos instintos. As experiências do indivíduo são transformadas em energia psíquica.

O complexo, especificamente, se alimenta de novos traumas que a ele se associam com novos conteúdos de mesma tonalidade emocional e também de seu núcleo arquetípico, que exerce sobre ele uma força gravitacional e se nutre do instinto, do qual é a outra face. Este, ao interagir com a situação psíquica do momento, isto é, ao ser psiquificado passa, de fator extrapsíquico, a um fenômeno psíquico que desvia a energia de sua aplicação biológica para a psique. Desse modo, atrai e recebe energia de fontes diversas: espiritual, dos elementos da cultura, das possibilidades de trocas pessoais.

O destino da energia recebida é dirigido pelo sistema de energia preexistente que é a psique. Por não ser um sistema fechado, mas aberto a receber energia exterior, a psique se mantém em contínua atividade⁷⁷ e mudança, em busca de uma estabilidade relativa e nunca atinge um estado de perfeito equilíbrio, já que para isso precisaria ser fechado.

⁷⁶ A libido junguiana, no entanto, é diferente da libido freudiana, que é energia de natureza sexual. Na visão de Jung o conceito tem uma abrangência que extrapola a sexualidade, embora não a exclua.

⁷⁷ A contínua atividade onírica se deve à permanente atividade psíquica: a consciência, por falta de objeto, cai em relativa inconsciência, mas o elemento psíquico continua ativo. O sonho é um conteúdo da consciência que aparece ao remanescente da consciência, “do contrário não poderia ser objeto da experiência imediata” (JUNG (1928),1998, §300), assim como há vida psíquica inconsciente durante a vigília.

Para medir os estados de energia, é preciso determinar valores. A observação informa sobre os valores conscientes mas pouco sobre os inconscientes: se um valor desaparece de uma atividade consciente e não reaparece em outra equivalente, reaparecerá no inconsciente. Para medir os valores de conteúdos inconscientes a introspecção não é suficiente, porque ela avança só até certo ponto no terreno do inconsciente, já que os complexos farão as escolhas. Por isso o método de associação de palavras é um método que permite estimar o potencial energético presente no núcleo do complexo.

Os estímulos recebidos promovem uma redistribuição ou transferência permanente de energia entre as estruturas da psique. A energia psíquica se expressa por meio de forças reais ou potenciais, as predisposições e tendências da personalidade que realizam o trabalho psíquico. O arquétipo é a força que estrutura a psique e a energia psíquica, vale dizer, as propensões individuais latentes podem ser ativadas a qualquer momento. O que conta não é a quantidade de energia adicionada; importa o resultado causado na psique pela energia a ela acrescentada. As novas experiências são fonte constante de alteração no equilíbrio anteriormente atingido ou, ao menos, são um desafio sempre recolocado.⁷⁸

Uma pequena quantidade de energia pode acarretar um imenso desastre a uma psique instável, por provocar uma redistribuição maciça de energia pelo sistema. Isto descreve a irrupção de um complexo autônomo. Algo faz com que, na pessoa, aconteça uma constelação de complexo pela ativação de seu núcleo. Na constelação, a energia do complexo, que é superior, flui para o eu que, como centro da consciência é invadido pelo inconsciente. O eu, desestabilizado em algum grau, tem a tarefa de procurar conter a invasão de energia, o que nem sempre é possível. Precisar-se-á de força e determinação para canalizar essa energia excedente para alguma direção construtiva.

Em boas condições uma estimulação vinda do mundo externo se aloca na psique sem causar deslocamentos graves. Os estímulos externos e mesmo os internos podem ser promotores de vitalidade. Quanto maior a relação entre os opostos, maior a geração de energia. A psique então é concebida como um sistema *relativamente* fechado. A personalidade considerada “normal” procura habitar o terreno intermediário entre os dois pólos, em que se nutre do mundo que a cerca sem estar totalmente aberta.

A libido pode fluir em duas direções opostas: progressiva ou regressivamente. São formas dinâmicas de transformação da energia. A *progressão* da energia psíquica é um

⁷⁸ Daí a recomendação de Jung de afastamento periódico do mundo visando à recuperação do equilíbrio, o que também pode ser obtido por meio do método da meditação. O estado de autismo ou de catatonia não deixam de ser formas radicais de afastamento do mundo e impermeabilidade aos seus estímulos.

processo contínuo; refere-se às experiências cotidianas voltadas para a adaptação psicológica do indivíduo, relativa às exigências do ambiente. Desde o início da vida a predisposição da psique para o desempenho de uma das quatro funções mentais segue sua tendência; se a função se fortalece demais, pelo processo de progressão atrai a si toda experiência possível e toda energia psíquica. São os casos de *unilateralidade* em que a função principal deixa de ser adaptativa e a progressão da energia psíquica estanca nessa função, o que cria a necessidade de outra função. Para que a progressão seja retomada, o par de funções opostas deve interagir e manter influência mútua para garantir o desenvolvimento das funções psíquicas. Sem isso, a energia se paralisa e o par não se coordena. Isto corresponde à necessidade de que as funções mais inconscientes também se diferenciem para que a personalidade possa se desenvolver.

O processo de *regressão*, o movimento da libido de subtração de energia dos elementos psíquicos conscientes e de ativação do material inconsciente, lida com a adaptação às condições internas. Ela vem para interromper o processo: os contrários se despotencializam e permitem que a função oposta possa gradualmente evoluir. Para se tornar consciente passa por estranhezas, se disfarça, é rude, pitoresca, ainda encoberta pela bruma inconsciente ou, como diz Jung, pelo lodo do fundo de onde emergiu. Não utilizada, a função inferior não se desenvolve, é indiferenciada, pelo predomínio da função oposta. Ativada pela regressão, precisa conquistar um grau mínimo de adaptação ao mundo externo e ao mundo psíquico. Só então a progressão é retomada e a nova orientação poderá trazer a segurança anterior.

Para estudar a movimentação da energia pelo sistema psíquico bem como a transferência de energia de um estado mental para outro, de uma estrutura para outra, Jung usa dois princípios da física: o de equivalência, que trata do intercâmbio de energia uma para outra estrutura e o de entropia, voltado para a direção na qual a energia flui, que não é causal. Pelo primeiro, se uma quantidade de energia diminui ou desaparece de um elemento psíquico, aparecerá em igual quantidade em outro, ou seja, não há perda mas transferência de energia. Quando a energia de uma estrutura é transferida para outra, parte das características daquela também passam, embora nem todas. Assim, um complexo determinado refletirá as tendências de outro, sem perder o próprio caráter. O segundo princípio governa as trocas de energia intrapsíquicas, dão a elas um sentido que visa à busca de equilíbrio entre todas as estruturas, o que não é totalmente obtido; caso o fosse, não haveria mais trocas e a psique deixaria de funcionar. Pelo princípio entrópico a energia

tende a passar de um componente de alto valor para outro de baixo valor, até que se igualem.

A experiência prática nos ensina, de modo geral, que a atividade psíquica só pode ser substituída de maneira equivalente: assim, um interesse patológico, uma ligação intensa com um sintoma só podem ser substituídos por uma ligação, igualmente intensa, com um outro interesse (JUNG (1928) 2002, §39).

É preciso encontrar um sucedâneo de igual valor energético ou somar a ele, se for de valor menor, a complementação da quantidade de energia consciente ou sob a forma de fantasias. Nos casos das adições e dependências é necessário um equivalente mais interessante, um símbolo poderoso que possa operar uma transformação. Na juventude é quando é mais lucrativo reconhecer e apreciar de forma justa a própria instintividade normal, para que o envolvimento em acontecimentos e em novas necessidades trazidas por eles levem ao esforço e sacrifício que fortalece o caráter. Eles permitem também que haja um amadurecimento das experiências. Já as exigências da segunda metade da vida são outras, voltadas para a limitação, a simplificação, a interiorização, desafios que Jung chamou de cultura individual. Nessa etapa em que há um declínio biológico, é mais possível subordinar os instintos à esfera cultural e espiritual, por uma mudança de atitude que leva à transformação da energia.

A transformação da libido é a *canalização*. Assim como a força de uma queda d'água pode ser transformada em energia elétrica, pela imitação que a usina elétrica faz da cachoeira para as apropriar de sua energia, a psique imita o instinto e usa sua força para as finalidades necessárias. Deixado em estado natural o homem fica submetido aos seus instintos, não produz cultura ou formas simbólicas. O trabalho é o modo de desviar a energia natural para outros canais. As cerimônias dos povos primitivos para garantir a fertilidade do solo, para proteção em relação aos maus espíritos, para preparar a guerra, para saudar a primavera, extremamente complexas, demonstram a necessidade de muita atenção para dirigir a energia psíquica, que fluía habitualmente em certa direção, para uma atividade nova. São canalizações de energia e sua transferência para um análogo do objeto original por meio da dança dos rituais. Elas dirigem a atenção para o trabalho a ser realizado, como a semeadura ou a matança de búfalos e aumentam sua chance de sucesso. É como uma preparação psicológica, um aquecimento da intenção para a realização da tarefa. O símbolo é o meio capaz de transformar a energia natural em cultura e espiritualidade.

Com a teoria da energia psíquica Jung faz a defesa do trabalho concreto e do simbólico. Os complexos são desafios a serem enfrentados. Eles demandam o trabalho coordenado das estruturas psíquicas para a canalização da energia presente nas emoções. É um trabalho que vai no sentido contrário ao do fluxo natural da libido usando, porém, o potencial da natureza psíquica. É um trabalho de nível simbólico. A teoria da energia psíquica permite reconhecer os gradientes por onde a energia flui, isto é, os caminhos por ela tomados em seu movimento pelas estruturas psíquicas e, com isso, traz recursos ricos de orientação ao desenvolvimento dos seus processos.

Para Jung o trabalho do psicólogo se situa no cruzamento da alma e do corpo. Considerado um precursor da psicossomática, ele admitiu a forte correlação entre corpo e mente, embora tenha confessado a insuficiência de pesquisas empíricas para sustentar esse campo.

Capítulo 7 A teoria dos complexos

Jung produz e comunica a teoria dos complexos em 1933 - ano da ascensão do nazismo ao poder na Alemanha. Nesse ano o presidente da Sociedade Alemã de Psicoterapia, Ernst Kretschmer se demite do cargo devido às novas bases nacional-socialistas que a ela se impõem. É organizada a Sociedade Médica Geral de Psicoterapia, uma organização internacional que patrocina o 7º Congresso de Psicoterapia, realizado em BadNeuheim, na Alemanha, na qual Jung o apresenta. Ele é eleito presidente da nova sociedade, cargo que ocupa até 1940, e editor de sua publicação, o *Zentralblatt für Psychotherapie*.

Freud e sua obra são banidos da Alemanha. Há vinte anos aconteceu o rompimento definitivo entre ele e Jung. A contribuição de Freud para o desenvolvimento da teoria dos complexos, que não é decisiva, mas mais indireta e significativa, é reconhecida em público por Jung no discurso de posse na presidência da associação. Essa é a parte da obra junguiana que, de algum modo, recebeu a sua influência, especialmente no uso da associação livre e no conceito de repressão, encontrado em uma parte dos processos psíquicos pesquisados pela escola de Zurique nos primeiros anos do século XX: de 1903 a 1908. Sem falar no compartilhamento da concepção de psique parte inconsciente e parte consciente, uma vez que Jung lê os textos freudianos desde 1900, divulga-os no hospital mental e aplica parcialmente seus pressupostos teóricos e sua técnica. É o caso de lembrar que a teoria dos complexos já existe quando os dois se conhecem, em 1906, e estabelecem uma parceria por praticamente sete anos. Estas questões serão retomadas adiante, noutro capítulo.

O texto de 1934

Em 1934 Jung⁷⁹ publica o texto apresentado no Congresso: “Considerações gerais sobre a teoria dos complexos”. É o último e o mais completo que produz especificamente sobre o assunto e o considera “um quadro inacabado”, do qual constam apenas os “fatos fundamentais” da teoria. Escreve-o num momento já maduro da teoria dos complexos, acrescentada pelo desenvolvimento de boa parte da obra junguiana. Portanto, o próprio texto sintetiza a teoria e os conceitos presentes nele a constituem.

⁷⁹ OC VIII/2, §194 - 219.

Os conceitos apresentados no texto pontuam os elementos e funções ligadas ao complexo, as características mais notáveis da sua fenomenologia. Por esse motivo os principais serão desenvolvidos a seguir, agrupados ou separados, com a finalidade de ampliação de seu significado. Distinguir os elementos mais fortes presentes no complexo ou suas funções é um artifício que atende a um fim didático. Fazê-lo demanda a separação e o isolamento forçado e artificial de algo que existe apenas enquanto fenômeno integral. É uma proposta de organização do material rico e multifacetado que está ligado ao complexo, na tentativa de não retomar simplesmente as idéias que o texto coloca, mas de desdobrar alguns de seus sentidos.

O complexo afetivo

O que é, portanto, cientificamente falando, um “complexo afetivo?” É a imagem de uma determinada situação psíquica de forte carga emocional e, além disso, incompatível com as disposições ou atitude habitual da consciência. Esta imagem é dotada de poderosa coerência interior e tem sua totalidade própria e goza de um grau relativamente elevado de autonomia, vale dizer: está sujeita ao controle das disposições da consciência até um certo limite e, por isso, se comporta, na esfera do consciente, como um corpus alienum (corpo estranho), animado de vida própria (JUNG (1934), 1998, §201).

O complexo é a imagem de uma situação psíquica determinada, provavelmente de uma experiência específica, de tonalidade emocional própria. Como tem a característica de não se conciliar com as convicções da consciência, vive separado dela e perde as possibilidades de a ela se integrar posteriormente devido à assimilação e desenvolvimento, o que explica a coerência e consistência internas que apresenta.

A compactividade do complexo também se deve à idêntica tonalidade emocional ou afetiva que liga entre si as diversas partes que o constituem e as subordina sob uma qualidade única e comum. Atraídas pela força do núcleo, se estabelecem e se amalgamam no mesmo “lugar” psíquico. A partir de tal estabelecimento, o complexo vive de modo isolado, “como um *corpus alienum* animado de vida própria” e assimila automaticamente novas experiências do sujeito que lhe soam do mesmo modo, pois compartilham a mesma tonalidade emocional.

Como a natureza dos complexos se assemelha à dos organismos vivos, são independentes e únicos, emanam certa estranheza. É como se neles ressoassem as vozes profundas do coletivo. A autonomia de que desfrutam existe às expensas da mente

consciente que, por isso mesmo, os teme. Afinal, é desconfortável sentir uma fonte independente, estrangeira e peculiar de energia operar em nossa psique.

Pode acontecer que um conteúdo permaneça inconsciente por ser vítima do mecanismo da repressão, em que a consciência seja hostil a ele e o impeça de tornar-se consciente. São os casos em que esse conteúdo por si atingiria a consciência mas é impedido ou mantido à margem do processo de conscientização. No entanto, a teoria da repressão não pode ser aplicada a todos os casos. Ocorrem situações em que tenha se formado um conteúdo de grande intensidade energética a partir de materiais inconscientes incapazes de se tornarem conscientes; a consciência terá de esperar sua chegada que pode demorar muito para acontecer⁸⁰.

Os conteúdos do complexo se relacionam com a qualidade do próprio núcleo por compensação ou por complementaridade, assim como com a qualidade do eu, por sua vez núcleo da consciência. Da qualidade do núcleo resulta uma escolha de conteúdos psíquicos excitados. A força de atração do núcleo do complexo constelado pode atrair a atenção da consciência. Isto costuma estar na dependência de sua carga energética mas esse fator pode ficar subordinado ao conteúdo do complexo e ao estágio de desenvolvimento da consciência do indivíduo em relação ao seu próprio processo psíquico.

O processo de assimilação

No texto de 34 Jung compara a importância do método na psicologia moderna, com o da física, que estão acima do objeto, já que a psique é indefinida, variável, ilimitada e, por isso, causa perturbação quando o procedimento metodológico de pesquisa é o das ciências naturais. Assim, a pesquisa psicológica precisa partir de premissas empíricas ou arbitrariamente definidas para observar a psique à luz das alterações ocorridas no modo de observação e no método que deriva dele, já que o psíquico aparece como uma perturbação no método.

O experimento de associação desenvolvido por Jung e sua equipe atesta que é impossível isolar artificialmente uma função psicológica; o fenômeno psíquico acontece de modo integral e não há como separar um de seus elementos. O complexo é justamente o

⁸⁰ É o caso de um conteúdo inconsciente ser o que Jung chamou de *neoformações psíquicas criadoras* que, por sua estranheza, demandam o percurso pela formação de associações e abertura de um caminho que atinja a consciência, por meio da diferenciação ou ruptura de relações com os conteúdos lá já existentes (OC VIII, 2002, §19).

conteúdo que provoca o distúrbio, é sempre acompanhado por manifestações emocionais e representa uma dimensão composta, daí a denominação *complexo de tonalidade afetiva*. A *situação da experiência*, que é psíquica e se interpõe entre a experiência e o processo psíquico gera o fenômeno da *assimilação*, assim como o da *constelação*, que caracterizam a situação psíquica do sujeito durante o experimento.

A *assimilação* por parte do sujeito pesquisado é uma interpretação equivocada da experiência que envolve sua disposição e a intenção do experimento. Ela o leva a ver o experimento eventualmente como um teste de inteligência, por exemplo, ou uma tentativa indiscreta e disfarçada de olhar por trás dos bastidores. Tal comportamento autônomo de sua psique, a inferioridade, perturba o método, porque encobre o processo que é objeto do experimento, como costuma acontecer nas experiências de associação. É devido a ela que, no experimento de reprodução, fica difícil lembrar a resposta dada. “Foi então que descobri os *complexos de tonalidade afetiva*, que anteriormente eram registrados sempre como falhas na reação” (§196). Jung explica que a intervenção da assimilação circunscreve o valor do experimento, embora não o anule.

Com isso, o estudo dos complexos mostrou que não há processos psíquicos ou vitais isolados e que, portanto, não se pode estudar a psique desconsiderando essa condição. Verifica-se então que há uma limitação no experimento. Na dimensão psicológica da situação experimental, os indivíduos reagem de modo bem diferente daquelas situações em que não está presente o fator clínico.

Constelação : na terra é como no céu

A situação de teste, por si, propicia que os complexos se constelem, uma vez que a interação entre as personalidades presentes, a do paciente e a do analista, criam um campo psíquico favorável à constelação de complexos. No domínio dos processos psíquicos complicados, diferentemente daqueles relativos à sensorialidade, por exemplo, a disposição da experiência é ilimitada e indeterminada. Essa situação da experiência é chamada de *constelação*.

Este termo exprime o fato de que a situação externa desencadeia um processo psíquico que consiste na aglutinação e na atualização de determinados conteúdos. A expressão ‘está constelado’ indica que o indivíduo adotou uma predisposição de expectativa, com base na qual reagirá de forma inteiramente definida. A constelação é um processo automático que se manifesta involuntariamente e que ninguém pode deter por própria vontade. Esses

conteúdos constelados são determinados *complexos* que possuem energia específica própria. Quando a experiência em questão é de associações, os complexos em geral influenciam seu curso em alto grau, provocando reações perturbadas, ou provocam, para as dissimular, um *determinado modo de reação* que se pode notar, todavia, pelo fato de não mais corresponderem ao sentido da palavra-estímulo (1934, VIII, § 198).

Mesmo com a tentativa de dissimular idéias, como o uso dos *predicados de valor*, que são os atributos afetivos usados pelas pessoas inteligentes para manter o objeto em questão afastado, quase todos que se submetem à experiência têm seus complexos capturados pelas palavras-estímulo e apresentam sintomas de perturbação. “Podemos associar estas experiências às medidas elétricas de resistência empregadas pela primeira vez para tal fim por Veraguth, onde os chamados *fenômenos reflexos psicogalvânicos* proporcionam novos indícios de reações perturbadas pelos complexos” (§198).

Dito de outro modo, a constelação é o ponto a partir do qual a tomada de poder da consciência pelo complexo é irreversível, ou seja, o momento em que a perturbação da ação intencionada causada pelo complexo acontece e ele se prepara para se instalar. O fundamento da perturbação é a constelação. Ela costuma ser deflagrada a partir de alguma situação externa à psique, que a afeta. Quando acontece uma constelação de complexo, é criado o panorama inicial da sua ação sobre a psique como um todo. É um processo automático e involuntário que acontece com elementos psíquicos com significado e energia, ou seja, com determinada qualidade e quantidade de valor - ideio-afetivos - reunidos em torno de um núcleo consciente ou inconsciente. Esse núcleo portador de força gera ou aciona significados psíquicos. “Daí resulta o complexo que é, por conseguinte, uma constelação de conteúdos psíquicos dinamicamente determinada pelo valor energético” (JUNG (1928), 2002, §19). Dito de outro modo, os complexos são os próprios conteúdos constelados, que levam o indivíduo a reagir de forma definida a partir de uma predisposição, “uma atitude preparatória de expectativa” (JUNG (1934), 1998, §198), que determina uma reação.

O complexo, fruto de uma constelação, gera novos complexos, põe em ação outros já existentes e também pode ser responsável por constelarem-se associações secundárias futuras. Tanto a consciência do momento quanto o inconsciente são frutos de uma constelação complexa e são agentes de constelações. As constelações, “parcialmente conscientes e em parte inconscientes, produzidas pelos complexos” (OC IV, §335), trazem em si a semente da mudança psíquica. Uma constelação de complexo direciona a condição psíquica já existente para uma modificação. Seu condicionamento múltiplo não pode ser

reconduzido a um só fator, no plano interpretativo, mas a uma multiplicidade deles, que se colocam ou não em posição de poderem ser reconhecidos pelo eu.

Segundo o que Jung coloca no texto de 34, o complexo se constela a partir de uma situação externa. No entanto, ele pode se constelar a partir da própria psique do indivíduo. A constelação é uma iniciativa criadora do núcleo, por sua vez condicionado pelo contexto externo e por pré-disposições internas individuais, coordenadas ou não com outros fatores. Embora uma situação externa costume ser o motor que põe em andamento a constelação de um complexo que, por sua vez, cria uma configuração psíquica global, consciente e inconsciente, já que pressupõe a instalação de uma tonalidade afetiva na psique, esta referencia uma *experiência psíquica* que pode não estar relacionada com o mundo externo. O campo das neuro-ciências tem muito a dizer a respeito, por exemplo, dos casos em que as pessoas pouco percebem do mundo externo por efeito de surdez, cegueira, diminuição das sinapses, rebaixamento do estado de consciência, e outras situações.

Independentemente de situações de deficiência sensorial ou cognitiva, em que outros estados de consciência podem estar presentes, mesmo nos indivíduos em situação de funcionamento genericamente considerado “normal”, os momentos de mergulho na interioridade trazem constelações psíquicas a partir do mundo interior, em que a situação exterior pouco ou nada conta. Isto propicia que o indivíduo volte a interagir com o mundo externo a partir de uma constelação gerada intrapsiquicamente e tenha condições de fazê-lo a partir de um grau mais elevado de consciência a que a experiência interna o levou. A nova constelação então é banhada pela renovação do olhar do sujeito que saiu da esfera de consciência condicionada pelo movimento do mundo concreto para mergulhar na profundidade abissal do mundo interno, fonte em que se nutriu. Corriqueiramente certas fantasias podem emergir e sua ação alterar o modo como a pessoa pensa ou sente.

Jung escolheu esse termo inspirado nas constelações das estrelas celestes que, em sua forma e dinâmica, por seu movimento, lembram o que se passa na psique. Uma das características que se repetem entre os homens, na Terra, e entre os astros que têm luz própria, no céu, é o fato de mudarem de posição. O termo constelação foi escolhido porque os complexos mudam sua atitude. Assim como as constelações no céu mudam de lugar, eles ficam mais ou menos favoráveis, especialmente os complexos mais importantes, com uma estrutura de energia como o complexo materno ou o paterno. Com isso, propiciam diferentes fases ao indivíduo. Os sonhos podem anunciar essa mudança.

Equação pessoal

Nenhum pesquisador, por mais objetivo e isento de preconceitos que seja, pode abstrair de seus próprios complexos, porque estes gozam da mesma autonomia que os das outras pessoas. Não pode abstrair deles, porque estes dependem do indivíduo. Na verdade, os complexos fazem parte da constituição psíquica que é o elemento absolutamente predeterminado de cada indivíduo. Por isso, é a constituição que decide inapelavelmente a questão de saber que concepção psicológica terá um determinado observador. A limitação inevitável que acompanha qualquer observação psicológica é a de que ela, para ser válida, pressupõe a equação pessoal do observador (JUNG (1934), §213).

A equação pessoal⁸¹ do observador, colocada no texto da teoria dos complexos é uma das contribuições fundamentais de Jung. Essa reflexão particulariza e diferencia a psicologia junguiana das outras, pelo papel que atribui à subjetividade. Embora não tenha sido o criador da expressão, Jung foi um forte defensor dela e, retomando-a em inúmeros momentos de sua obra, deu-lhe um contorno próprio. Alguns aspectos serão aqui retomados como ilustrativos dessa preocupação. “A limitação inevitável que acompanha qualquer observação psicológica é a de que ela, para ser válida, pressupõe a equação pessoal do observador” (§213). Segundo ele a equação pessoal diz respeito à posição que se assume previamente, com ou sem consciência, diante de uma experiência e que transparece no significado que se dá a ela. Toda interpretação está prenhe das premissas de seu autor. Por isso ele considera que cada teoria psicológica – e nisso inclui a sua própria – é uma confissão subjetiva⁸². No texto de 34, tomada como a resultante dos complexos de alguém, Jung a condiciona à constituição psíquica de cada indivíduo.

Tal noção já está em Schopenhauer, que fez parte das leituras filosóficas de Jung quando ainda bem jovem, conforme explicita em *Tipos psicológicos*: “Psicologicamente, ‘mundo’ quer dizer o que eu vejo como mundo, minha atitude perante o mundo. Assim, o mundo pode ser considerado ‘minha vontade’ e ‘minha representação’”.

⁸¹ Utilizada atualmente na psicologia experimental a equação pessoal, oriunda da astronomia, designa um cálculo aplicado aos erros provenientes das discrepâncias nos registros dos trânsitos de corpos celestes no observatório de Greenwich, no começo do século XIX, entre cada par de observadores. Produziu-se uma grande quantidade de experimentos astronômicos voltados para o estudo da equação pessoal. Esses estudos envolviam sofisticadas tecnologias de medição de tempo em milésimos de segundo e a organização social do laboratório de astronomia, em que foi relacionada a distribuição do tempo às medidas de desempenho de tarefas simples, executadas pelas pessoas. A psicologia fisiológica, que nasceu entre 1860 e 1870, se valeu deles para investigar o fator individual; a partir deles Wundt desenvolveu a metodologia para o estudo quantitativo dos processos mentais (Apud Shamdasani, 2006, p. 44-45).

⁸² Esta posição, conforme apresentado no cap. 1, Jung assumiu com um caráter de aprendizado filosófico, vários anos antes da elaboração do texto aqui discutido. Ela aparece, entre outros textos, no artigo “A divergência entre Freud e Jung”, de 1929, § 774.

Na primeira década do século XX Jung mantém contato pessoal com Einstein. Em carta ao escritor Carl Seelig, em 1953, Jung⁸³ relata seus encontros com Einstein nos primeiros anos do século XX, a alguns dos quais Bleuler estava presente. Nesse período de desenvolvimento da primeira teoria da relatividade, Einstein expunha aos ouvintes seus principais fundamentos. Portanto, Jung teve contato com as idéias de Einstein que com ele partilhou a descoberta de que *o observador interfere no fenômeno observado*.

Durante esse mesmo período, Jung desenvolve a reflexão a respeito de *assimilação do experimento*, em que já considera a interferência do sujeito nos resultados do experimento.

William James, filósofo que conhece pessoalmente em 1909, na Clark University⁸⁴, também contribui com subsídios para Jung desenvolver a noção de equação pessoal. Em sua obra James dá ênfase às armadilhas inevitáveis da observação psicológica devido às variações subjetivas dos psicólogos que limitam o resultado de suas pesquisas às suas idéias pré-concebidas, isto é, as teorias não passam de modos mentais de adaptação à realidade. Com isso, diz ele, as características pessoais criam regras de caráter universal. Essa episteme anárquica gera um problema que James configura com a reformulação da noção de “equação pessoal” que, segundo ele, podia cair em formas típicas como o radicalismo ou a moderação. Coloca sob suspeita as descobertas da psicologia experimental. Voltado para a expressão das nuances de estados de consciência, faz o elogio da subjetividade. Em 1907, em *Pragmatismo*, James afirma que o temperamento do filósofo é seu pressuposto fundamental. Em psicologia a equação pessoal leva inevitavelmente à indagação de *qual coisa* se afirma e *quem* a afirma. A observação do outro, assim como a observação de qualquer fenômeno é limitada e até determinada pelo que a individualidade do observador permite ver, interpretar e comunicar.

Por ocasião da produção dos *Tipos psicológicos*, em 1921, a psicologia complexa adota a noção de equação pessoal e a ela condiciona a possibilidade da psicologia como um conhecimento científico da subjetividade. A abordagem crítica da consciência é um dos pilares do rigor de Jung. Considera a tipologia um instrumento crítico para o pesquisador em psicologia “para ordenar a profusão quase caótica das experiências

⁸³ *Cartas*, 2002, v. 2.

⁸⁴ No rascunho de *Memórias* havia um capítulo sobre James que afinal foi excluído da versão publicada. Nele, Jung tenta transmitir o relato de seu contato com James e sua dívida intelectual para com ele. Entre outros aspectos, Jung o tinha como modelo e valorizava extremamente a atitude receptiva de James que, assim como Flournoy, o ajudou em suas dúvidas e dificuldades, atitude que nunca mais encontrou (apud Samdasani, 2006).

individuais”. Faz menção à riqueza dos depoimentos subjetivos que constituem o material com que o pesquisador que se dedica à avaliação de um material empírico com o qual se depara. Refere-se também aos que se voltam para a pesquisa teórica, já que têm de lidar com tantas teorias e às fontes bibliográficas de pesquisa, que precisam ser cuidadosamente selecionadas sem perder de vista o fator subjetivo de seu autor e considerar a quem seu texto se dirige, por quais teorias ele é informado e aquelas usadas por ele para construir suas afirmações, etc. Mesmo nesse momento o trabalho do psicólogo não deve dispensar o fator subjetivo subjacente ao material de que se utiliza ou àquele que escolhe, em que seus próprios critérios, interesses, pontos de vista, preferências e preconceitos ditarão a consecução da tarefa.

Na mesma reflexão Jung alerta ainda ‘os psicólogos praticantes’ que não desprezem a tipologia psicológica como meio indispensável para determinar seu próprio equacionamento pessoal, uma vez que fornece o conhecimento a hierarquia das suas funções diferenciadas e inferiores, o que pode evitar que ele se confunda ou se equivoque no modo de ver seus pacientes (OC VI, §1057).

Autonomia, compulsividade e dissociação

O complexo costuma ser autônomo, isto é, resiste à intenção consciente, por sua natureza inconsciente em constante movimento vai e vem “a seu bel prazer”. É uma estrutura e um fator psíquico cuja existência e ativação independem das razões e intenções do complexo do eu. A *compulsividade* presente na dinâmica do complexo, é o que faz com que a intenção da consciência submerja frente ao movimento de constelação. Esse *automatismo*, característica terrível do complexo, leva o indivíduo a se sentir impotente perante a vida emocional, já que seu início, duração e principalmente sua finalidade acontecem por uma ativação autônoma de seu núcleo. Rompe-se a continuidade do comportamento, para estranheza do sujeito que, no entanto, passa a ser dominado repentinamente por motivações incontroláveis num contexto emocional impulsivo e imediatista.

Quando os complexos são estimulados, a pessoa afetada dá provas de distúrbio emocional⁸⁵. Aparece aqui a importância do elemento desencadeador do afloramento do complexo; muitas vezes, o estímulo provém do ambiente externo em que a pessoa se encontra. Desse modo, quando tocado por uma situação externa, o complexo é ativado e se constela na psique. A constelação de um complexo provoca uma reação emocional automática, sua tão conhecida compulsividade que, além de cega, é comparável à rapidez do raio: como expressão do impulso inconsciente, por coação dinâmica, chega antes do pensamento e geralmente não pode ser detida por ele. Conforme Jung insistiu em demonstrar, nesse plano o pensamento e a vontade não são soberanos mas, ao contrário, falham em sua ação e designações, em graus variáveis, enquanto o controle da psique escapa à esfera consciente. Em 1925 ele enfatiza a compulsividade do complexo autônomo:

Quando observamos a mente vemos um fenômeno autônomo no qual existimos como espectadores ou mesmo como vítimas. É como se deixássemos a proteção da casa e fôssemos nos defrontar com os monstros da floresta. (...) O inconsciente é impressionante (JUNG, 1925).

Se a quantidade de energia psíquica contida no complexo for maior que a do eu, a inconsciência automaticamente o vencerá. Jung reafirma a *dominação do complexo sobre o eu*, numa afirmação que se tornou emblemática da teoria dos complexos:

Hoje em dia todo mundo sabe que as pessoas “têm complexos”. Mas o que não é bem conhecido e, embora teoricamente seja de maior importância, é que os complexos podem “ter-nos”. A existência dos complexos põe seriamente em dúvida o postulado ingênuo da unidade da consciência que é identificada com a “psique” e o da supremacia da vontade. Rompe-se a unidade da consciência e se dificultam mais ou menos as intenções da vontade, quando não se tornam de todo impossíveis. A própria memória, como vimos, é muitas vezes profundamente afetada. Daí se deduz que o complexo é um fator psíquico que, em termos de energia, possui um valor que supera, às vezes, o de nossas intenções conscientes; do contrário, tais rupturas da ordem consciente não seriam de todo possíveis. De fato, um complexo ativo nos coloca por algum tempo num estado de não-liberdade, de pensamentos obsessivos e ações compulsivas para os quais, sob certas circunstâncias, o conceito jurídico de imputabilidade limitada seria o único válido (JUNG (1934), 1998, §200).

Sob uma constelação o indivíduo é tomado pela força do complexo, o que equivale ao fato de que a energia psíquica, nesse momento, migrou para o inconsciente e, portanto, deixou a consciência privada da ação de suas funções como a vontade, a memória, a atenção, a percepção, o pensamento. Diante de tal configuração energética, os atributos da

⁸⁵ Conforme foi apresentado no capítulo 4, Jung demonstrou esse distúrbio, no início do século, não só medindo o prolongado tempo de reação às palavras-estímulo mas também registrando a profundidade da respiração do sujeito – pelo galvanômetro - a resistência elétrica de sua pele e sua pulsação.

consciência ficam num estado de rebaixamento que é proporcional à força do complexo. Numa situação assim a arrogância da racionalidade é desbancada; diante da natureza *indomada*, a vontade nada pode. Jung⁸⁶ usa a expressão *numinoso*⁸⁷, de Rudolf Otto, para caracterizar esse aspecto do complexo.

O complexo se comporta como se fosse um *ser vivo*: exerce sua independência, é em alguma medida consciente ou só inconsciente, tem vida própria, procura manter-se vivo, forte, atuante. Verdadeira psique fechada, ele condiciona o pensamento, o modo de sentir e de agir. O próprio fato de levar uma vida própria faz com que o complexo tenha a atmosfera dos organismos vivos, uma fonte estrangeira e peculiar de energia agindo em nossa psique, o que o torna amedrontador à consciência, enquanto um grupo autônomo de associações que têm a tendência de movimento próprio e independente de nossa intenção consciente. Sua autonomia é mantida às expensas da mente consciente que, no entanto, tende a negar a existência do complexo, enquanto cegamente suporta o desconforto que, em tal situação de inconsciência, ele costuma produzir, como certa dose de pressão psíquica que se manifesta por um condicionamento aprisionante no modo de sentir e agir da pessoa.

Jung⁸⁸ credita à psicopatologia francesa, especialmente a Pierre Janet, o conhecimento que adquiriu da *dissociabilidade da consciência*, resíduo do estado de espírito primitivo – “no sentido de original” – expresso aceitação de várias almas, além dos deuses e espíritos, por parte dos primitivos. Coloca o complexo como um *fragmento psíquico desprendido* e com determinado grau de *autonomia*. Neste ponto faz uma observação sobre a perigosa possibilidade de desintegração psíquica, já que a existência dos complexos traz a evidência da *consciência fragmentada*. Equipara o complexo às personalidades fragmentárias que possuem consciência própria embora declare que ainda não está resolvido se “fragmentos psíquicos tão diminutos como os complexos são também capazes de ter consciência *própria*”.

Cada um desses fragmentos existe lado a lado, relativamente independentes uns dos outros, e pode a qualquer tempo revezar-se mutuamente, ou seja, possui cada um elevado grau de autonomia (§ 202).

⁸⁶ C.G. Jung. Considerações gerais sobre a teoria dos complexos. In *A natureza da psique*. §216.

⁸⁷ Otto usa a palavra para denotar a consciência que está no fundamento da experiência do sagrado, a constituição de um *mysterium tremendum* que inspira veneração e temor. Na psicologia junguiana o termo é sinônimo de fascinosum, para indicar o caráter com que uma coisa, cujo sentido é ignorado ou ainda não conhecido, se transforma em força que fascina a consciência do sujeito. Às vezes entra na categoria do numinoso a experiência que a consciência faz do inconsciente, aquele outro diferente de si (PIERI, 2002, p. 347).

⁸⁸ *Ib.* §202.

Desde sua monografia sobre os fenômenos ocultos, em que identifica duplas personalidades, personalidades parciais sonambúlicas e outras divisões da personalidade, Jung deixa subjacente a idéia de personalidade unida, de totalidade. Com isso concebe a psique como um conjunto constituído por múltiplas partes distintas e singulares associadas, pertencentes a um todo superior e elabora o modo de conceber as relações entre elas e entre a personalidade parcial e a total. Essas partes, no entanto, podem se dissociar em graus variados o que a caracteriza como dissociável, no sentido de ela não ser uma unidade.

Segundo Jung há dois tipos de dissociabilidade. Uma delas diz respeito aos conteúdos reprimidos, à incompatibilidade deles com as disposições conscientes; a outra, aos conteúdos que ainda não se tornaram conscientes, não foram percebidos subjetivamente.

Os complexos – notadamente os de grande envergadura - têm uma espécie de vida paralela. Em estado inconsciente não se convertem em experiências subjetivas capazes de se relacionar com outros elementos da subjetividade com os quais possam se compor num conjunto minimamente integrado; longe dessa possibilidade, ficam excluídos de um sentido compartilhado. São separados do restante do psiquismo, num alijamento ou espécie de segregação. Devido a tal situação são passíveis de se constelarem sem serem anunciados, de forma desmedida e abrupta, evocados quando um estímulo da realidade externa ou interna remete para o estado de alma complexado, situação propícia para aflorarem.

Complexo e trauma

Na concepção de Jung, as múltiplas relações que existem entre o complexo e o *trauma* permitem que sejam considerados como um mesmo fenômeno psíquico. Não cabe focar nesta pesquisa a revisão teórica da noção de trauma feita por Jung (OC vol. IV, § 205 a 406) desde seu nascimento na teoria psicanalítica, onde passou por mais de uma revisão importante, até o modo junguiano de concebê-lo. Em vez disso importa enfatizar o imbricamento existente entre a visão junguiana do trauma e a valorização da relação analítica e da transferência - portanto da análise como instrumento de cura para o trauma⁸⁹. A característica fundamental da visão junguiana do trauma é o fato de que ele acontece a

⁸⁹ Na leitura que faz da obra de Jung a respeito dos complexos, Liliane Frey-Rohn (1969, p.13-40) atribui aos complexos que contêm expressiva carga energética a qualificação de traumas. Para Jung, os núcleos do fundo da alma são os complexos potencializados emocionalmente.

partir de uma pré-disposição do indivíduo. Essa visão fica confirmada com a teoria dos arquétipos, de 1919, em que são amplamente discutidas as disposições inatas da personalidade individual. É a base sobre a qual a situação de momento faz eclodir o trauma.

Depois da Primeira Guerra Mundial e seu caráter eminentemente traumático, ressurgiu a discussão a respeito da teoria da origem traumática das neuroses; ela tinha perdido importância no meio científico, que já tinha conhecimento da pré-existência de uma tendência doentia quando surgiam os sintomas clínicos de uma neurose. Entretanto, a manifestação de neuroses em que a predisposição neurótica é insignificante ou não é encontrada, exceção feita às neuroses de guerra nas quais ao trauma se soma um histórico neurótico anterior, fez com que o trauma, no contexto do ambiente psíquico do campo de batalha passasse a ser compreendido como fator central. Nesse caso,

... o trauma ou é uma comoção definida, única e intensa, ou é um complexo de idéias e emoções, comparável a uma ferida psíquica. Tudo quanto tocar nesse complexo, por mais insignificante que seja, vai desencadear uma reação extraordinariamente violenta, uma verdadeira explosão emocional. Assim sendo, o trauma poderia ser representado como um complexo de intensa *carga* emocional (JUNG, (1921) 1999, p. 2).

Jung esclarece como a carga explosiva passa a ser confundida com a causa patológica, o que promove a adoção de terapêutica focada na descarga. Apoiado em William McDougall, desmente a crença de que, ao ser retomada, a afetividade da vivência traumática diminui progressivamente de intensidade até deixar de causar perturbação. Aponta então como o método da ab-reação se mostra ineficiente, já que não elimina o fator essencial da neurose, a dissociação psíquica. Por sua autonomia, o complexo se subtrai ou até se contrapõe ao domínio da vontade, atacando a disposição da personalidade consciente de modo comparável a um animal selvagem, imagem pela qual o afeto traumático aparece no sonho.

Hoje em dia podemos considerar como mais ou menos certo que os complexos são *aspectos parciais da psique dissociados*. A etiologia de sua origem é muitas vezes um chamado *trauma*, um choque emocional ou coisa semelhante, que arrancou fora um pedaço da psique (JUNG (1934), 1998, §204).

Nesta imagem Jung equipara o complexo ao trauma, revelando sua concepção de que os dois se originam do mesmo modo e causam igualmente uma “dissociação imediata”, totalmente independente da consciência do eu, que costuma ser “pronunciada”. Com isso, a liberdade da ação do complexo é ainda maior e, somado à sua força de assimilação permite que, de modo particular, assimile inclusive o eu. A esse estado Jung chama de *identificação*

com o complexo, conceito que designa uma *modificação passageira e inconsciente da personalidade*, que ele equipara à *possessão*.

Se o complexo traumático leva a uma dissociação da psique, nesse sentido os conceitos de trauma e de complexo não só se complementam e se associam e com isso oferecem um matiz ao fenômeno do complexo mas, acima de tudo, mostram uma equivalência no sentido de se originarem de um evento externo que desencadeia o mesmo efeito sobre o equilíbrio psíquico: “arrancou fora um pedaço da psique”.

É oportuno lembrar que nem sempre a energia do complexo secundário é superior à do eu; geralmente isso não ocorre. Jung, no trecho citado, bem como na maior parte do texto descreve a fenomenologia de um complexo caracteristicamente poderoso, porque precisa explorar o potencial do fenômeno psíquico para não deixar de registrá-lo no que tem de mais próprio, os seus mais notáveis modos de se manifestar. O autor mesmo diz que o valor energético do complexo “supera, às vezes, o de nossas intenções conscientes”⁹⁰ (§200)⁹¹. Muitas vezes o eu tem energia suficiente para manter sua consciência íntegra ao menos em boa parte, mesmo que temporariamente despotencializada. Caso contrário, os casos de dissociação da consciência em personalidades múltiplas não seriam incomuns. Eles ocorrem quando o eu não viveu ou não conseguiu preservar minimamente seu processo de integração. Alguns autores chamam os complexos genericamente de traumas baseados no pressuposto de que, se todos temos complexos, em algum grau podemos nos dissociar e passamos por isso de tempos em tempos.

Tumor ou fragmento vital?

Jung compara ainda os complexos infecções ou a um tumor maligno que nasce sem a participação da consciência e pode crescer indefinidamente a ponto de ocupar o espaço de outros órgãos ou contaminá-los. São os casos em que um complexo é dominante na personalidade do indivíduo, caracterizando-a e impedindo seu desenvolvimento, por ele bloqueado e condicionado. Por isso a consciência faz todo tipo de esforço para anular sua real existência. Não só não o vê, como nega e ainda contraria sua existência. Toda defesa parece ser necessária para fazer frente a um tumor em desenvolvimento, novo ou antigo, mas também àqueles aparentemente inertes que, em estado latente, podem ser reinvestidos

⁹⁰ Trecho de frase inserido em citação maior no subtítulo “Autonomia e compulsividade”, deste capítulo.

⁹¹ O grifo é meu.

de energia quando menos se espera. Mesmo que a consciência consiga reprimi-lo, o que demanda um esforço, ele pode voltar à superfície com toda sua força.

Ao mesmo tempo, Jung vê os complexos como “*manifestações vitais da própria psique*”, daí sua universalidade. Afirmar ainda que os complexos autônomos estão entre os “fenômenos normais da vida e determinam a estrutura da psique inconsciente”. Se por um lado uma constelação perturba a consciência, por outro pode enriquecê-la pelos símbolos novos que traz, que propiciam um significado importante, útil para o momento psíquico: seu conteúdo contém uma informação que deixa entrever a função transformadora ali encerrada. A vida psíquica pode ser considerada uma constante sucessão não aleatória de constelações que dão a dinâmica ao processo de maior ou menor interação entre a consciência e o inconsciente.

Termina o texto caracterizando os complexos como “fragmentos psíquicos desprendidos”. Com isso, além de sublinhar seu caráter dissociado, refere-se ao fato de que geralmente é um pequeno fragmento e sua ocorrência na psique é inevitável, incontável mas não infinita.

Outras considerações teóricas

Se o tecido psíquico é constituído por complexos, é fácil avaliar a dificuldade de apreender todo o universo que os envolve. A seção anterior reúne os elementos estruturais da teoria, que Jung deixa indicada mas não concluída. Mais tarde, reformula alguns conceitos presentes no texto de 1934 – sobre a teoria dos complexos – como o de cisão psíquica. Em praticamente todos os seus textos há referências aos complexos, mesmo naqueles posteriores a 1934. A partir de tão vasto e diluído material, que inclui quase toda a obra, os autores junguianos fizeram suas sínteses dos complexos. Dentre eles, pequenos trechos dos clássicos, os discípulos ou contemporâneos de Jung, contribuem em alguns momentos deste capítulo para compor aspectos teóricos aqui selecionados. A seleção dos comentários se deveu ao interesse, à clareza com que foram expostos, à importância ou sutileza do que abordam, aos novos desenvolvimentos pós 34. O mesmo pode ser dito de alguns autores contemporâneos que vêm trazer luz ao intrincado fenômeno dos complexos.

Nesta parte os conceitos não estão separados, mas vão sendo requeridos no encadeamento da compreensão do processo psíquico aqui referido aos complexos.

Origem, composição e dinâmica geral: um fragmento imantado em expansão

*... a psique não é uma unidade e sim uma pluralidade contraditória de complexos*⁹²

O complexo surge de um acontecimento afetivo, nasce com ele. No entanto, se enraíza nas condições psíquicas com que cada um de nós chega ao mundo, já que tais características inatas são pré-disposições ou tendências da personalidade que, até certo ponto, moldam nossa experiência afetiva. É um aspecto psíquico parcial que se rompe; desprendido do todo da psique, se torna independente. Na medida em que é separado da consciência e privado das oportunidades posteriores de reintegração, pela assimilação e pelo desenvolvimento que ele desencadeia na dinâmica psíquica, forma uma estrutura relativamente compacta e alijada no interior do organismo psíquico. Formação inconsciente, é um ponto sensível, também chamado de órgão ferido.

Uma vez constituído, o complexo funciona como uma espécie de núcleo psíquico; como um ímã, atrai elementos de significado afetivo semelhante que a ele tendem a se aglutinar, numa rede fechada de conteúdos psíquicos intercomunicáveis, carregados de energia.

Meier⁹³ lembra que a palavra “complexo” deriva do verbo latino *complector*, que significa abraçar, envolver, embaraçar, entrelaçar, circundar, apoderar-se de, enquanto o verbo *compleo* significa preencher completamente, transbordar. Complexo então significa o conteúdo da psique que constitui um todo relativamente auto-suficiente - o “vaso” é completamente preenchido ou transbordado – formado de diversas partes que são sustentadas conjuntamente, entrelaçadas e mutuamente embaraçadas, promovido por uma forte tonalidade emocional ou afetiva que é igual e comum a todas elas. Descreve assim dois importantes traços da fenomenologia e da dinâmica do complexo: a rede associativa de conteúdos que se atraem e formam o corpo do complexo; a constelação do complexo que preenche o vaso psíquico e preside a mentalidade do indivíduo, que pensa e sente por ele. Pode também ocasionar um transbordamento do conteúdo do vaso, quando a carga de afeto for muito grande em relação à do eu.

O complexo tem a propriedade de assimilar automaticamente outras experiências do sujeito que remetem ao seu tom emocional, ainda que por contraste, já que pela oposição são evocados, ou as que de algum modo se harmonizam com ele. Isso ocorre tanto em

⁹² OC VII, §323.

⁹³ Carl A Meier. *The psychology of C.G. Jung*. vol. I: *The unconscious in its empirical manifestations*.

relação a novas experiências como em relação a outros centros psíquicos já existentes e atuantes que, atraídos, a ele se acoplam. Seu espectro pode aumentar a ponto de não ser esporádica a associação de dois ou mais complexos que podem ser ativados de modo separado, mantendo a distinção inicial, ou reunidos. Neste caso, às vezes tornam-se um emaranhado de conteúdos aparentados pelo tom do afeto como, por exemplo, pela mesma dor. Isto talvez se dê por uma questão de super ativação do núcleo de um deles que pode atrair experiências que se associam eventualmente até por terem sido concomitantes e, com isso, por extensão do ambiente interno traumático, um mesmo significado as tenha unido àquelas já acopladas a ele antes. Depende também da qualidade da situação psíquica do momento e da direção do processo psíquico que está sendo vivido por aquela pessoa, isto é, do sentido do processo.

O emaranhado que um complexo forma, portanto, não é só a expressão vivencial de um único arquétipo, sua ressonância na vida pessoal. Ele costuma reunir ações de diversos padrões arquetípicos, que contêm afeto e experiência pessoais. Essas são as “partículas” que o integram, as associações que se agregam ao núcleo principal. Na expressão de von Franz, “um complexo é um núcleo psíquico de idéias carregadas de sentimento”(1997, p. 43).

A capacidade de aglutinação de conteúdos afins, ou seja, de elementos de mesma tonalidade emocional depende da carga energética do complexo. Jung⁹⁴ explica que esse “aglomerado de associações” às vezes é traumático; outras, só doloroso e altamente acentuado mas sempre dotado de certa tensão ou energia própria. A expansão das associações propicia um entrelaçamento que pode ir se ampliando à medida do tempo decorrido de inconsciência, a ponto de se verificar um amalgamento expandido de idéias às vezes não muito próximas que, entretanto, pelo efeito da cadeia associativa, guardam entre si forte vinculação.

Em 1946, no artigo “Considerações teóricas sobre a natureza do psíquico”, Jung caracteriza a dissociabilidade da psique.

Esta peculiaridade (o fenômeno da dissociação psíquica) se deve ao fato de que a ligação dos processos psíquicos entre si é uma ligação bastante condicionada. Não somente os processos inconscientes dependem notavelmente das experiências da consciência, mas os próprios processos conscientes revelam uma frouxidão muito clara ou uma separação entre uns e outros. Limito-me apenas a recordar aqueles absurdos ocasionados pelos complexos e que podemos observar com a máxima precisão desejada nas experiências de associação (JUNG (1946), 1998, §365).

⁹⁴ OC XVIII/I, § 148.

O complexo intervém na vontade, perturba as intenções e interfere como um ser humano ou uma circunstância exterior: move-se como que por vontade própria. É um componente da consciência que pode se configurar como personalidade definida e se comporta mesmo como uma personalidade parcial, o que atesta não haver uma unidade da consciência, mas a dominação da psique por cada constelação de complexo, ou seja, por “consciências” parciais. O inconsciente é indefinido: reúne um conjunto desconhecido de complexos ou de personalidades fragmentárias.

Apesar de a pessoa procurar evitar a existência do complexo, por ser acentuado demais, ele é difícil de ser conduzido. Seus conteúdos encontram-se ligados a reações fisiológicas. Quando encerra uma emoção de tônus alto é como se o complexo tivesse um corpo próprio, até certo ponto localizado no corpo, o que o torna incontrolável por estar arraigado. Conforme von Franz esclarece embora a pesquisa de Jung se estendesse ao campo psicossomático, ele nunca considerou os fenômenos corporais concomitantes como *causas* de indicadores de complexos, apenas como fenômenos concomitantes. Esses indicadores fisiológicos alteram-se em resposta à emoção. Jung foi, assim, um dos primeiros experimentalistas a demonstrar os efeitos dinâmicos de conteúdos mentais esquecidos, “reprimidos”. Trata-se do grau relativamente elevado de autonomia do complexo que perturba o processo psíquico normal, já que funciona de modo autônomo e arbitrário, ou seja, vive na esfera inconsciente numa existência à parte, fora do domínio do sujeito.

O amalgamento também acontece nos efeitos produzidos pelo complexo: tanto a visão da pessoa é alterada pelo complexo, ou seja, suas idéias, seu modo de conceber as situações como isso, por si, causa uma alteração emocional, ela é afetada pelas fantasias que são do complexo e, nessa situação que pode ser chamada de “complexada”, as toma como suas. No plano empírico, idéia e afeto não estão separados; ao contrário, juntos, eles constituem a vivência. Acontece que esse novo conteúdo trazido pelo complexo⁹⁵, mesmo que não seja inusitado, assim como a emoção que o acompanha e que por sua vez o colore, passarão inexoravelmente a fazer parte da experiência do indivíduo, ou seja, deixarão suas marcas que se imprimirão em outras situações a serem vividas quando a constelação passar. Mas isso é bem complexo, já que a influência de uma constelação não é linear nem necessariamente negativa ou conservadora mas pode propiciar o vislumbre de uma nova

⁹⁵ É novo no sentido de que acontece pela primeira vez naquele contexto afetivo específico.

configuração consciente. Quem sai da situação de constelação já não é o mesmo que era antes dela.

Segundo a síntese de Frey-Rohn⁹⁶, em sua primeira exposição⁹⁷ Jung coloca o complexo como “unidade superior”. Já na de 1907 ele argumenta que cada partícula reproduz o tom emocional da totalidade do complexo e seu afeto correspondente irradia o conjunto da massa da representação. Assim, para Jung, o complexo forma um conjunto com coerência interna, uma “unidade superior” que se relaciona com a totalidade do psiquismo por meio da irradiação de sua tonalidade afetiva. Em seu comentário ela atribui tal característica de unidade psíquica do complexo, que Jung reconheceu desde suas primeiras pesquisas, como fecunda em seu trabalho.

A autora destaca desse modo a importância que Jung sempre atribuiu à conexão existente entre a idéia e o afeto, ou seja, entre a representação e o tom emocional presentes em todo o complexo, em si “completo e total”. Para ela as propriedades de coerência e estruturação do complexo se deviam em grande medida à “conexão permanente entre tom emocional e representação”⁹⁸. Em outro momento Frey-Rohn aponta a tonalidade emocional como a própria “conexão existente entre conteúdo e emoção”⁹⁹. Para ela, a *dissociabilidade do complexo* só se confirmou em casos cujos elementos emocionais eram muito intensos, como nos casos de esquizofrenia. Jung confirmou a hipótese do complexo como unidade psíquica em diversos fenômenos como o demonstram, em *Metamorfoses e símbolos da libido*, as “idéias primitivas” ou “protopensamentos” e nas “imagens primitivas”, concebidas como um todo, como uma unidade de sentimento e idéia¹⁰⁰. De configuração complexa, o complexo mantém sua coerência e consistência devido à tonalidade emocional específica, originada de determinado tipo de experiência inconsciente.

Há uma distinção entre complexos de que se tem conhecimento e que, portanto, são conscientes em alguma medida, daqueles que são totalmente inconscientes. Jacobi¹⁰¹ considera que os primeiros têm mais chance de serem integrados à consciência enquanto os

⁹⁶ Liliane Frey-Rohn. *De Freud a Jung*, p. 30.

⁹⁷ A autora se refere ao artigo “Psicanálise e o experimento de associação”, de 1905.

⁹⁸ Id. *From Freud to Jung*, p. 22 .

⁹⁹ Id., *De Freud a Jung*, p. 30.

¹⁰⁰ Assim também, segundo a autora, mais tarde Jung encontrará a união de imagem e instinto na imagem arquetípica e, por fim, deu expressão à conexão interna entre “imagem de situação e instinto”, na definição da imagem como “sentido da pulsão”. Cita os estudos de Jung: “Instinto e inconsciente”, de 1919, OC VIII/2 e “Considerações teóricas sobre a natureza do psíquico”, de 1946, OC VIII/2.

¹⁰¹ Jolande Jacobi. *Complexo, arquétipo e símbolo*.

do segundo tipo permanecem completamente impossibilitados até de serem reconhecidos e ficam totalmente sujeitos à ação autônoma. Estabelece, a partir desse diferencial, tanto a possibilidade de sua integração quanto a ocorrência da dissociação psíquica. Estes últimos, segundo ela, têm *uma natureza promotora de dissociações que destrói a unidade da psique*.

A questão da consciência ou desconhecimento de um complexo se desdobra em inúmeros graus e deles depende o maior ou menor alcance do trabalho possível de ser empreendido pelo eu enquanto articulador entre as diferentes esferas psíquicas. Por motivos como esse o eu, embora represente uma parte mínima da psique, tem um papel fundamental: é um agente organizador da experiência psíquica.

Frey-Rohn¹⁰² destaca que Jung afirma existirem *complexos conscientes* que, entretanto, continuam sendo inconscientes já que sua intensidade afetiva, que se manifesta na produção do curso associativo, na corrente de consciência em geral, não foi razão suficiente para atrair o eu. Jung defende que, mais importante em complexos de importância capital, sempre há uma parte importante, embora indeterminada, do núcleo afetivo que permanece inconsciente, assim como todos os conteúdos conscientes têm relação com a obscuridade do inconsciente. “Em muitos casos, o verdadeiro significado psicológico se mantém inconsciente.”

Numa reafirmação dessa posição Frey-Rohn usa a imagem da cebola sendo descascada. Nela, uma ou mais camadas de um complexo inconsciente podem ser integradas pela personalidade consciente, mas o núcleo, não; ele retorna, porém, em estado latente para o inconsciente e deixa de ser um problema real.

Para Jung, mais importante que a qualidade de consciente do complexo era sua maior ou menor conscienciabilidade, o *manter conscientes* tanto as contradições afetivas e o significado psicológico do núcleo, a base de interpenetração entre o ‘consciente’ e o ‘inconsciente’. (FREY-ROHN, 1991, p.34)

A autora lembra que, para Jung, quase todos os complexos são inconscientes não necessariamente por efeito de uma repressão de conteúdos ocorrida no passado, mas pelo desconhecimento de novos processos que se iniciam no inconsciente. Quanto ao grau de inconsciência variam desde uma inconsciência relativa, como no caso dos atos falhos, passando por casos de maior independência ou autonomia, até aqueles de alienação declarada, em que a inconsciência é total. O fato de existirem complexos conscientes não

¹⁰² *Ib.*, p. 33.

evita seus efeitos inconscientes, assim como o conhecimento de um complexo não garante que ele possa ser controlado.

Em concordância com o desfecho positivo da integração só parcial de um complexo a autora considera que não deve ser desvantajoso para a pessoa, já que “*também pode ser benéfico viver consciente de seu complexo*”.

O eu e o complexo

Estrutura complexa, o *eu* é o cerne e o centro da consciência. É considerado por Jung como um complexo: enquanto parte da psique, condensa conteúdos carregados de energia, tem um núcleo arquetípico, tem autonomia, é compulsório, é uma psique parcial fechada, com seus próprios pensamentos, afeto, memória. No entanto o complexo do eu se diferencia dos outros em vários aspectos. Experimentado como identidade, o eu é o único complexo de representações *conscientes*. Tem função mediadora entre o indivíduo e o mundo, entre a consciência e o inconsciente, assim como entre o plano individual e o coletivo. Por isso o eu é o porta-voz da psique enquanto articulador da sua percepção do mundo externo e do interno. Isto significa que ele pode fazer tanto o papel de mera ponte para as projeções dos outros complexos, identificando-se com eles, como o de diferenciação dos demais complexos, de reconhecimento das projeções e identificações.

Produto da experiência, o eu é dotado de certa quantidade de energia disponível, a força de vontade. É um centro constituído de uma percepção geral de nosso corpo e existência e, também, dos registros da memória.

Se os conteúdos psíquicos forem pouco intensos, permanecem em estado subliminar, sem conseguir ultrapassar o limiar da consciência. Para que o sujeito tenha consciência deles, é necessário serem dotados de certo grau de energia psíquica. (JUNG (1946), 1998, §363). Com isso se esclarece o ponto de vista de que a esfera inconsciente não abriga apenas o que foi esquecido, passou ou foi reprimido, mas também os processos subliminares como aquelas percepções dos órgãos dos sentidos “demasiado fracas para atingirem a consciência (...)”. (JUNG (1927),1998, §709) Os conteúdos do inconsciente transpõem o umbral da consciência quando sua energia é ampliada; também os conteúdos da consciência, quando perdem energia, mudam de esfera, passam para o estado subliminar, inconsciente. O processo psíquico permanece idêntico, mesmo que ele não tenha sido representado (JUNG (1946),1998, §366) .

A carga de afeto é responsável pelo grau de autonomia dos outros complexos em relação ao eu, isto é, se a carga é menor que a da consciência, o indivíduo, embora sob a influência do complexo durante o período de constelação, não terá sua mentalidade

totalmente dominada por ele, nem será afetado fortemente, além de ter mais condições de impedir ou minimizar sua manifestação.

De acordo com Jacobi¹⁰³ sob o impulso do complexo ascendente a consciência se “quebra”, invadida pelo inconsciente. Seu impulso faz o complexo atuar como um corpo estranho na esfera da consciência, inibindo ou estimulando suas produções. Com o rebaixamento do umbral da consciência, o *abaissement du niveau mental*, na expressão de Janet, a energia é subtraída da consciência e o indivíduo, de um estado consciente ativo, passa a um estado passivo, aprisionado.

O complexo que deste modo ascende à consciência atua como um corpo estranho no espaço da mesma. Este complexo possui harmonia e integridade próprias, e um grau relativamente elevado de autonomia. Representa, em geral, a imagem de uma situação psíquica alterada, com determinada carga emocional (...). (JACOBI, 1963, p. 72).

O eu não se curva às revelações da esfera inconsciente, que ele desconhece; ameaçado pelo desconhecido, teme perder o controle da vida psíquica. Esse controle, entretanto, pode ser sua maior fraqueza, já que mantém a unilateralidade da consciência o que, em si, reduz em muito a capacidade anímica e mantém o indivíduo numa posição de fragilidade. Von Franz explica: “De acordo com a minha experiência, ocorre com muita frequência que a exigência de prestígio do Eu não permite uma ‘compreensão melhor’” (VON FRANZ (1988), 1997, p. 180).

O distúrbio mental é concebido como produto da dissociação de complexos opostos entre si. A cisão psíquica é a ocasião em que são evidenciadas as perturbações afetivas e alterações da experiência que reúnem o que não se compatibiliza com o eu e que, portanto, ele gostaria de suprimir. Os elementos distintivos e, ao mesmo tempo, genéticos, de uma variação do estado psíquico do complexo, sua capacidade de ser um “não” ao eu, se expressam na intensidade do complexo.

Na situação oposta à do complexo do eu está a sombra pessoal, aquilo que faz parte da personalidade e não é aceito pela consciência; portanto, é o que geralmente nem chegou a ser reconhecido por ela; são os conteúdos dos complexos inconscientes e de parte dos que estão em processo de se tornarem conscientes.

Uma vez reconhecida a existência de um complexo por parte da consciência, ela precisa identificar seu conteúdo, aceitá-lo e só então tem início o diálogo entre a consciência e complexos, um processo de diferenciação entre o eu e as figuras do

¹⁰³ J. Jacobi. *La psicologia de C. G. Jung*, p. 71.

inconsciente para que as fantasias coletivas, nele presentes, possam ser reconhecidas e separadas do eu. Nessa etapa, outra questão energética se coloca. Para que um complexo seja integrado à consciência precisa ser vencido pelo complexo do eu, ao qual passa a pertencer a força dos complexos.

O trabalho de reconhecimento e aceitação dos conteúdos, emoções e sentimentos ativados ou relacionados à rede associativa de um complexo é fruto de um aprofundamento na interioridade que pode levar a um alargamento da consciência. Esse difícil processo, pleno de paradoxos, passa por um fortalecimento da estrutura do eu que também precisa se abrir, ou seja, ir em busca de seu devido lugar na personalidade. O reconhecimento por parte do eu de seu próprio papel na personalidade pede uma grande dose de humildade e amadurecimento por parte do indivíduo. A partir de tal reconhecimento o eu e a consciência como um todo passam a ser instrumentos do desenvolvimento da individualidade. O eu é uma ferramenta que precisa ser afiada, caso contrário causa prejuízo à personalidade. Bem usada, cumpre uma função psíquica preciosa e intransferível.

O complexo é um permanente desafio a ser enfrentado pelo eu, vale dizer, pela consciência. Meta que não se atinge a curto prazo, o fortalecimento do eu pode ser considerado o sentido central do trabalho com os complexos, processo que tem uma direção. Passa pela efetivação de operações psíquicas extremamente delicadas e complexas.

A respeito do eu, von Franz se refere à “luzinha” da consciência do ego, na qual Jung descobriu o significado último da existência:

Seja como for, o ego consciente do ser humano é um mistério indevassável, por mais familiar e subjetivo que nos pareça. Ele se afigura como um complexo (...) a que o nosso sentimento de identidade está vinculado no começo da juventude, mas que, perto do fim da nossa vida, na velhice, fica cada vez mais distante. Jamais podemos ver objetivamente o nosso próprio ego ou, se porventura o virmos, o faremos apenas a partir de seu reflexo via inconsciente. Ele desperta das profundezas toda manhã e reflete o mundo exterior diante de nós em imagens interiores. É o centro e o sujeito de todos os atos pessoais conscientes e de todos os esforços e realizações voluntários de adaptação. Parece ter uma estrutura quaternária, porque, quando estudou a maneira como os indivíduos se adaptam ao meio ambiente com a “luzinha”, o ego, Jung descobriu que se podiam dividir essas tentativas de adaptação em quatro formas básicas de atividade psíquica ou função psicológica: a função sensação (...), a função pensamento (...), a função sentimento (...), a função intuição (...) (VON FRANZ 1997, p. 43-44).

Pelo reconhecimento das funções auxiliares da consciência Jung atribuiu a ela um papel crítico em relação ao mundo interior mas também à cultura, plano que se manteve

vivo em seu pensamento pela herança romântica. Reconheceu que há funções e tipos psicológicos valorizados pela cultura e outros desvalorizados. A diferenciação das funções e dos tipos em cada um de nós passa pelo reconhecimento e aceitação das fantasias presentes nos complexos como partes atuantes na psique, ou seja, consciente dessas tendências de sua natureza instintiva a pessoa tem a possibilidade de começar a escolher outro modo de se orientar no mundo. O novo modo provavelmente contraria não só a tendência interna de sua subjetividade, unilateralizada, que só exercita o uso de uma função e de um tipo, mas também a tendência da cultura vigente que, por meio de certos valores sociais e culturais, mantém um imaginário coletivo rígido. O processo de confronto com as fantasias coletivas internas e externas e sua diferenciação do eu, que passa pela tensão entre o par de opostos consciência/inconsciente, acima de todos os outros, abre as portas para o desenvolvimento da personalidade individual.

Projeção e alteridade: grandezas incompatíveis

Os complexos são o verdadeiro calcanhar de Aquiles do ser social. Talvez eles não afetem tanto a existência de alguém que se tornou um eremita, pois geralmente irrompem no limiar da relação do ser humano com o mundo. Sob a força da constelação do complexo verdadeiros desastres são causados. Os relacionamentos podem sofrer abalos ou, no mínimo, se desgastam, uma vez que a visão cega do complexo imprime aos fatos um sentido unívoco e, portanto, radicalizado. Vemos o que está fora de nós a partir das fantasias do complexo, que alteram o valor dos objetos sobre os quais depositamos nossos conteúdos. A obstinação em não ceder a outro ponto de vista está sempre presente na interpretação do que acontece à nossa volta. Com isso, o complexo dirige nosso modo de viver, condicionando obstinadamente a versão que damos aos eventos, ao mundo, ao outro.

A visão condicionada pelos complexos caminha no sentido oposto ao da alteridade. Não permite que a realidade do outro seja levada em conta e, o que é pior, como é unívoca e inconsciente de si, também não considera essa evidência nem sequer como uma possibilidade. Desse modo mantém as portas fechadas à consideração da verdade do outro, que não é visto ou ouvido. O outro só existe enquanto pode reverberar ou ecoar a subjetividade do indivíduo; por isso nem mesmo nesse caso é considerado enquanto outro.

Encontra-se aí a raiz da projeção. Os conteúdos inconscientes, por serem inconscientes, só são vistos quando projetados no outro ou no mundo; é com eles que a

pessoa se relaciona, enquanto imagina que está se relacionando com o outro. Aí está uma dupla ilusão: se consideramos que tais aspectos – inconscientes – vistos fora de nós não nos pertencem, não percebemos que estamos nos relacionando com partes nossas no outro, ou seja, ao invés de nos relacionarmos com a alteridade do outro, nem sequer o vemos tal como ele é, encoberto pelo véu de nossas projeções.

Os núcleos psíquicos autônomos, ou seja, os complexos dissociados, estão presentes em todos nós. Essa tendência não se refere a uma condição patológica. O perigo psicológico reside exatamente em negar a existência de tais sistemas autônomos, pois eles continuam a funcionar de qualquer modo, aceitos ou não e criam distúrbios de vários tipos. Desse modo não podem ser compreendidos ou assimilados, permanecem projetados operando fora de nós e têm um efeito negativo sobre a personalidade.

No prefácio ao livro de J. Jacobi *Complexo, arquétipo e símbolo*, Jung¹⁰⁴ se refere ao papel dos complexos na vida do consciente e ao fator mais impressionante nesse fenômeno que é sua autonomia perante os outros conteúdos do consciente. Jung toca, assim, no ponto nevrálgico da atuação dos complexos na dinâmica psíquica, ou seja, a espécie de invasão de conteúdos inconscientes sobre o eu, que fica provisoriamente submetido à força do complexo. Prosseguindo a caracterização dos complexos, afirma seu caráter obsessivo e muitas vezes possessivo, que contraria a capacidade de adaptação do consciente. Afirma também que, como a emoção central, o polo de atração de associações, é uma aquisição individual, o assunto é exclusivamente pessoal.

Os mesmos elementos são escolhidos por Jung¹⁰⁵ para definir a sombra. De natureza inconsciente, ela é a reunião dos traços obscuros do caráter, das inferioridades do indivíduo, qualidades pertinentes à personalidade que são de natureza emocional, têm certa autonomia e portanto são de tipo obsessivo ou possessivo. O conceito de sombra se liga, entre outros processos psíquicos, ao processo de cisão: os conteúdos da psique rejeitados pelo complexo do eu se reúnem em complexos que provocam mudanças e alternâncias de personalidade¹⁰⁶. Portanto, os complexos e a sombra participam do mesmo processo; os complexos são partes cindidas da personalidade que fazem parte da sombra. Marcados pela obscuridade e inconsciência, pelo caráter compulsivo e dominador sobre a consciência, fazem parte do inconsciente, cujos conteúdos foram forjados a partir da experiência de cada

¹⁰⁴ Jolande Jacobi, *op. Cit.*, p. 9.

¹⁰⁵ OC IX/2, § 14 e 15.

¹⁰⁶ Paolo F. Pieri. *Dicionário junguiano*, p. 477.

pessoa, o que deixa aberta a possibilidade de que cheguem à consciência, possam ser percebidos e visualizados.

Pode acontecer uma projeção dos conteúdos inconscientes no exterior e, então, se vive em estado de isolamento, num verdadeiro auto-erotismo ou “autismo”, mantendo relações ilusórias com o outro e com o mundo que, nesse caso, são cobertos por véus projetivos. Nesse processo a relação não se dá com o outro mas com o conteúdo da projeção que é feita sobre o outro e que é uma parte de quem projeta.

Ora, sabemos pela experiência médica que a projeção é um processo inconsciente automático, através do qual um conteúdo inconsciente para o sujeito é transferido para um objeto, fazendo com que este conteúdo pareça pertencer ao objeto (JUNG (1936), 2000, § 121).

Quem projeta não é o indivíduo, é o próprio inconsciente. A projeção não é criada, “ela já existe de antemão”. Os traços são obscuros por pertencerem ao inconsciente enquanto, por serem inferiores, nele se resguardam, já que não puderam ainda ser assimilados pelo eu. Sua autonomia significa que, de modo automático, eles podem invadir a psique e deixar o indivíduo sujeito à emoção descontrolada em algum nível.

Muitas vezes é trágico ver como uma pessoa estraga de modo evidente a própria vida e a dos outros, e como é incapaz de perceber até que ponto essa tragédia parte dela e é alimentada progressivamente por ela mesma. Não é a sua consciência que o faz, pois esta lamenta e amaldiçoa o mundo desleal que dela se afasta cada vez mais. Pelo contrário, é um fator inconsciente que trama as ilusões que encobrem o mundo e o próprio sujeito. Na realidade, o objetivo desta trama é um casulo em que o indivíduo acabará por se envolver (JUNG (1950), 1998, §18).

As relações estabelecidas a partir de projeções são ilusórias, imaginárias e fazem com que a pessoa se isole em relação ao mundo exterior, sem possibilidade de estabelecer trocas verdadeiras, uma vez que elas a aprisionam numa concepção própria e inescrutável. À espera de um mundo impossível de existir, vive-se sentimentos dolorosos de incompletude e de esterilidade que se atribui à má vontade ou maldade do mundo, enquanto não se percebe que as projeções são o real impedimento de se relacionar de modo claro e direto com o que está fora.

Jung (1948)¹⁰⁷ diz que projetamos nossa própria psicologia sobre nossos semelhantes e então acreditamos que eles são como os imaginamos e que o mundo é como o vemos. Na relação com o mundo interior, as reações subjetivas são expressão do quanto é doloroso entrar no mundo de sombras em que se escondem os componentes da

¹⁰⁷ C. G. Jung apud Jacobi, 1988, p. 13.

personalidade não aceitos pelo indivíduo mas também as fantasias provenientes do inconsciente coletivo, que se dá a conhecer através de projeções.

(...) não é difícil perceber a sombra como *anima* e *animus*. (§35)

Em princípio, a ação da *anima* e a ação do *animus* sobre o eu são idênticas. É difícil eliminá-las, primeiro porque são bastante poderosas e enchem imediatamente a personalidade do sentimento inabalável de que ela está de posse da justiça e da verdade e em segundo lugar porque sua origem foi projetada, e parece fundada consideravelmente em objetos e situações objetivas.(...) A notória rigidez destas opiniões se explica, no fundo, pelo fato de que uma forte ação sugestiva promana do arquétipo. Este fascina a consciência e a mantém hipnoticamente prisioneira (...)

A autonomia do inconsciente coletivo se expressa nas figuras da *anima* e do *animus*. Eles personificam os seus conteúdos, os quais podem ser integrados à consciência, depois de retirados da projeção. Nesse sentido, constituem *funções* que transmitem conteúdos do inconsciente coletivo para a consciência. (...) Mas se surge uma tensão, a função até então inofensiva se ergue, personificada, contra a consciência, comportando-se mais ou menos como uma cisão sistemática da personalidade ou como uma alma parcial (...) (JUNG (1950), 1998, §34-35).

Entretanto, enquanto portadoras de ilusão e engano, as projeções trazem a experiência do choque entre nossos preconceitos e a verdade do outro, o que nos alerta para a existência delas. Com isso, impõem o aprendizado fundamental da realidade. Segundo von Franz, o mesmo inconsciente que gera as projeções, noutros momentos do desenvolvimento interior pode corrigi-las e ressignificar sua imagem da realidade. O indivíduo se torna capaz de retirar os véus projetivos com que encobriu o outro e o mundo e se relacionar sem preconceitos. “A projeção cessa no momento em que se torna consciente, isto é, ao ser constatado que o conteúdo pertence ao sujeito” (JUNG (1936), 2000, §121).

Os “pontos obscuros” têm sua face positiva. Enquanto formações inconscientes, os complexos não deixam de ser permanentes ameaças à consciência. Também cumprem a função de recolocar sempre as limitações egóicas, pela dificuldade de manejo que quase sempre apresentam; não basta que se tenha um conhecimento apenas “intelectual” deles para que deixem de exercer um efeito perturbador e sejam dominados. Ter presentes essas limitações é a condição para promover um alinhamento entre o que se quer e o que se pode, no âmbito da vida psíquica, e assim recolocar uma das possibilidades de sentido do humano. Vistos então como possibilidades de um vir a ser trazem a semente do refinamento anímico, desenvolvido a partir do contato com a própria interioridade já que, para que possam ser trabalhados, os conteúdos precisam ser aceitos. Se não são aceitos, serão projetados fora de nós. Gambini (1988) comenta:

... apesar de ser gerada, envolvida e nutrida pelo inconsciente a consciência só pode aproximar-se dele gradualmente, caso contrário corre o risco de aniquilamento. A observação empírica deste processo tem demonstrado que o próprio inconsciente determina o andamento e o grau de sua absorção. Cada integração de um conteúdo inconsciente implica uma alteração da consciência; se repentinamente invadida pelo inconsciente, esta perderia sua continuidade e assim o continente não abrigaria conteúdo algum. ... Ocorre que a intensidade de uma projeção é proporcional à abertura relativa da atitude consciente. Se a consciência combater obstinadamente a emergência de um conteúdo inconsciente, este poderá recorrer a medidas drásticas para ser reconhecido. Como? Segundo Jung, “o inconsciente o faz claramente através da projeção, extrapolando seus conteúdos num objeto, que passa então a refletir o que antes nele se escondia (GAMBINI, 1988, p. 36).

Toda essa operação é uma obra permanentemente inacabada, cujo foco consiste no reconhecimento e retirada das projeções de nosso mundo de fantasias sobre o outro, seja esse outro uma pessoa, instituição, tarefa, obra de arte, ciência, etc. A falta de diferenciação recobre o mundo com véus projetivos que impedem a distinção de quem se é em relação ao que está fora de si, ou seja, impede o conhecimento de que o aquilo que se vê fora, na verdade está dentro da pessoa que, desse modo, não se reconhece.

Capítulo 8 Complexidade e psicologia complexa

Perspectivismo, subjetividade e complexidade

*“somos duplos em nós mesmos (...)
. Eu agora, eu depois, somos a bem dizer dois
Montaigne*

A complexidade psíquica é afirmada por Jung ao longo de sua obra. Acredita em sempre repensar o saber psicológico até então desenvolvido. Um dos esteios desse posicionamento se baseia no fato de que o “tema central” da psicologia é a própria psique que, além de objeto de investigação é também o sujeito que observa, o meio pelo qual o conhecimento se dá. Portanto, Jung afirma a necessidade de que o saber psicológico inclua o sujeito no objeto pesquisado, ou seja, leve sempre em conta a psicologia do observador. Com isso a perspectiva junguiana coloca uma premissa fundamental do conhecimento psicológico: condicionado ao auto-conhecimento, de modo que ambos sempre caminhem juntos: é a noção de equação pessoal, apresentada no capítulo 7.

À medida em que amadure sua reflexão e seu conhecimento filosófico, Jung continua a ter sempre mais clareza da equação pessoal, que toma como ponto de partida: é o perspectivismo nietzschiano, a crítica da noção de verdade, baseada no pressuposto de que a objetividade é sempre uma extensão da subjetividade.

Assim, o primeiro momento da construção da sua psicologia (de Jung), a psicologia analítica, é o da sua própria subjetividade. É a sua subjetividade que faz com que a psicologia seja, por exemplo, a do inconsciente coletivo (MARONI, 1998, p. 18).

A autora explicita que tanto Jung como Nietzsche se preocupam em não pregar o subjetivismo, que se confundiria com o relativismo e em si se desqualificaria. Ambos têm a subjetividade como premissa a ser considerada a condição para se atingir a objetividade; esta, mera extensão daquela. Portanto, a construção filosófica de Nietzsche, assim como a psicologia de Jung, cada uma com sua estrutura conceitual, é comprometida com a construção da subjetividade desses autores.

Com base na confissão subjetiva, as elaborações da psicologia junguiana dispensam a pretensão de univocidade e simplicidade, e se colocam num plano complexo. Dos vários fatores que caracterizam a complexidade da abordagem junguiana, esse figura entre os fundamentais, é uma de suas marcas registradas. É essencial e extremamente complexo e delinea a concepção de conhecimento, de ser e de mundo do autor.

Não sei como os outros procedem em relação a esta tarefa. Só posso dizer como eu tratei o assunto e, quando me objetam que meu modo de resolver o problema é apenas meu preconceito pessoal, devo concordar.(...) Aquilo que contemplamos e o modo como o contemplamos sempre o fazemos com os nossos próprios olhos. Por isso a ciência não é feita por um só mas sempre exige o concurso de muitos (JUNG (1921), §1003).

Ao denominar “complexa” a sua psicologia Jung dá abertura à infinita possibilidade do indizível, daquilo que muitas vezes não pode ser expresso por palavras mas tem existência. Abre também à indicação de outras modalidades ou formas de pensamento e de saber. Outro ponto sempre afirmado por ele é que o pensamento psicológico deva ser considerado de modo contextualizado em relação ao processo de que é parte e, com isso, no lugar de se apoiar em constructos teóricos definidos, estar aberto em relação às possibilidades não exploradas desse processo, propondo-se permanentemente à reformulação de suas premissas sempre que isso se fizer necessário. Baseado nesses pressupostos e no fato de que ele se empenhou no combate à “situação de simplicidade” e evidenciou a “complexidade inconcebível da psique”, inclusive na ênfase de que a descrição de psique, enquanto objeto, não exaure suas possibilidades, Jung assenta a parcialidade e historicidade de todo posicionamento de abordagem da psique, que vê como passível de ser ultrapassado.

A complexidade também vem da permanente tensão entre polaridades, modo pelo qual define o funcionamento psíquico. A mais forte e paradigmática é a do par consciência e inconsciente, relação necessária já que não podem existir separadamente, e que situa epistemologicamente sua concepção de psique e de atividade psíquica. O símbolo, na concepção desta psicologia, instaura uma situação complexa em que o conhecimento subjetivo e o objetivo se mostram como o exemplo típico de diversos opostos.

Coloca-se como um investigador da psicologia “da inconcebível complexidade psíquica”, que derrubou a situação de simplicidade. Comenta certa depreciação justificada do inconsciente por parte dos jovens, imprudentes quanto à sua imatura e inconstante consciência já que, entre muitos outros fatores, há também diferentes estágios do desenvolvimento psicológico (primeira e segunda metades da vida). (JUNG (1930),1990, §763). A complexidade psíquica inconcebível a que Jung se refere está ligada à sua visão de que a natureza humana é diversa e multidimensional. Para tanto, Jung insiste na necessidade de que se tenha pontos de vista e métodos diversos para suprir as necessidades de atendimento da variedade das disposições psíquicas. Além disso, deve-se à sua concepção de psique, vale dizer, de personalidade, uma estrutura em si extremamente

complexa que não só se compõe de muitos elementos como as interações entre eles não são nada simples mas bastante intrincadas. Os complexos da personalidade, exemplarmente, são incontáveis e se ligam a um número bem elevado de arquétipos, de modo específico que, paradoxalmente, não é único ou óbvio, mas pode se dar por mais de um tipo de interação.

Em 1934, como foi visto no capítulo anterior, relembra a antiga concepção de que se pode estudar fenômenos psíquicos isolados. Contrapõe aos processos psicofisiológicos, como as percepções sensoriais, nos quais está em questão um mecanismo reflexo, os processos psíquicos complicados, que tornam complexa a situação de experiência (OC VIII, §197). Também chama de complexa, em 1935, a psicologia das “funções complexas”, expressão que usa para indicar as correlações existentes entre as superestruturas do homem “social” e “cultural” e as estruturas elementares do homem “natural”.

Quando Jung aborda as determinantes psicológicas do comportamento humano, em 1936, apresenta categorias gerais de organização das determinantes: os instintos, sua natureza e os cinco grupos principais de fatores instintivos¹⁰⁸. Apresenta seis *modalidades* de funções psíquicas: três semifisiológicas¹⁰⁹ e três psicológicas¹¹⁰.

Os conceitos descritos, entretanto, têm apenas valor acadêmico como categorias gerais de organização. Na realidade a psique é uma combinação complicada desses e de muitos outros fatores, apresentando, de um lado, um número infinito de variações individuais, e, do outro, uma tendência a mudar e a diversificar-se, tão grande quanto a primeira. A variabilidade é proveniente do fato de a psique não ser uma estrutura homogênea, mas consistir, segundo parece, em unidades hereditárias frouxamente ligadas entre si que, por isto mesmo, revelam acentuada *tendência a se desagregar*. A primeira delas é devida a influências que se exercem ao mesmo tempo a partir de dentro e a partir de fora. Funcionalmente essas duas tendências são intimamente interligadas. (JUNG (1937), 1998, §252)

O autor faz esse preâmbulo para introduzir a questão da *cisão* produzida na psique pelos complexos. Depois apresenta as quatro funções de orientação da consciência¹¹¹. Toca na questão dos opostos, nos riscos da unilateralidade, quando o sujeito desenvolve basicamente só uma delas, mantendo as outras inconscientes. Afirma que a questão dos opostos, presente no problema das funções, constituem para ele “a base de uma psicologia crítica”, que ele considera necessária. Sua psicologia é expressamente reconhecida por ele como complexa.

¹⁰⁸ Fome, sexualidade, atividade, reflexão e criatividade.

¹⁰⁹ O sexo, as disposições hereditárias e a idade.

¹¹⁰ A consciência e o inconsciente, a extroversão e a introversão, o elemento espiritual e o material.

¹¹¹ O pensamento, o sentimento; a sensação, a intuição.

Só começaremos a perceber a tremenda complexidade da fenomenologia psíquica, quando virmos que todas as tentativas para elaborar uma teoria abrangente estão condenadas ao fracasso, porque partem de pressupostos demasiado simples (JUNG (1937), 1998, §261).

Em 1954 ele define: “Psicologia complexa significa a psicologia das ‘complexidades’, ou seja, dos sistemas psíquicos complexos em contraposição a fatores relativamente elementares.”¹¹².

Shamdasani comenta o quase desaparecimento da denominação “psicologia complexa”, evidência que vê como uma desconsideração, já que esse é o nome escolhido por Jung para designar sua psicologia:

Há 13 lugares nas Obras Completas de Jung em que a expressão “*Komplexe Psychologie*” foi ou traduzida como psicologia analítica, ou simplesmente omitida. Neste trabalho, adotei ao longo de todo o texto a terminologia do próprio Jung.”(SHAMDASANI, 2005, p. 28)

Raros dos seguidores de Jung adotam a denominação “psicologia complexa” e ela nunca foi difundida na comunidade de língua inglesa, maior responsável pelo desenvolvimento da psicologia junguiana a partir da metade do século XX. Segundo o historiador da psicologia profunda há diversas psicologias junguianas, hoje, o que implica que quase todas se distanciam do pensamento de Jung, já que se multiplicaram as releituras de sua obra.

A denominação psicologia complexa e o que a justifica é aqui lembrado para orientar esta reflexão, já que ela descortina um horizonte apropriado para pensar os complexos. Foi eleita por Jung e usada principalmente nos “últimos tempos”, segundo Toni Wolff¹¹³, e esse fato se explica pelo fato de que a expressão parece organicamente referida às concepções de seu criador, assim caracterizadas por ele. Já a expressão psicologia analítica, sugerida por Bleuler, em si soa apenas outro modo de formular a expressão “psicanálise”, da qual a obra de Jung se diferencia cada vez mais à medida que avança, guardando como identidade mais forte o fato de que ambas compõem a psicologia profunda, que tem como eixo a noção de inconsciente.

¹¹² C. G. Jung *apud* Shamdasani, 2005, pg. 28. Anotações de Jung à margem do texto de Calvin Hall “Jung’s analytical theory”.

O pesquisador encontrou 13 vezes, nas Obras Completas de Jung, a expressão “*Komplexe Psychologie*” traduzida como psicologia analítica ou omitida.

¹¹³ Toni Wolff. “*Einführung in die Grundlagen der Komplexen Psychologie*”, (“Introdução ao fundamento da psicologia complexa” in ed. *Psychologischen Club, Die Kulturelle Bedeutung der komplexen psychologie. (O significado cultural da psicologia complexa)* Berlin, Julius-Springer, 1935.

Discípulos importantes como Carl Meier ou Toni Wolff consideram que a denominação “psicologia analítica”¹¹⁴ se presta mais à ênfase nos métodos práticos da análise psicológica utilizada no consultório e ao diagnóstico psicopatológico do que à intenção de Jung de esboçar uma psicologia geral, enquanto a “psicologia dos complexos” é menos circunscrita à função clínica. De fato, a abertura propiciada pela noção de complexo extrapola o campo da análise para trazer significação e clareza a fenômenos das culturas, das gerações, dos grupos, já que no inconsciente desses coletivos se pode observar a presença de nódulos psíquicos característicos de cada um deles, a que Jung chamou de complexos.

Talvez a expressão “psicologia complexa”, sugerida por Toni Wolff, não seja de uso corrente por parecer dar ênfase a apenas um dos segmentos da conceitualização de Jung, segundo Samuels, Short & Plaut¹¹⁵. Meier também comenta esse ponto, frisando a denominação do conceito fundante dessa psicologia e sua maciça força de atração à denominação da própria psicologia:

"Psicologia analítica" é uma inadequada e superficial descrição da nossa ciência, particularmente quando contrastada com a psicanálise, mesmo se a ênfase é transferida neste caso da "análise" para "psicologia" (...) Psicologia complexa é um termo que se aproxima do *ponto de maior inquietação de nossa disciplina que é com o complexo*, preferivelmente ao fenômeno humano elementar no mundo e nos traz de volta para os antecedentes históricos da psicologia.(...) Desde que qualquer discussão sobre um problema da psicologia junguiana sempre leva em conta o inconsciente, há uma certa analogia entre esse método e problemas conectados com os números complexos na matemática. Existem números compostos como o resultado de adição entre números reais e quantidades imaginárias. Em termos de psicologia, os números reais são a consciência, e os imaginários, os componentes da psicologia inconsciente. Nesse sentido, pode-se dizer que a psicologia é exclusivamente constituída dos fenômenos psíquicos complexos. (MEIER, 1990, xi)

Outro plano de acentuada complexidade são as intrincadas interações com o próprio mundo externo, terceiro elemento do tripé a ser lidado pela psique, do qual ela mesma é uma das três partes. Dentre elas, a própria psique é o elemento que pode ser considerado como ocupando o papel infra-estrutural com o qual o homem conta para sua jornada.

¹¹⁴ Esta expressão é usada por Jung pela primeira vez numa palestra durante um congresso médico em Sydney, em 1911, para reunir suas pesquisas experimentais e clínicas até então e dar a elas estatura científica.

¹¹⁵ 1988.

A noção de complexo e sua incompatibilidade com o paradigma da ciência moderna

Primeiro conceito da teoria junguiana, o complexo desconstrói o projeto moderno, presente e predominante na filosofia desde o século XVII até principalmente o começo do XX, mas presente até hoje. A investigação filosófica do século XVII busca um caminho certo que supere o ambiente cético advindo das descobertas do Renascimento e da ruína dos valores e concepções medievais. Edifica um pensamento filosófico baseado na razão como caminho de contornar os elementos que perturbam nossa percepção do mundo. Os filósofos Descartes e Spinoza introduzem a questão do método que representa um salto em relação ao pensamento de caráter mágico, já que pretende definir o que é o homem, seu lugar no mundo, sua missão e alcance. Com isso, inaugura-se o luminoso reino da certeza racional; a dúvida, nesse paradigma, pode ensombrar o caminho certo das verdades permanentes e indiscutíveis. A perspectiva da modernidade acredita na onipotência da razão, tida como indivisível e da vontade, como soberana, ambas vistas como capazes de equacionar e resolver as questões do mundo.

Jung não vê a racionalidade como definidora da existência humana. Diferentemente disso, afirma a importância da vida inconsciente, a força dos instintos, a necessidade de se considerar o fator instintual e o espiritual em nível de igualdade. A respeito da luta do ser humano para dominar os instintos, ele diz: “Apelar, finalmente, para a razão seria muito bom, se, por sua natureza, o homem fosse um animal racional. Mas acontece que ele não é. Muito pelo contrário: ele é, no mínimo, tão irracional quanto racional.” (Jung, (1942), 1985, § 178)

Para tentar suprimir os causadores das ilusões e enganos, o homem racional se obriga a sair do mundo. É como homem ausente do mundo que o sujeito moderno analisa o mundo, de fora dele. Com isso se afasta das relações inter-humanas. Desse modo a análise dos afetos perde sua base, já que a metafísica cartesiana, que embasa o pensamento moderno, os separa das relações inter-humanas¹¹⁶. Por isso suas análises são abstrações. A ciência cartesiana é uma construção *sobre* a realidade. Segundo Merleau-Ponty, o “grande racionalismo” do século XVII surge como resposta à situação de dispersão, multiplicidade e relativismo da realidade; ele tem a tarefa de reunificar o mundo, reproduzi-lo, representá-

¹¹⁶ Maurice Merleau-Ponty. “Marxismo e filosofia”, p. 77.

lo¹¹⁷. Com isso, há uma negação da realidade dispersa, do mundo visível e sensível, que produz outro mundo, racionalmente compreensível, reordenado. Em suas palavras: “A ciência manipula as coisas e se recusa a habitá-las”¹¹⁸.

Herdeira das concepções cartesianas, a tendência cientificista perdura na produção de conhecimento do mundo ocidental e ainda é dominante no positivismo das últimas décadas do século XIX e início do XX. Só é legitimado o conhecimento construído à semelhança das ciências naturais, a partir de dados observados e comprovados empiricamente, mensuráveis e inscritos em cadeias de causa e efeito. Embora elaborado inicialmente a partir de meios experimentais, o conceito de complexo opera justamente nas rupturas da racionalidade, é expressão da própria dimensão irracional, espectro do qual o pensamento ocidental desde o século XVII tenta se afastar e por isso nega existir.

Determinado a pesquisar a subjetividade a partir da existência das forças inconscientes e, embora firmado nessa posição, sem abrir mão de ser legitimado como um cientista, Jung trilha uma senda que é exigida pela ciência da época, impregnada pelos parâmetros da ciência moderna. Através do caminho experimental Jung chegou à noção de complexo que, por si, contraria o paradigma da modernidade. Para além disso o complexo, construção junguiana que teoriza um fenômeno humano universal, desvela a superficialidade de tal paradigma e de sua respectiva visão de mundo e de homem, seus parâmetros deterministas e mecanicistas, à medida que a eles contrapõe a força do inconsciente no plano pessoal e no coletivo.

Na concepção junguiana o determinismo causal não tem lugar: em sua perspectiva de psique complexa e de individualidade, Jung percebe a insuficiência de tais métodos no que se refere aos fenômenos relacionados à psique humana. Ao contrário disso, está preocupado com a dinâmica psíquica, trabalha com a fenomenologia dos processos da alma e não prioriza conhecer a causa dos males, embora não a despreze.

O importante no modo de pensar da psicologia complexa é o sentido e o significado dos processos em curso no interior do psiquismo e, se possível, sua direção. O que reconhece de universal obedece a outra ordem, destacada e liberta dos preceitos da ciência moderna.

Enquanto o preceito metodológico básico do pensamento moderno só considera como verdadeiro o que é evidente, expresso com clareza e precisão, no sistema junguiano

¹¹⁷ Representação indica a operação da razão de tornar de novo presente.

¹¹⁸ Idem. *O olho e o espírito*, in Os pensadores. p. 85.

o inconsciente, o que o homem não sabe de si e do mundo, é a matriz de toda a vida psíquica, inclusive de nossa consciência e corresponde à maior parte do psiquismo humano. Para Jung, os complexos se originam na esfera inconsciente e tendem a dominar a consciência; com isso, sua psicologia invalida a visão segundo a qual o sujeito detém o domínio de si por meio da razão. Embora não seja o primeiro pensador a desmontar esse ponto de vista, Jung o faz de modo radical, uma vez que vê a psique constituída a partir de múltiplas faces de natureza inconsciente: “a psique não é uma unidade e sim uma pluralidade contraditória de complexos”¹¹⁹. Enquanto um aglomerado de conteúdos com acento emocional, cada complexo é dotado de consciência própria e de uma quantidade de energia psíquica suficiente para impor sua mentalidade ao eu, o que impede que o pensamento seja unívoco. Pelos mesmos fatores e enquanto uma das inúmeras partículas da personalidade, um complexo mobiliza o indivíduo desde o inconsciente e com isso destrona a soberania da vontade.

Na psicologia de nosso inconsciente há figuras típicas que têm vida própria e definida. Tudo isso se explica pelo fato de a chamada unidade da consciência ser mera ilusão. É realmente um sonho de desejo. Gostamos de pensar que somos unificados; mas isso não acontece nem nunca aconteceu. Realmente não somos senhores dentro de nossa própria casa. É agradável pensar no poder de nossa vontade, em nossa energia e no que podemos fazer. Mas na hora H descobrimos que podemos fazê-lo até certo ponto, porque somos atrapalhados por esses pequenos demônios, os complexos. Eles são grupos autônomos de associações, com tendência de movimento próprio, de viverem sua vida independente de nossa intenção. (JUNG (1935), 1991, § 150)

Função do eu e, portanto, pertencente à esfera da consciência, a vontade pouco ou nada pode diante da energia psíquica concentrada no complexo, que pode ser de maior magnitude que a do eu. Para se alcançar a reversão desse desequilíbrio de forças o que está em questão é o trabalho de ampliação da consciência em relação ao todo da personalidade, cuja meta é o desenvolvimento da individualidade, que passa pela concientização e aceitação dos complexos de natureza inconsciente, como caminho necessário para sua possível integração. Tal tarefa, chamada por Jung de *opus contra natura*, propicia o nascimento do ser psicológico e o conduz à busca da essência de sua alma. A pesquisa que o leitor tem em mãos é uma contribuição a esse trabalho, pelo caminho que tem como eixo seu foco central: o trabalho com os complexos.

A ciência moderna procura suprimir as incertezas e recusar o que pode levar a confundir o pensamento porque para ela as idéias claras, distintas, racionais, constituem o

¹¹⁹ OC VII, §323.

mundo. Jung aceita as rupturas da razão, as capitulações da consciência e vai em busca de conhecê-las, de reintegrá-las ao eu. Em relação ao pensamento da modernidade, que vem se perpetuando, a visão junguiana representa um salto. A história da ciência se faz de saltos, não avança por uma evolução gradativa.

A construção da psicologia complexa repropõe o lugar e a importância do eu, centro vital e organizador da consciência, não mais como onipotente, mas como articulador das forças internas em jogo na psique. O homem junguiano é um homem reverente diante do destino, sem deixar de se responsabilizar por ele; essa postura se traduz na tentativa permanente de aceitação das limitações de sua personalidade e da de seus semelhantes, de um lado e, ao mesmo tempo, de fé no processo de permanente auto-conhecimento como caminho para o desenvolvimento psíquico que, em muitas situações, chega a ser um processo de transformação.

Jung concebe a constituição psíquica a partir dos complexos. Para que os complexos - forças internas atuantes na psique - possam fortalecer o indivíduo, ocupando uma função minimamente articulada pela consciência, ou seja, façam parte dos instrumentos para a vida, como colaboradores do processo de adaptação, é exigido um trabalho de considerável complexidade, já que *in natura* pertencem à esfera inconsciente e agem com independência. A reversão desse processo demanda um trabalho junto à interioridade, em sua interface com as forças psíquicas coletivas e a coordenação desses dois âmbitos psíquicos, o individual e o coletivo, ao mundo externo. A tarefa proposta por Jung visa ao relativo domínio do fator instintual da personalidade por meio do desenvolvimento da consciência.

A complexidade suscitada pelo trabalho com os complexos - não só o do analista mas o que em alguma medida tange a todos nós - nos alça a um plano também complexo, uma vez que vai além do psicológico, atravessa o plano relacional, envolve o dos valores, o existencial, o espiritual. A complexidade contraria a possibilidade de que ciência moderna abarque as questões dos homens, que extrapolam os limites de um conhecimento apenas racional.

A síntese das ciências naufraga com o nazismo

O projeto de Jung era complexo. Em 1909 apresenta sua teoria dos complexos na Clark University, enquanto Freud o faz com relação a seu método e à psicologia das

neuroses, especialmente a histeria. Daí em diante a psicologia junguiana, ao lado da psicanálise, passam a influenciar a psicologia norte-americana, até então de caráter fortemente experimental¹²⁰. Shamdasani (2005) lembra que é preciso não confundir a disciplina chamada psicologia junguiana, hoje, vista como uma escola de psicoterapia, com a meta de Jung de estabelecer uma psicologia geral. Na avaliação de Jung a psicologia tinha levado à proliferação de opiniões contraditórias, um estado caótico, e não tinha conseguido estabelecer leis gerais, como as outras ciências estabeleceram. Ele esboça um projeto enciclopédico, de uma psicologia em grande escala, não só de caráter interdisciplinar, o que pedia realinhamentos complexos das disciplinas existentes, como universal, “ensinada em seus aspectos biológicos, etnológicos, médicos, filosóficos, culturais-históricos e religiosos”(citado por MEIER). Nesses moldes funda o Centro de Psicologia no Instituto Federal de Tecnologia da Suíça, em 1934, em Zurique, destinado a fundar um ciclo de palestras voltadas para uma universidade suíça.

Na década de 30 aceita o convite de um editor, Daniel Brody, para editar um jornal, o *Weltanschauung*, que produziria um síntese da ciências. Jung tem em vista reunir fatos e conhecimentos de interesse geral, originários das ciências especializadas, contando com a colaboração de especialistas em cada assunto, como budismo, filosofia, microfísica, psicoterapia, literatura moderna, sinologia, hindologia, teologia, mitologia. Seu objetivo é combater a fragmentação do conhecimento e o ponto de vista psicológico serviria de centro, não no sentido de comprimir o mundo num molde psicológico, mas de que a psicologia é a disciplina que poderia unir o círculo das ciências. O que embasa este projeto é a idéia de que toda iniciativa humana poderia ser estudada pela psicologia e esta, então servir de centro, ou seja, que a psicologia é a disciplina capaz de esclarecer a base subjetiva presente em todas as áreas do conhecimento.

Mas o projeto não chega a ser posto em prática. São os difíceis tempos do nazismo. Em 1933 Jung funda e se torna presidente da Sociedade Médica Geral Internacional de Psicoterapia quando a Sociedade Alemã de Psicoterapia é reformulada com base nos princípios nacional-socialistas. Jung passa a ser o principal editor do *Zentralblatt für Pscyoterapie*¹²¹, publicação que ele parece conduzir, até certo ponto, como uma fachada.

¹²⁰ Segundo o artigo de John Peck “Die Rezeption in den USA” (1995, p. 88-96), houve uma apropriação por parte de alguns junguianos dos Estados Unidos, em alguns casos do nome de Jung para apresentarem seus próprios sistemas como se fossem dele e, em outros, uma reembalagem e rotulação do trabalho de Jung. Citado por Shamdasani (2005).

¹²¹ Jornal Central de Psicoterapia

Como suíço e não judeu, tem uma possibilidade de ação que usa de modo cuidadoso e produtivo, numa situação bastante visada, já que o novo regime expulsa os médicos judeus alemães das sociedades médicas. Dentre eles Freud é fortemente combatido por ser considerado uma ameaça com suas idéias inovadoras; a psicanálise é proibida na Alemanha e seus livros queimados. Por uma manobra estatutária Jung consegue agregar membros individuais e mantê-los na instituição, que se estrutura de modo a reunir sociedades nacionais e também membros individuais. Segundo Ellenberger (1970), a organização assim o faz como artifício que possibilita a permanência de psicoterapeutas judeus. O cargo de presidente e o de editor, as vicissitudes da instituição e da produção científica do jornal, bem como o artigo em que Jung¹²² propõe diferenciar a cultura e a psicologia judaica da ariana, renderam a ele severas críticas por parte dos que o identificaram com a defesa dos ideais nacional-socialistas¹²³ e o elogio dos que o inocentaram e louvaram a atitude¹²⁴ de proteger a possibilidade de trabalho dos psicoterapeutas judeus de apóia-los.

Nessas circunstâncias a iniciativa do *Weltanschauung* não avança além do projeto escrito e fracassa, talvez porque Jung enfrenta sérios problemas e é tachado de nazista em função desses fatos, talvez pelo aterrador agravamento da situação política européia, contexto no qual não só as urgências mudam como muitos projetos perdem a possibilidade de serem encaminhados.

A discussão, que se distancia da proposta desta pesquisa e se constitui num estudo em si, não será desenvolvida. Em vez disso, duas posições diferentes valem ser brevemente mencionadas e o contraponto de uma terceira, de sentido próximo à primeira, como síntese do que se diz da posição de Jung diante da realidade política. Maroni¹²⁵ considera que a atitude de Jung vista pelos críticos como concessiva, de permitir a publicação de artigos pró-nazistas no jornal entre 33 e 36, quando Göring torna-se editor associado, pode se dever à política interna complicada de um jornal e afirma que não se sabe com exatidão como se organiza o *Zentralblatt* naquele período, o que considera “vital para estabelecer o grau de envolvimento de Jung”. A autora dialoga com a postura crítica de Andrew Samuels – e aqui está a terceira posição - desenvolvida em seu livro *A psique política*, centrada na alegação do autor de que “ há algo na estrutura fundamental do pensamento de Jung sobre os judeus” que torna o anti-semitismo inevitável. Samuels usa como evidências o artigo de

¹²² A situação atual da psicoterapia. OC X, §149-370.

¹²³ Como Richard Noll, em *O culto de Jung – origens de um movimento carismático*. São Paulo, Ática, 1996.

¹²⁴ Como Ellenberger, em *The Discovery of the unconscious*.

¹²⁵ *Individuação e coletividade*.

Jung que estabelece diferenciações entre a cultura e a psicologia dos povos e questiona Jung não ter exercido seu poder de veto aos artigos que defendiam o nacional socialismo e criticavam o estado mental dos judeus. Maroni insiste no fato de que autores judeus também escreviam no *Zentralblatt*, como Vitor Frankl, em 1937. Discorda do argumento de Samuels quanto a Jung ter emprestado autoridade à causa nacionalista por referendar idéias de diferenças inatas entre as nações, justificado por ele autor pelo fato de que, enquanto projeto cultural, o nacionalismo demanda a legitimação da psicologia. A autora retoma a idéia de *segunda natureza* de Rousseau para caracterizar um povo e lembra que os autores românticos do século XIX também se preocupam com os delineamentos culturais. Segundo ela, assim como as idéias alguns autores românticos confluem às do nacional-socialismo, outros se afastam delas, mas se preocupam com os “contornos espirituais de um povo”, citando Buckhardt, entre os quais inclui Jung que, em sua obra, se voltou para a defesa do indivíduo e não da nação. Lembra por fim que Jung também foi colocado na lista negra dos nazistas. Inspirada em Hannah Harendt a respeito do apoio de Heidegger ao nazismo, diria que “foi uma tolice” e mais uma vez cita a filósofa quando esta diz que não se pode confundir a obra toda dos autores com sua ação política - no caso de Heidegger - ou, como diferencia a autora, com a sua omissão política - no caso de Jung.

A segunda é de Murray Stein¹²⁶ que vê, “no extremo sombrio”, o fato de Jung decidir aceitar a presidência da sociedade médica internacional como uma oportunidade profissional de Jung de ocupar um espaço com suas idéias, num momento em que havia um vazio em torno da psicologia profunda pela proibição da psicanálise que, na década anterior, tinha sido preeminente na psiquiatria e psicologia na Alemanha. De outro lado também considera um ato de coragem falar na Alemanha sobre Freud, de modo positivo. Para o autor, acima de tudo, Jung visava a proteger a reputação internacional de Freud ao conceder-lhe muitos créditos nesse estudo.

Os encontros de *Eranos*¹²⁷, que têm como intenção o estudo e a discussão da história da religião e da cultura e, como panorama, as relações entre o oriente e o ocidente, é o meio encontrado por Jung para substituir o projeto do periódico. Os encontros acontecem a partir de 1933, anualmente, em Ascona. Jung é o consultor que indica os temas e os palestrantes, especialistas internacionais. Mantém a preocupação em não transformar esses encontros num mero divulgador de sua psicologia; seu objetivo é outro, é

¹²⁶ Jung: o mapa da alma.

¹²⁷ Em grego: banquete compartilhado.

tentar ampliar e conectar os ramos do conhecimento, mesmo que isso só possa ser feito a partir da especialização, realidade inegável que é preciso aceitar. Ele pretende compor uma imagem completa do mundo e a possibilidade de fazê-lo é a partir de uma idéia que seja capaz de reunir os diversos ramos dessa grande árvore. Na concepção de Jung, a psicologia complexa teria o papel de realizar esse projeto: remar na direção contrária à compartimentalização cada vez maior do conhecimento, procurando neutralizá-la, através da criação de uma base sobre a qual se possa fazer a síntese cultural.

Capítulo 9 Reflexões acerca do trabalho com complexos

Estou convencido de que os esforços regularmente repetidos livram-nos da inconsciência – isto é, que através do trabalho regular construímos nossa humanidade. Podemos conquistar a consciência com um trabalho regular, nunca por um grande gesto.¹²⁸

As reflexões são uma tentativa de compartilhar aspectos intrigantes ou especiais desse processo: os mais difíceis de serem trabalhados, o que é importante, algum atalho encontrado, uma ou outra descoberta. E muitas inconclusões em meio à mistura de impotência diante dos complexos com esperança na força da relação para neutralizá-los e talvez até dissolvê-los. Ou mesmo a fé na introspecção solitária voltada para o exercício de desenvolvimento da interioridade.

O complexo quer viver

O arquétipo tem uma força de disposição para a ação¹²⁹. A presença dessas imagens no inconsciente induz a que sejam buscadas no ambiente. Tais imagens, no entanto, não são representações plenamente desenvolvidas. Uma imagem primordial não tem conteúdo, só forma; para que venha a ter um conteúdo definido precisa primeiro passar a ser consciente e se preencher pelas experiências conscientes. Como no núcleo do complexo está o arquétipo, isso explica o fato interessantíssimo e ao mesmo tempo terrível de como o indivíduo, de modo inconsciente, busca circunstâncias, escolhe relações e cria situações para que seus complexos mais importantes se mantenham vivos. Assim se revela o *caráter compulsivo* do complexo que, através da repetição, encontrará um modo de reforçar sua ação sobre a personalidade. Presa desse circuito inconsciente, caracteristicamente automático, o indivíduo sofre a ação modeladora do complexo sobre a personalidade e experimenta uma espécie de impotência.

Há um equilíbrio possível entre as forças internas de cada ser humano, com seu colorido de conteúdos e o grau de independência delas em relação à estrutura coletiva, esse formato emocional que se impõe, o ímã que atrai a experiência pessoal. A constelação do complexo revela a relação paradoxal entre a força da configuração pessoal e a do

¹²⁸ Seminário *Psicologia analítica*.

¹²⁹ Embora a concepção tardia de Jung a respeito dos arquétipos os situe além do tempo e do espaço, essa força permanece no conceito.

inconsciente coletivo, em que águas de diferentes densidades se misturam: a da experiência e a da hereditariedade. “A qualidade mais característica do arquétipo é que ele é numinoso, ou seja, ele tem uma espécie de carga emocional que se apodera da consciência toda vez que ocorre uma imagem ou situação arquetípica.” (JUNG, *Cartas*, vol III, 2003, p. 45)

O trabalho analítico cotidiano traz um enigma que, quando se revela, se transforma numa evidência impressionante: o complexo realmente se assemelha a um ser vivo pois quer viver e geralmente faz de tudo para se manter atuante. Para não ser confrontado com o eu, mantém o indivíduo num estado de identificação com ele. Reluta para se tornar consciente e, mesmo quando esse processo finalmente começa a vingar e advém um grau crescente de consciência das suas fantasias, ele tenta cegar o eu, roubando-lhe novamente a energia com tamanha sagacidade e determinação que pode comprometer todo o avanço de consciência obtido até então.

Como disse Jung, do complexo “depende o bem-estar ou a infelicidade de nossa vida pessoal.” Uma das metas do trabalho analítico é chegar a atingir os luminosos processos de transformação que eles podem sofrer. Apesar de demandarem muito trabalho, são como processos de cura milagrosos, tal o grau de ampliação do espaço interno que propiciam. Nas palavras de Jolande Jacobi¹³⁰: “Eles só perdem o caráter ininfluenciável e forte de um autômato, quando são tornados conscientes, processo que faz parte dos mais importantes fatores terapêuticos.” É a reflexão a que chegam os junguianos pela sua familiaridade com a luta contra a autonomia dessas “células psíquicas”, cada uma delas responsável por doses permanentes de sofrimento.

A conscientização de um complexo tem como fruto inestimável a redistribuição da energia psíquica que nele estava represada. Livre, ela pode ocupar outros conteúdos e, com isso, possibilitar a chegada de um elemento novo, perspectiva salutar ao equilíbrio psíquico, já que surge de um movimento no sentido da expansão da personalidade.

A fenomenologia dos complexos conduz a caracterizá-los a partir de situações em que o indivíduo é movido pela memória associativa ligada a experiências de sofrimento, como o que Jung chamou de “desvãos da psique povoados de mil temores”. De fato há um sofrimento instaurado na experiência pessoal em função da existência inevitável dos complexos já que, enquanto eles são inconscientes, o indivíduo fica sem instrumento efetivo para lidar com a ação dessas forças que chegam sem avisar, agem sem reservas e

¹³⁰ Jacobi. *Complexo, arquétipo e símbolo*, p. 20.

podem ser inconvenientes. Nessa situação de inconsciência de sua situação psíquica, não há como seu portador minimizar os efeitos intrapsíquicos ou as conseqüências de sua atuação no meio externo. Persistentes, os complexos criam os impasses e dificuldades que levam as pessoas a buscar auxílio; um deles, provavelmente o que reúne condições privilegiadas, é o trabalho psicoterapêutico. Os complexos estão presentes na clínica, portanto, não só enquanto sujeitos, quando falam por nós - mesmo que os ignoremos - mas também enquanto objetos, como importantes focos do trabalho analítico, etapa intransferível de caráter permanente para o prosseguimento da exploração da própria subjetividade e condição para a intimidade com o plano anímico.

Os complexos e o sonho

*A natureza possui um dispositivo que faz um extrato dos complexos e os apresenta à consciência numa forma irreconhecível e, por isso, inofensiva: é o sonho.*¹³¹

Um bom caminho para se trabalhar o reconhecimento dos complexos na vida inconsciente, que facilita a aceitação de sua existência, é através dos sonhos; neles os complexos aparecem geralmente personificados e projetados. “Sempre que compreendemos um sonho ou outro produto espontâneo do inconsciente, ‘nossos olhos se abrem’”. (VON FRANZ, 1997, p. 182)

As imagens dos complexos são formadoras dos sonhos. O que se busca compreender no sonho é seu significado simbólico e sua raiz arquetípica.

Em 1935, durante uma palestra, Jung faz uma apresentação sintética da sua teoria a respeito dos sonhos. Demonstra a utilidade dos sonhos para o conhecimento da dinâmica psíquica do paciente. Daí se pode depreender a estreita relação entre o sonho e os complexos, que nele estão presentes. Diz:

Não me interessa por saber os complexos de meus pacientes. Quero saber o que os *sonhos* têm a dizer sobre os complexos, e não quais são eles. Quero saber o que o inconsciente de um homem está fazendo *com* os seus complexos. Eis o que decifro num sonho. (...) Todos nós os temos; trata-se de um fato muito corriqueiro e desprovido de interesse. É apenas de interesse saber o que as pessoas fazem dos complexos; aí está o que realmente interessa, a questão prática central.(1991, §171,175)

O trabalho analítico de diferenciar os complexos, a cada sonho, a fim de criar condições para sua gradativa integração à consciência, é uma prática importante. Deve ser

¹³¹ OC II, 1997, §822)

feita com mão leve e buscar alguma sistematização: temas, reincidências, sentido do processo, motivos, diferenciações.

O “parceiro humano” e o processo de cura

É preciso que se criem condições emocionais para que os complexos sejam trabalhados, o que corresponde a serem percebidos, reconhecidos e aceitos em suas manifestações. Como se trata de um confronto com a sombra pessoal, mantida até então em estado de inconsciência por conter os aspectos não considerados virtuosos da personalidade, desperta a resistência, manifestação empírica das defesas que o medo do desconhecido provoca. A importância de um vínculo positivo e bem alicerçado com o analista tem o sentido de propiciar coragem para enfrentar os aspectos sombrios, até então não confrontados. Quando a aliança terapêutica está firme, o inconsciente pode começar a liberar as pistas a serem seguidas: geralmente os sonhos ou outra manifestação como devaneios, percepções, *insights*, situações sincrônicas, apresentam os complexos a serem reconhecidos naquela etapa. Seja como for, em face das boas condições oferecidas pela relação clínica, que trazem ao paciente a segurança de estar sendo bem acompanhado em seu processo psíquico, o inconsciente utiliza sua linguagem para mostrar o caminho a ser seguido; os sonhos costumam ser o melhor sinalizador, embora não sejam exclusivos nessa função, já que há pessoas que não conseguem lembrar deles. Numa instância já mais avançada do processo a tarefa é diferenciá-los para, mais tarde, talvez assimilá-los, integrá-los à consciência. É o movimento de não ceder à inércia própria da natureza humana mas de propiciar e estimular a outra tendência natural que é de busca da saúde psíquica. A consciência então será crescente pois estará em permanente ampliação.

A atividade analítica é como uma filigrana, tecida por fios extremamente delicados, alguns mais frágeis, outros mais fortes, sem que se saiba de antemão qual sua flexibilidade e resistência ou capacidade de se adaptar às superfícies que vão sendo tramadas.

O que tem ação curativa, para Jung, não é a tentativa de reintegrar o complexo autônomo através da ab-reação, apenas repetindo a experiência traumática, mas o relato da experiência diante do analista, do “parceiro humano” que poderá aliviar a pessoa da carga do afeto. Aqui se atravessa a ponte entre pressupostos teóricos e a riqueza da experiência com o paciente, que conduz à transposição do portal sagrado da relação analítica. Para que a consciência do paciente possa fazer frente ao afeto contido em seu complexo traumático e

então dominá-lo, ele precisa do apoio moral que o analista lhe oferece através de sua solidariedade e compreensão. A partir de então não se sentirá mais sozinho diante da tirania desses “poderes elementares”. A relação analítica baseada na confiança traz ao paciente as condições de fortalecimento de sua consciência para que possa assimilar o complexo. Na concepção junguiana o tratamento é diálogo e encontro; os dois, analista e paciente têm o que dizer nessa relação guiada menos pela teoria do que pelo amor. No artigo “Paracelsus, o físico”¹³² Jung (1985) cita: “Onde não existir amor, não haverá arte.” E para ele não só o analista precisa de alma e arte em seu trabalho como os produtos psíquicos devem ser vistos como obras de arte. Ao se sentir visto e amado o paciente, como de resto todos nós, em nossas relações, pode se olhar com tolerância e amor e experimentar a aceitação de sua sombra. Começa aí o milagre da cura.

Enquanto médico, sempre me pergunto que mensagem traz o doente. O que significa ele para mim? Se nada significa, não tenho um ponto de apoio. O médico só age onde é tocado. “Só o ferido cura.” (JUNG, 1975)

O estado de dissociação psíquica do paciente pede que ele encontre um *rapport* psicológico para que supere a dissociação e para isso ele terá que se ajustar à psique do analista, o que ele faz por meio da transferência. No material psíquico do paciente o analista encontrará elementos criativos para traçar a saída, até então fechada. No modo de ver de Jung, o que possibilitará a cura é o trabalho moral da personalidade como um todo. Jung insiste em não ir buscar as origens da doença pois em muitos casos a adaptação do paciente retrocedido ao passado, rui. Como compensação pela sua difícil relação com a realidade, o paciente mergulhará na experiência da transferência, pelo próprio aprofundamento do trabalho, o que permite que o analista entre em intimidade com seu desenvolvimento psíquico. Como contrapartida à assimilação dos conteúdos do paciente por parte do analista, ele é assimilado enquanto “figura” à psique do paciente, que nele vê alguém que teve muita importância em sua história. O paciente transfere para o analista o poder dessas imagens mnêmicas, o que o motiva a confiar-lhe seu íntimo.

Entretanto, com o desenvolvimento do tratamento, essas projeções deverão ser superadas por meio de seu reconhecimento e substituídas por uma relação psicológica real, puramente humana, em que a posição de cada um é respeitada. O relacionamento pessoal permitirá que o paciente dê seus passos em direção a uma vida mais plena de sentido, pela descoberta de seu próprio valor, do valor de sua individualidade, por se ver aceito e capaz

¹³² OC XV, § 42.

de adaptação à vida. Jung sublinha a importância da postura moral e espiritual do analista acima de sua vinculação a uma técnica ou condicionamento a um método que, entretanto, não deve ser inexistente, para que propicie ao paciente a compreensão objetiva de sua condição psíquica e da meta a ser conquistada e sua libertação em relação ao analista:

O resultado do tratamento deve ir além da simples solução da antiga atitude patológica. Deve levar o paciente a uma renovação, a uma atitude mais sadia e mais apta para a vida. Muitas vezes isso implica uma modificação radical na maneira de encarar o mundo. ... A parte doente não pode ser simplesmente eliminada, como se fosse um corpo estranho, sem o risco de destruir ao mesmo tempo algo de essencial que deveria continuar vivo. Nossa tarefa não é destruir, mas cercar de cuidados o broto que quer crescer até tornar-se finalmente capaz de desempenhar o seu papel dentro da totalidade da alma (JUNG (1921), 1999, §293).

A confissão de um paciente é às vezes indigesta para o analista. Porém, se o que há de mais sombrio em sua confissão não for admitido, ele não se sentirá aceito. Para poder conduzir a alma de uma pessoa, ou ao menos acompanhá-la, o analista precisa estar em contato com ela, o que não se dá se a atitude interna é de condenação. Também não é o caso, conforme adverte Jung de, inversamente, concordar com qualquer premissa do paciente, dando-lhe sempre razão; tanto quanto a condenação moral, tal atitude causará alheamento. O que importa para que o contato se dê é o respeito em relação à confissão, uma objetividade com ausência de preconceito. O autor discute o desempenho moral do analista por meio do sentido de opressão presente na condenação moral que, ao invés de libertar, sufoca. O respeito é ponto de partida para a abertura da consciência. Compartilhar os sofrimentos, ser amigo, pressupõe aceitar as falhas do outro.

O alargamento da consciência passa por um processo de abertura que demanda uma atitude de profundo respeito em relação à natureza dos fatos, ao ser, ao enigma que cada vida implica. Por isso é imprescindível que essa atitude seja praticada pelo analista, com relação a si próprio e à pessoa em tratamento analítico com ele, para que ela também encontre condições de assumir tal atitude e com isso conquiste a *dádiva* da aceitação de si, passagem necessária para o crescimento. “*Não se pode mudar aquilo que interiormente não se aceitou*” (JUNG (1932), 1988, § 519). Se o analista tiver desenvolvido a capacidade de admitir as suas próprias misérias interiores, o paciente poderá vir a aprender a fazê-lo também, porque só assim se sentirá aceito, por parte do analista, no que há de mais sombrio nele.

Jung teve o importante mérito de instituir a necessidade da análise didática, isto é, incluiu na formação do analista sua própria análise. “Mas o psicoterapeuta não deve

contentar-se em compreender o doente; é importante que ele também se compreenda a si mesmo. Por esse motivo a condição *sine qua non* de sua formação é a sua própria análise: a análise didática” (JUNG, 2005, p. 121). Para que possa ajudar alguém o analista precisa aceitá-lo e, para isso, tem que primeiro aceitar a si mesmo. Esta premissa é, para Jung, o centro de uma concepção do mundo, uma questão de essência moral. Jung menciona a necessidade de que o psicoterapeuta olhe por trás de seus próprios bastidores e não só por trás dos bastidores dos pacientes, para que tenha a experiência do quanto é difícil, ou até impossível, aceitar-se em sua miserabilidade; ninguém o consegue inteiramente.

O que conta, no que é passado através da relação analítica, não é a plena conquista da aceitação de si, por parte do analista, mas a direção de seu processo interno, o sentido ou *telos* de sua trajetória, o que Jung apontou como elemento sinalizador do crescimento psíquico: a teleologia. Para que o trabalho de análise seja salutar e produtivo é preciso que o analista esteja voltado para o reconhecimento de sua interioridade, isto é, esteja no caminho de se individualizar; de outro modo não há como transmitir ao paciente a meta da individuação ou encorajá-lo para que empreenda esse sentido de busca.

O trabalho do analista é um exercício de equilíbrio em muitos níveis e muitos sentidos. A escuta pode sempre ser aprimorada, até tornar-se elemento organicamente funcional no processo, a ponto de ser praticamente infalível. Ela vai regular toda a postura do analista diante de cada paciente e servir de bússola, ampulheta, régua e compasso, num campo aberto em que é preciso sempre recriar o chão, o céu, o horizonte. Enfim, vai permitir que o analista encontre a devida medida no terreno tão delicado que é o trabalho com o sofrimento e a fragilidade alheios e todos os elementos que tecem sua subjetividade. É aconselhável que a desmesura não acometa o analista, em nenhuma direção, embora no momento da sessão ele só conte com sua própria subjetividade como instrumento de trabalho.

Permanentemente está colocado a ele o desafio de lidar com a questão da potência, sua e do outro, já que a dose natural de empenho para que os pacientes melhorem estimula o desejo de acertar o alvo das intervenções, o tom com que os conteúdos são abordados, o momento certo de se manifestar. No que se refere à questão da potência do paciente, o analista não pode se esquecer que é o outro quem tem mais direitos, não só porque cuidar dele é o alvo da situação, é a combinação que embasa a relação entre ambos, mas também porque é ele quem está na situação de se submeter ao processo de análise e, portanto, com sua personalidade exposta, numa provável condição de maior permeabilidade. Embora o

analista também lide com inúmeros aspectos inconscientes de si próprio, quando está exercendo seu ofício, não são eles que estão sendo diretamente abordados e sabemos como a cegueira nos põe frágeis. A situação de extrema necessidade da alma de obter algum ponto a partir do qual se orientar pede uma guia seguro, confiante, amoroso, a quem seja possível a entrega. A palavra da língua inglesa *surrender*, que também é usada para descrever o estado propício para o exercício de meditação, expressa o que é demandado aos dois participantes da dupla analítica.

O que conta para a melhora do paciente, para o desenvolvimento de sua individualidade, é que o analista proceda do melhor modo que pode, usando os recursos de que dispõe, inclusive seus próprios recursos emocionais, com o maior cuidado e desprendimento que lhe for possível. Em carta a um ex-professor de psiquiatria de uma universidade de Toronto, Jung observa:

Quando não há meios técnicos à disposição, é a sinceridade da atitude do médico e sua presteza em ajudar que restauram a totalidade danificada do paciente (...) A atitude terapêutica de êxito sempre pressupõe que a gente faça realmente o melhor, não importando o quanto isso seja bom ou ruim em si mesmo, ou qual a técnica que se emprega. É necessário apenas que se tenha a certeza de estar fazendo o melhor que se sabe. (JUNG, *Cartas* vol. II, 2003, p. 331)

Muitas vezes, dependendo do grau de dificuldade de um paciente para entrar em contato com a própria subjetividade, ou com a aceitação do alcance da subjetividade, já é uma grande conquista ele constatar que “A mente não é o mundo em si nem reproduz com exatidão sua imagem. O fato de termos uma imagem do mundo não significa que só exista uma imagem e não o próprio mundo”(JUNG *Cartas*, vol III, p. 232).

A relação com o desconhecido

É importante lembrar a afirmação de Jung de que o inconsciente é o que se desconhece. Geralmente não é nem um pouco fácil à consciência, que já esqueceu ou reprimiu conteúdos que dela fizeram parte, aceitá-los e dar-lhes um lugar, não só porque, se foram expulsos, já não eram compatíveis com sua mentalidade, como por serem invisíveis ao eu e, com isso, criarem uma grande dificuldade de serem reconhecidos. Estes são os conteúdos do inconsciente pessoal.

Quando, porém, os complexos autônomos emergem da alma do mundo, do inconsciente coletivo, a assimilação é mais difícil e eles tendem a permanecer como *enclaves* no

psiquismo. Assim Jung explicava a loucura; no início do século XX, os casos de loucura eram crônicos. (...) No embate com as diversas figuras da imaginação, o eu desmoralizado empreende ainda uma vez a batalha contra um complexo que parece ter vida própria, que se traveste de mil maneiras e que parece a cada batalha potencializar-se. Na escola junguiana, só há repetição porque não há elaboração. Vale dizer, a repetição se impõe porque há inconsciência – inconsciência das cisões, da existência e dos modos de ser dos complexos, das personalidades parciais dissociadas. Um complexo só possui poder sobre o eu, possuindo-o, porque não está elaborado. (...) E diferenciar os complexos é difícil porque pressupõe diálogo: diálogo entre o eu e os complexos. Para Jung, não há diálogo eficaz em tempos de calma psíquica. O momento propício para o diálogo é quando emerge um “afeto avassalador”. Aí os pensamentos e as imagens dos complexos inconscientes deixam-se entrever, emergem para a luz da consciência e, então, seus conteúdos podem ser conscientizados. Sem a conscientização desses conteúdos – às vezes com um sabor mítico, arquetípico, arcaico – não há diferenciação; não há, portanto, percepção das diferenças (MARONI, 2005, p. 35-36).

Se os complexos advêm do inconsciente coletivo, sua elaboração é um desafio maior ainda, uma vez que não é possível encontrar os fios de sua constituição, que estão fora do indivíduo. Por efeito do mecanismo da projeção dos conteúdos internos inconscientes, o material inconsciente, por sua própria natureza, é sempre visto fora da psique do indivíduo, no outro ou no mundo, o que não facilita sua elaboração. A primeira e principal tarefa psíquica a ser realizada para a integração do complexo é o acolhimento despojado do seu afeto. Essa deve ser a orientação do trabalho analítico. Por outro caminho não se chega à espera do tempo necessário, kairótico, para que a consciência possa reconhecê-lo, aceitá-lo. Maroni considera que a hospitalidade é a condição para o desocultamento do sentido do complexo. Só então ele poderá se transformar e vir a nos enriquecer.

É justamente nas fendas da repetição que estão as possibilidades de quebra do circuito mórbido que imobiliza a personalidade. Na vivência das inúmeras etapas do processo de diferenciação de um complexo, sempre que não se consegue evitar a repetição de uma reação, de um modo de proceder diante de um estímulo externo, por mais que se tenha pretendido fazê-lo, advém um sentimento de frustração, por vezes misturado ao de arrependimento. Esses sentimentos desagradáveis são fruto do descompasso entre as atitudes da consciência e o grau de inconsciência de nossas projeções. A psicologia analítica, voltada para processos tão complexos, pode prestar seu maior tributo para que o indivíduo empreenda o percurso de reconhecimento das forças inconscientes em jogo e de sua dinâmica, em meio às questões de adaptação e sobrevivência. Nos momentos de crise da vida, em que a ação imobilizadora das características individuais leva a um tipo de estrangulamento emocional corre-se o risco de perda do sentido da vida.

Jung criou o método de amplificação visando ao trabalho com os complexos que emergem da Alma Primordial, numa tentativa de integrar as fantasias coletivas. Elas têm um imenso valor energético, já que não se relacionam com o vivido e esquecido – o reprimido – e por isso têm um poder de “estilhaçar” o eu, justamente pelo fato de que seus conteúdos não pertencem à *Weltanschauung* consciente ou inconsciente.

O valor das variadas tentativas de organizar o denso universo dos complexos empreendida pelos discípulos e comentadores parece ser, em boa parte, o de tornar compreensíveis os constructos teóricos que, embora se refiram a fenômenos tão presentes em nossa realidade anímica, muitas vezes são mal compreendidos e deles se faz uso equivocado. Muitas vezes esclarecem a natureza e fenomenologia dos conceitos na vida prática, a fim de que a leitura correta dessas faces da psique as viabilize como instrumental clínico. Os trabalhos de sistematização teórica são tentativas de atender a essas necessidades. Entretanto, para que a orientação da psicologia analítica seja eficaz é preciso ter cuidado e rigor. Maroni chama a atenção para alguns desses equívocos mais frequentes:

Em muitas passagens de sua obra, Jung nos diz que não tem nenhum sentido referir-se ao arquétipo da alma como “minha alma”, ao arquétipo do animus como “meu animus”, ao self como “meu self” (CW 9, II). Imagens primordiais do inconsciente coletivo não podem obviamente sofrer esta apropriação indébita. Pertencem à Anima do Mundo, são coletivos, primordiais e, portanto, não pessoais – muito embora revestidos de vivências pessoais. Lidamos então com o inconsciente, vale dizer, com o **des-conhecido**. Cito Jung: ...”o inconsciente coletivo não tem, sob condições normais, capacidade de consciência, não podendo ser levado, através da técnica analítica, à rememoração, pois ele não é reprimido nem esquecido. A rigor, o inconsciente coletivo nem existe, pois nada mais é do que uma possibilidade.” (CW 15, § 126) Dar nomes, conceituar, definir, classificar, são tentativas desesperadas do ego e da consciência de lidar com as formas não definidas, com o que escapa da clareza apolínea, com o desconhecido. Como veremos, o que interessa a Jung é a passagem **do desconhecido para o conhecido**. Essas imagens primordiais – inscritas nos núcleos arquetípicos dos complexos autônomos do inconsciente coletivo – des-velam – de tempos em tempos – novidades: a irrupção de algo novo nos mais diferentes tipos de linguagem (arte, poesia, literatura, sonhos, no pensamento-fantasia).(...) Ora, Jung sugere: “não sou eu quem tem um inconsciente coletivo”; antes é “o inconsciente coletivo que me tem” (MARONI, 2005).

Seguindo mais um pouco a reflexão da autora encontramos a afirmação de que a única e mais nobre tarefa do homem é desvelar esse mundo desconhecido no qual estamos mergulhados, do qual somos parte, na forma que ele se mostra – como fenômeno psíquico. De resto, prossegue, só através da “atenção atenta” ao *caminho iniciático*, assunto no qual Jung insiste ao longo de sua obra, o desconhecido se desvela.

A busca do caminho ou mesmo da orientação que nos conduza às condições de empreendê-la não passa por essa tentativa de passagem do desconhecido para o conhecido? Essa seria a proposta de construção de conexões entre o inconsciente e a consciência e de desenvolvimento de um plano simbólico em que seja possível um diálogo entre o fenômeno psíquico e a teoria. A atitude dialética de Jung propõe uma revisão contínua entre a teoria e a prática analíticas que permite sustentar a tensão entre o fenômeno psíquico vivo e os conceitos.

Integração do complexo e processo de individuação

Geralmente acontece a tomada de poder do terreno psíquico pelo complexo, uma vez que, para ser evitada, é preciso um alto grau de consciência da própria interioridade, o que equivale a um trabalho interno contínuo que permita o fluxo do diálogo entre a esfera consciente e a inconsciente. Quando essas duas instâncias - se é que chega a haver uma linha divisória entre elas - se interpenetram como fruto de estarem funcionando a favor uma da outra, configura-se o espaço do entre. É o precioso reino do espaço intermediário, “desfiladeiro”¹³³ onde o homem passa a ser capaz de pensar criativamente, a partir de alguma intimidade com a real dimensão de seu ser. Habitar esse espaço não é, como se vê, meta facilmente atingível; equivale ao que Jung chama de *esse in anima*, quando a atividade psíquica criativa transita livre do controle da consciência ou da inundação pelo inconsciente, numa área comum aos conceitos: função transcendente, pensamento-fantasia, método da imaginação ativa, interpretação dos sonhos, terceiro reino, espaço do *entre*, aproximação entre os contrários. Todas essas noções podem ser aplicadas ao trabalho analítico, ao percurso empreendido pela dupla paciente-analista ao longo dos encontros, já que o espaço do entre também é habitado e se configura quando duas pessoas estão trabalhando produtiva e criativamente juntas.

Sem se deter em cada uma dessas noções, mas procurando capturar delas justamente o que têm em comum, se explora o território onde se pode encontrar o antídoto em relação à dominação pelos complexos, que se apresenta no rumo da diferenciação psíquica, do reconhecimento de cada fragmento de nossa psique de que nos seja possível se aproximar até que tenha sentido, seja uma idéia, um sentimento, uma sensação, uma intuição, uma dinâmica, a evocação de uma lembrança, a impressão deixada por um sonho. Sempre que situado no espaço intermediário, buscando-o e navegando em suas águas, o trabalho analítico está orientado para o que a abordagem junguiana chama de unidade dos contrários, integração dos opostos, união dos opostos, superação dos opostos. Tais acepções importam no que se assemelham, no que indicam - designam justamente o trabalho de desenvolvimento da interioridade, o embarque na viagem que em boas condições é sem volta, direcionada para regiões cada vez mais abissais, não exatamente o que as palavras que as formam mencionam: unidade, integração, superação, união. Este nível seria a meta de um processo,

¹³³ Esta expressão, usada por Amnérís Maroni em A singularidade do “encontro analítico”, diz respeito, segundo a autora, ao lugar psíquico que não se situa nem no pico da montanha, que equivaleria à consciência, nem aos abismos, que equivaleriam ao inconsciente.

provavelmente nunca atingida, a não ser discutivelmente, pela perspectiva de algum recorte, etapa ou parcela. De resto, na senda de Jung, a ênfase está no processo e não no produto. No universo do desenvolvimento da personalidade, da cura da alma, a questão sempre está na conquista de aceitar o tempo de cada passo, procurar compreender sua natureza, saborear cada pequeno fruto. É como conseguir embarcar num certo trem pelo seu destino sem, entretanto, se fixar nele. O importante é a direção, não o ponto final, que provavelmente nunca será atingido. O desafio não diz respeito a ser vencedor; no âmbito da alma, só existe o percurso, sem fim, a leitura do que é invisível, a busca permanente de quem se é como condição natural e, ao mesmo tempo, preciosa.

A que oposições, porém, Jung se refere e que parece insistir em unir? A muitas, todos presentes no trabalho de conhecimento de nossa dinâmica psíquica e das principais forças atuantes em nossa imaginação: pares que apresentam um “trágico jogo de oposições” como consciente e inconsciente, “dentro e fora”, feminino e masculino, passado e futuro, pensamento e sentimento, sensação e intuição, interno e externo, sombra e luz, *puer* e *senex*, e não só estes. O enfoque de Jung parece desembocar no que está localizado entre as dualidades, e indica com isso ser aí o solo fértil para o trabalho da alma.

Jung ensinou “a arte ou técnica” de diferenciação do eu das figuras do inconsciente, os complexos mais atuantes em nossa personalidade, através do diálogo interno que já ocorre na psique pela ação dos complexos, de modo produtivo. Esse é um modo de ouvir o “outro lado”, ... “que tem assim a oportunidade de manifestar-se através de uma atividade psíquica perceptível.” ... “Uma vez que temos a intenção de sondar os fundamentos básicos do nosso ser, pouco nos importa viver como que numa espécie de metáfora.” (JUNG, OC VII, §323) É importante procurar o sentido das metáforas obtidas quando se busca conhecer o conteúdo das figuras inconscientes, para que a pesquisa interna não resulte numa compreensão intelectual ou racional desse conteúdo. Quando isso acontece, podemos até atingir algumas etapas de reconhecimento da dinâmica causadora das repetidas constelações de determinado complexo, antes totalmente desconhecido, o que parecerá um avanço em relação à situação anterior. Entretanto, fora do âmbito simbólico, poderá conduzir a uma repressão do complexo que, em vez de perder sua autonomia, voltará a eclodir como antes. É por constatações de ocorrências como essas que se vê como o trabalho de desenvolvimento da interioridade, de conhecimento do que se passa “do outro lado”, na expressão de Jung, não é de curto prazo, mas exige de nós empenho, atenção, perseverança, despojamento dos preconceitos da consciência, humildade suficiente para se propor a aprender a linguagem do

inconsciente. No rumo de um processo de individuação sempre é preciso cuidar do que Jung chama de atributos morais.

Vida psíquica é diferenciação. Não há como desenvolver a vida interior enquanto se permanece indiferenciado. Para que a personalidade possa se expandir e, com isso, orientar-se no sentido da realização do si-mesmo, por meio do desenvolvimento da individualidade, é preciso pôr em andamento operações que têm na sua base o princípio da diferenciação. Com finalidade didática, poderíamos agrupar o que poderiam provavelmente ser as primeiras tarefas anímicas do processo de separar o joio do trigo, com a ressalva de que o processo de uma pessoa é único e não pode ser previsto: reconhecer os elementos que nos habitam, nomeá-los, talvez qualificá-los provisoriamente, caso isto se fizer útil para dar significado ao percurso. Sem esgotar cada etapa vencida, antes o trabalho em cada uma tende a se aprofundar, de modo que mais tarde o mesmo tipo de diferenciação é retomado num outro plano e a partir de uma perspectiva ampliada.

Na continuação do trabalho de diferenciação parte-se para aceitar a existência desses conteúdos em nós, identificar seu valor afetivo. Vencidas não necessariamente as tarefas mencionadas mas feitas diferenciações que possam ser equiparadas àquelas enquanto antecedentes a serem cumpridos para se atravessar o umbral da interioridade, pode-se partir para o desafio de assumir a responsabilidade por buscar o sentido deles no conjunto da vida anímica. Sempre no caminho que tem como meta nos vermos e sentirmos como somos, talvez fosse o momento de buscar seu sentido no conjunto da vida anímica, perceber as implicações trazidas por eles na dinâmica da psique, relacionando-os entre si, atribuindo a eles e a essas relações seus significados. À medida que uma evolução nesse sentido se cumpre, acontece uma diferenciação progressiva não só de figuras internas, como de nossas funções e faculdades auxiliares da consciência, que se transforma enquanto sofre toda essa ampliação e se vê capaz de receber os componentes que lhe tangem, enquanto nos coloca dispostos a lidar com eles cada vez mais implicadamente, contando com o crescimento dos próprios recursos e aptidões.

Diferenciação psíquica, portanto, diz respeito às mais diferentes operações mentais: do pensamento, do sentimento, da intuição, da sensação, partindo e convergindo para o terreno intermediário, que abrange os movimentos da consciência e do inconsciente, pela borda de cada um desses domínios, em suas faixas limítrofes, sendo que todo o processo é ordenado pela dinâmica entre os complexos enquanto núcleos de nossa psique.

Uma vez que nos momentos de afeto mostra-se involuntariamente as verdades do outro lado, é aconselhável aproveitar esses momentos para que tal aspecto tenha a ocasião de expressar-se. Por isso o indivíduo deveria cultivar a arte de falar consigo mesmo numa situação de afeto e em seus marcos, como se o próprio afeto falasse, sem se levar em conta a crítica razoável. Enquanto o afeto se manifesta, a crítica deve ser evitada (JUNG (1928), 1981, §323).

O fluxo de energia psíquica entre a consciência e o inconsciente precisa estar desobstruído para que a combinação única que somos se realize . Começando por um ténue alinhavar de certos fragmentos psíquicos, a vida psicológica se passa no plano simbólico, no terreno do reino intermediário entre essas esferas complementares no qual a vida anímica flui. No desdobramento de cenas internas ela se reconfigura dinamicamente por meio de caminhos novos que se tornam mais delineados à medida que reforçam os sentidos encontrados. As quatro funções contribuem para a fluidez do processo, estimuladas pela energia que provém do diálogo harmonioso entre a consciência e o inconsciente. São nossos benfazejos períodos de criatividade, de realização do ser, quando o arquétipo do si-mesmo está ativado e ilumina nossa experiência.

Na minha opinião, o homem moderno deve diferenciar-se não só da persona, como da anima. Parece que nossa consciência se volta principalmente para fora (em consonância com a alma ocidental), deixando as coisas interiores mergulhadas na obscuridade. No entanto, tal dificuldade pode ser facilmente superada, se considerarmos com espírito crítico e com toda concentração o material psíquico da nossa vida particular e não apenas os acontecimentos exteriores. Infelizmente estamos acostumados a silenciar pudicamente esse lado interior ... (JUNG (1928), 1981, §317).

Trazer o “outro lado” para o lado de cá, a fim de conhecê-lo, significa uma ampliação da consciência, ou seja, uma tentativa de trazer essa parte dissociada para o campo de sentido compartilhado. No entanto, mais que tudo, a consciência alargada por si já corresponde a uma interação das esferas que, em colaboração mútua, promovem os movimentos de mudança psíquica.

Um “afeto avassalador” revela fragmentos de conteúdos inconscientes, por meio de pensamentos ou imagens e aí se forma um sintoma: a identificação momentânea do eu com essas manifestações, quando se é levado pelo afeto. Daí a recomendação de Jung de se utilizar a técnica de praticar a conversa com os complexos, “cultivar a arte de falar consigo mesmo numa situação de afeto e em seus marcos, como se o próprio afeto falasse, sem levar em conta a crítica razoável. Enquanto o afeto se manifesta, a crítica deve ser evitada. Depois de sua manifestação, ela poderá voltar de modo consciencioso, diz ele, como num diálogo

real com um interlocutor. E recomenda que a discussão se desenvolva até chegar a um fim, que poderá ser ou não aceitável. O atributo necessário, assim como resultado promovido será a honestidade consigo mesmo, nesse exercício que Jung chama de educação da alma. O homem ocidental, ele diz, costuma ter medo da própria alma.

Jung traz a questão da aceitação e do perdão ao nosso inimigo. No entanto, o aprofundamento da questão do trabalho analítico e do processo de cura passa por uma reflexão que alcança o plano espiritual e nos conduz ao questionamento: o inimigo está sempre fora? Qual o inimigo mais poderoso, que mais mina nossa força psíquica?

O problema da cura é um problema religioso. (...) É pela virtude cristã que nos impele a amar e a perdoar o inimigo que os curam o estado de sofrimento entre as pessoas. (...) (§523)

Mas o que acontecerá se descobro, porventura, que o menor, o mais miserável de todos o mais pobre dos mendigos, o mais insolente dos meus caluniadores, o meu inimigo, reside dentro de mim, sou eu mesmo, e precisa da esmola da minha bondade, e que eu mesmo sou o inimigo que é necessário amar? (...) (§ 520)

Aquilo que por convicção cristã recomendamos exteriormente, é preciso que o apliquemos internamente no plano da terapia das neuroses. É por isso que os homens modernos não querem mais ouvir falar em culpa ou pecado. Cada um já tem muito o que fazer com a própria consciência já bastante carregada e o que todos desejam saber e aprender é como conseguir *reconciliar-se* com as próprias falhas, como amar o inimigo que se tem dentro do próprio coração e como chamar de “irmão” ao lobo que nos quer devorar. (§ 523)

Há um difícil processo de aceitação de nossas falhas a ser conquistado, passo a passo. A atitude necessária à conquista da aceitação do outro tem como condição a aceitação de nós mesmos. Essa é a atitude do homem autenticamente religioso, que dispõe da arte suprema da simplicidade de acolher e tolerar aquilo que se esconde e povoa sua sombra. O caminho aqui tratado diz respeito à atitude de procurar se diferenciar do que é coletivo em si próprio, fazendo o trabalho de despregar a psique individual dos condicionamentos arquetípicos presentes nos núcleos dos processos psíquicos pessoais.

Através da repetição da mesma atitude projetiva e suas decorrências, impressas no modo de ver, sentir e conceber a vida e expressas no modo de agir e se relacionar com o que está fora dele, o indivíduo pode vir a encontrar a brecha que permita a inversão da teleologia de sua energia psíquica: de fora para dentro. A possibilidade da mudança emerge, assim, de uma condição paradoxal em que, num certo momento, o terreno aparentemente estéril do automatismo se rompe e dá vida a uma nova era psíquica, ainda que no âmbito restrito de cada pequena conquista.

O desenvolvimento da personalidade é uma urdidura feita de incontáveis fios que vão compondo uma nova mentalidade, um pano de fundo psíquico ampliado, pelo alargamento da consciência de si e do outro, que passa a ser visto cada vez mais como

separado, como outro que realmente é. O vínculo com o analista permite a imersão no trabalho de análise, condição privilegiada para a inversão do sentido do processo, a partir da qual podem ser abertas as portas do universo do auto-conhecimento e conhecimento do mundo.

O mais difícil de se atingir, no desenvolvimento da personalidade, é a atitude que Jung chamou de religiosa no seu sentido mais profundo, de tolerância no confronto consigo mesmo e com seus aspectos sombrios. Por isso o analista, o guia de almas, precisa reconhecer, ao longo do processo analítico, que o “que raia o impossível”, é a tarefa de aceitar-se tal como se é, com sua miserável natureza.

Para Jung¹³⁴, só alcança uma objetividade sem preconceitos quem se aceitou tal como é, o que não se consegue realizar plenamente, dada a imensa dificuldade de aceitar o direito à existência não só de nossas insuficiências, mas do insensato, do irracional, do mau.

Excluída das virtudes e portanto não compreendida como princípio da moral, a aceitação foi de fato considerada na esfera das emoções e foi especificamente contraposta ao medo e o temor, razão pela qual o sentimento de aceitação foi considerado o verdadeiro motor do confronto com a alteridade e portanto do empenho em reconhecer, nos outros homens e em si mesmos, uma dignidade específica, com a obrigação de salvaguardá-la embora ela seja, por definição, inaceitável. (PIERI, 2002, p. 17)

A aceitação não garante a mudança, a transformação interna, que corresponde à realização de si próprio; entretanto, o processo de individuação tem como estação obrigatória o desenvolvimento da capacidade de aceitar-se. Está aí a relação do trabalho com os complexos, a tentativa de integração dos conteúdos inconscientes, pela assimilação dos complexos e o processo de individuação.

A projeção seria então, ao menos em parte, integrada à personalidade, por meio da assimilação à consciência dos conteúdos, valores e fantasias projetados. Para que esta meta se realize, é preciso despender energias morais como compreensão e boa vontade, já que se trata de corrigir erros de julgamento, concepções incorretas acerca de outras pessoas, um processo de transformação da consciência e do complexo do eu. Também é preciso um eu diferenciado, maduro. “E esse tipo de transformação é típico do complexo do eu – e, portanto, não é comum aos demais complexos”(…). “O processo de realizar e retirar projeções é, segundo Jung, constitutivo da condição humana.” (MARONI, 2001, p. 124)

No entanto há incontáveis níveis de dificuldade implicados na dissolução e assimilação de um complexo importante. Um deles envolve o plano da significação e dos valores. Para que se dê a dissolução de um núcleo psíquico de peso na personalidade, muitas

¹³⁴ Ib., § 344.

vezes é necessário abrir mão de uma mentalidade, sacrificar uma postura. E como a personalidade tende à acomodação, no plano da significação a tendência é manter o conservadorismo dos valores, sem falar no desafio de se conseguir quebrar o condicionamento emocional inerente ao que nos acompanha há muito tempo. Mais que tudo, porém, aos que vivem ou trabalham voltados para essas questões do desenvolvimento do ser no mundo, é importante não perder a fé na possibilidade da transformação interna.

Considerações finais

*Não dormes sob os ciprestes,
Pois não há sono no mundo.*

*O corpo é a sombra das vestes
Que encobrem teu ser profundo.
Fernando Pessoa*

A impressão de imprecisão e a fugacidade dos conceitos junguianos vem justamente de sua abertura a novos pontos de vista, a rever-se em seus princípios, da falta de ortodoxia. Vem também de certa plasticidade em alguns conceitos, o que dificulta sua utilização. De todo modo, a psicologia é analítica quando não está comprometida com a afirmação da verdade do que construiu mas com a apreensão da alma. Para consegui-lo, o psicólogo deve estar apenas em parte apoiado no já conhecido e, em outra parte, se colocar no terreno da pergunta, numa atitude de aprendizado diante dos desafios que a alma apresenta.

A psicologia analítica abre um modo de pensamento e de conhecimento psicológicos crítico de seus próprios produtos, em que no seu fazer prático e teórico estão em jogo tanto o sujeito psíquico, quanto o objeto. Abre ainda um fazer psicológico de cunho analítico no sentido de se colocar em permanente situação de questionamento do conhecido e do ainda desconhecido. Ocupa, portanto, uma posição de transparência em relação a si própria, de crítica de suas premissas instituídas, a ponto de não se identificar com a racionalidade já firmada por ela mesma.

O pensamento junguiano é vivo, se dirige à nossa experiência mais verdadeira. Os complexos estão presentes em todos os momentos nas relações, no que pensamos, sentimos, produzimos e dizemos. Costumam se esconder sob mil máscaras e se comportar de modo surpreendente. Uma das metas do trabalho analítico e, de resto, do crescimento individual, é direcionar a dinâmica para o conhecimento de si e do outro. Aprender o sentido das manifestações dos complexos, o grau de inconsciência em que geralmente muitos deles se encontram e o de consciência que poucos atingiram, as incontáveis combinações possíveis de sua relação com outros fatores da psique, o estágio em que cada um se encontra, exige um olhar acurado e ao mesmo tempo sensível. E tudo isso sem perder de vista as possibilidades de adaptação de cada indivíduo.

Naturalmente, é necessário que um médico tenha o conhecimento dos assim chamados “métodos”. Mas deve evitar o engajamento fixo de um caminho determinado, rotineiro. Deve se utilizar com muita prudência das hipóteses teóricas. Talvez elas sejam válidas hoje, e amanhã surgirão outras. Em minhas análises, não desempenham papel algum. Intencionalmente evito ser sistemático. A meus olhos, diante do paciente só existe a compreensão individual. Cada doente exige o emprego de uma linguagem diversa. (JUNG, 2005, p.121)

Fazer a escuta da alma é uma tarefa extremamente delicada e difícil, que exige observação cuidadosa, estudo, experiência, auto-conhecimento, reflexão e sabe-se lá o que mais. São tantas as questões humanas e tão variado o leque de queixas que chegam ao consultório. Vivemos tempos difíceis que geram novas patologias, algumas terríveis. Diante desse quadro o valor do pensamento de Jung continua atual justamente por sua proposta de permanente revisão de seus pressupostos e do olhar do analista que, segundo ele, deve estar sempre pronto a desconstruir suas certezas para se recompor em novas bases. Sem essa disponibilidade e despojamento, não se faz a escuta da alma e muito menos se é capaz de acolhê-la. O depoimento de pessoas que com ele conviveram e acompanharam seu modo de trabalhar acentua essa disponibilidade, calcada na preocupação da continência às necessidades de cada paciente; para isso, desenvolvia com cada pessoa um tipo de atendimento.

Sei de uma paciente de Jung que estipulou, como condição para iniciar o tratamento com ele, que ele jamais lhe falasse de suas teorias, idéias ou interpretações; ela só queria falar com ele da vida cotidiana dele, por exemplo, do que ele fazia nos feriados, etc. Embora essa fosse uma condição difícil para um médico, Jung aceitou – e o tratamento foi um grande sucesso. Isso é apenas um exemplo do grau de adaptação a que ele sempre chegava em relação aos analisandos – mesmo quando isso contrariava sua natureza e seu temperamento. Eros era o princípio que o guiava no exercício da medicina (VON FRANZ (1975), 1997, p. 52).

Ao invés da opção por determinado método psicoterapêutico, a psicologia analítica valoriza as qualidades morais baseadas no interesse humano e na disponibilidade por parte do terapeuta. Desse modo propõe que, em lugar do método catártico, a ênfase do tratamento se baseie na relação entre o analista e seu paciente, em que o analista se empenhe em “penetrar a alma do paciente” a fim de estabelecer uma relação psicológica correta e forte o bastante.

Por tudo isso, pela postura não convencional ou ortodoxa em que se manteve, seu legado vai além de um pensamento rico, construído a partir de nuances e paradoxos, extremamente sofisticado, urdido ao longo de cinquenta e cinco anos de trabalho e reflexão. Para ser bem aplicado exige refinamento de alma e de propósito e, de volta, propicia o mesmo ou muito mais. O empenho no trabalho com os pacientes, em sua luta para elaborar

os complexos, acontece durante o processo de elaboração dos conteúdos do analista, de seus confrontos com o próprio inconsciente. Isso ajuda a garantir que o analista se lembre permanentemente de sua condição de limitação, enquanto trabalha com as limitações do paciente. A atividade clínica contém o sentido de inclinar-se, de voltar-se para o outro e com isso leva à conexão consigo mesmo. Também por isso é um trabalho sagrado.

A noção de complexo tem uma importância fundante no pensamento de Jung. Por meio dela ele chega ao pressuposto de que o tecido psíquico é formado por complexos que se constituem em partes cindidas da psique, as personalidades parciais dotadas de fantasia própria. Aprofunda-se na questão da natureza dessas personalidades e observa que, por si só, não são patológicos. Em “Psicoterapia e visão de mundo”¹³⁵ Jung escreve:

O fato de ter complexos, ao invés, não implica uma neurose, pois normalmente são os complexos que deflagram o acontecimento psíquico, e seu estado dolorido não é sinal de distúrbio patológico (JUNG (1942) 1985, §179).

Penetrar a realidade dos complexos é penetrar a interioridade; a psique é feita de um conjunto de complexos, de várias magnitudes e tipos. Por isso o universo dos complexos, conforme mapeado por Jung, diz respeito às questões humanas com as quais nos deparamos a todo momento. Eles moldam nosso olhar sobre a vida e o mundo, o modo como nos relacionamos e atuam tanto nos percalços como em nossas possibilidades de ser e estar no mundo.

O trabalho com os complexos tem um efeito extremamente positivo já que eles são uma fonte revitalizadora e cumprem a função de levar os conteúdos inconscientes para a consciência; com isso, a força criadora deles é evocada e a personalidade se renova e se amplia. Com a reintegração gradativa dos complexos algumas histórias pessoais são reincorporadas à medida que se libertam as lembranças e o indivíduo sente que está se reconstruindo em novas bases; o sentimento de vida é enriquecido e se pode ter, através do eu, a experiência de auto-identidade.

É como um solstício de inverno, o regresso da luz, tão bem descrito pelo texto chinês. Não me parece um acaso que esse texto use a parábola da luz, que é em toda parte um símbolo da consciência. A reflexão, porém, é a essência de toda ampliação da consciência (VON FRANZ, 1997, p.180).

¹³⁵ OC XVI/1.

A autora fala da transformação periódica descrita no *I Ching* a partir do inconsciente, no regresso da “nova luz” que será encontrada pela consciência do eu depois de uma mudança correta de atitude.

A constelação de um complexo geralmente se dá a partir de um confronto do indivíduo com alguma situação que ocorre *fora* dele, embora essa situação lhe diga respeito, isto é, diga respeito a seu mundo interno, ao reino de fantasias que ele cultiva. Oriunda do exterior, a situação deflagrada da constelação de complexo, portanto, pertence à pessoa que, entretanto, como ocorre muito freqüentemente, costuma vê-la como externa a ela, como não pertencente a seu universo. A psicologia analítica mostra que não é assim. A prova de que lhe pertence é a desequilibração que a sucede, ou seja, seu conteúdo engancha na teia de associações traumáticas e dolorosas *daquela* pessoa, no modo como a pessoa o recebe e ali se atola até que o tensionamento dos fios ceda e a solte. Isto pode equivaler ao momento em que a energia ali contida se desgasta um pouco ou até que nova constelação a suplante, quando o indivíduo passa de uma identificação de complexo a outra, sucessivamente. Um dos aspectos dessa complexa configuração é que a fenomenologia da situação eliciadora da constelação de complexo é externa à pessoa seja porque vem do outro, porque está no outro, no mundo fora da pessoa, seja porque assim é por ela vista. Não há como não ser dessa maneira, uma vez que, se há um complexo, trata-se de um núcleo até certo ponto inconsciente que, por isso, é projetado no mundo externo.

Também aqueles complexos originados no inconsciente coletivo, que dele emergem na psique pessoal, tomando-a com suas fantasias coletivas e impessoais, geralmente de poder, de saber ou de amor, são vistos pelo sujeito como situações alheias a ele, e com mais motivo, por serem totalmente estrangeiros às suas experiências e registros mnêmicos conscientes e inconscientes. Isentos de um conteúdo, são totalmente inconscientes e não há como relacioná-los com a psique individual, integrá-los ao conjunto de significações do indivíduo. Entretanto, como todo complexo, se for conscientizado e aceito poderá vir a ser simbolizado e aí, então, integrado à psique. São esses os complexos que, para tanto, exigem uma dose maior de aceitação. Constituem um grande desafio, repleto de dificuldades, exige a aprendizagem do acolhimento dessas partes dissociadas de nossa personalidade num nível profundo. O trabalho de diferenciação psíquica a ser empreendido pela consciência será diferente em cada caso, pois o processo de elaboração de cada um é único; sem dúvida envolve passos como o reconhecimento das fantasias, de sua natureza, da proporcionalidade

da envergadura de sua energia em relação à tendência irresistível que encerram e nos leva a atuar tantas vezes de modo automático.

A natureza do trabalho com a interioridade é de contato com as regiões sombrias, com os percalços e incidentes; é ir ao encontro do desvio dos objetivos estabelecidos pela perda de domínio dos próprios atos, da dispersão, da falência. Nos põe em teste permanente de não desistir frente à falibilidade e à nossa limitação, desdobrada em infinitas experiências e sentidos de impotência. A partir de certo ponto, porém, o exercício de voltar-se para dentro também traz a dimensão da potência de cada um e conduz a regiões internas nunca antes exploradas, onde percebemos tantas possibilidades de alma, de pensamento, de desenvolvimento espiritual.

Referências bibliográficas

ABRÃO, Bernadette Siqueira. *História da filosofia*. São Paulo, Nova cultural, 1999 (Coleção Pensadores).

ABRÃO, Baby (redação) CUNHA, Eliel Silveira (Edição). *Grandes filósofos: Biografias e obras*. São Paulo, Nova cultural, 2005 (Coleção Pensadores).

ADLER, Gerhard. *Essais sur la théorie et la pratique de l'analyse junguienne*. Genève, Georg, 1957, in *Études de psychologie junguienne*.

AUFRANC, Ana Lia. "A psique e o universo" *Junguiana*, no. 24. São Paulo, SBPA, 2006.

BAIR, Deirdre. *Jung: uma biografia*. Volume 1 e 2. Trad. Helena Londres. São Paulo, Globo, 2006.

BARCELLOS, Gustavo. *Jung*. São Paulo, Ática, 1991.

BEZINELLI, João. *Imago Dei: da proto-imagem ao conceito*. Dissertação de mestrado apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.

BENNET, E. A. *O que Jung disse realmente*. Trad. Álvaro Cabral Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985.

EDINGER, Edward F. *A criação da consciência: o mito de*

Jung para o homem moderno. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo, Cultrix, 1999.

ELLENBERGER, Henri. *The Discovery of the unconscious: the history and evolution of dynamic psychiatry*. New York, Basic Books, Inc., Publishers, 1970.

FREY-ROHN, Liliane. *From Freud to Jung: a comparative study of the psychology of the unconscious*. Tradução do alemão Fred E. Engreen e Evelyn K. Engreen. New York, C. G. Jung Foundation for analytical psychology, 1974.

_____. *De Freud a Jung*. Colección de psicología, psiquiatria y psicoanálisis, México, Fondo de Cultura Económica, 1991. Traducción de Carlos Martín. (Primeira edição em espanhol, 1991)

FIGUEIREDO, Luís Claudio. “Modernidade, trauma e dissociação”. In *Psicanálise: elementos para a clínica contemporânea*. São Paulo, Escuta, 2003.

GAILLARD, Christian. *Jung e a vida simbólica*. Trad. Péricles P. Machado Jr. São Paulo, Loyola, 2003.

GAMBINI, Roberto. *O espelho índio: os jesuítas e a destruição da alma indígena*. Rio de Janeiro, Espaço e tempo, 1988.

GRINBERG, Luiz Paulo. *Jung: o homem criativo*. São Paulo, FTD, 2003.

_____. “O delírio de vidro. Transparência e sabedoria na história da melancolia”. *Junguiana*, no. 23. São Paulo, SBPA, 2005.

_____. “C. G. Jung, psicopatologia e hermenêutica”. *Junguiana*, no. 24. São Paulo, SBPA, 2006.

HALL, Calvin S. e NARDBY, Vernon. *Introdução à psicologia junguiana*. Trad. Heloysa de Lima Dantas. São Paulo, Cultrix, 2005.

HALL, James A. *Jung e a interpretação dos sonhos*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo, Cultrix, 1993.

HANNAH, Bárbara. *Jung vida e obra: uma memória biográfica*. Trad. Alceu Fillmann. Porto Alegre, Artmed, 2003.

IZQUIERDO, Ivan. *A arte de esquecer*. Rio de Janeiro, Viera e Lent, 2005.

JACOBI, Jolande. *Complexo, arquétipo, símbolo na psicologia de C. G. Jung*. Trad. Margit Martincic. São Paulo, Cultrix, 1995.

_____. *La psicologia de C. G. Jung*. Trad. do alemão José M. Sacristán e Luis Valenciano. Madrid, Espase-Calpe, 1963.

JANET, Pierre e RAYMOND, F. *Névroses et idées fixes, vol. I e II*. Paris, Librairie Félix Alcan, 1914.

JUNG, C. G. *Estudos psiquiátricos*. Trad. Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis, Vozes, 1994 (Obras completas vol. I).

_____ *Estudos experimentais*. Trad. Edgar Orth. Petrópolis, Vozes, 1997 (Obras completas vol. II).

_____ *Psicogênese das doenças mentais*. Trad. Márcia de Sá Cavalcanti. Petrópolis, Vozes, 1999 (Obras completas vol. III).

_____ *Freud e a psicanálise*. Trad. Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis, Vozes, 1990 (Obras completas vol. IV).

_____ *Estudos sobre psicologia analítica*. Trad. Maria Luíza Appy e Dora Ferreira da Silva. Petrópolis, Vozes, 1981. (Obras completas vol. VII).

_____ *A energia psíquica*. Trad. Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha. Petrópolis, Vozes, 1997 (Obras completas vol. VIII/1).

_____ *A natureza da psique*. Trad. Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha. Petrópolis, Vozes, 1998 (Obras completas vol. VIII/2).

_____ *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Trad. Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis, Vozes, 2000 (Obras completas vol. IX/1).

_____ *Aion: estudos sobre o simbolismo do si-mesmo*. Trad. Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha. Petrópolis, Vozes, 1998 (Obras completas vol. IX/2).

_____ *Civilização em transição*. Trad. Lúcia Orth. Petrópolis, Vozes, 1993. (Obras completas vol. X/3).

_____ *Psicologia da religião ocidental e oriental*. Trad. Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha. Petrópolis, Vozes, 1988 (Obras completas vol. XI).

_____ *A prática da psicoterapia*. Trad. Maria Luíza Appy. Petrópolis, Vozes, 1991 (Obras completas vol. XVI/1).

_____ *Ab-reação, análise dos sonhos, transferência*. Trad. Maria Luíza Appy. Petrópolis, Vozes, 1999 (Obras completas vol. XVI/2).

_____ *Fundamentos de psicologia analítica*. Trad. Araceli Elman. Petrópolis, Vozes, 1991 (Obras completas vol XVIII/1).

_____ *Analytical psychology: notes of the seminar given in 1925*. Princeton, William McGuire. Princeton University Press, s/d.

_____ *Memórias, sonhos, reflexões*. Trad. Dora Ferreira da Silva. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2005.

_____ *O homem à descoberta da sua alma*. Trad. Camilo A. Pais. Porto, Livraria Tavares Martins, 1962.

KAST, Verena. *Pais e filhas, mães e filhos: caminhos para a auto-identidade a partir dos complexos materno e paterno*. Trad. Milton Camargo Mota. São Paulo, Loyola, 1997.

KERR, John. *Um método muito perigoso*. Trad. Laura Rumchinsky. Rio de Janeiro, Imago, 1997.

KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. Trad. Beatriz V. Boeira e Nelson Boeira. São Paulo, Perspectiva, 2007.

LIRA, Cynthia. “Emoções: moeda e desafio da análise”. *Junguiana*, no. 23. São Paulo, SBPA, 2005.

MARONI, Amnérís. *Jung: individuação e coletividade*. São Paulo, Moderna, 1999.

_____. *Figuras da imaginação: buscando compreender a psique*. São Paulo, Summus, 2001.

_____. Jung na era das catástrofes. *Revista viver mente & cérebro*. Especial no. 2, Duetto, São Paulo, 2005.

_____. *Jung: o poeta da alma*. São Paulo, Summus, 1998.

_____. Busca e mistério. *Primeira versão* no. 131 IFCH Unicamp. Campinas, abril de 2005 (ISSN 16767039).

_____. *Eros na passagem: uma leitura de Jung a partir de Bion*. Aparecida, SP, Idéias & Letras, 2007.

_____. *E por que não?* Aparecida, Idéias e letras, 2008.

_____. *E por quê não?* Aparecida, SP, Idéias & Letras, 2007.

MEIER, Carl A. *The psychology of C. G. Jung*. vol I: *The unconscious in its empirical manifestations*. Boston, Sigo Press, 1990.

NAGY, Marilyn. *Questões filosóficas na psicologia de C. G. Jung*. Trad. Ana Mazur Spira. Petrópolis, Editora Vozes, 2003.

PERRONE, M. Paula. *Existências fascinadas: história de vida e individuação*. São Paulo, Fapesp/Annablume, 2003.

_____. “A clínica do social: escuta e alteridade”. *Seminários de psicologia arquetípica*. Cood. Gustavo Barcelos. São Paulo, 2004.

PENNA, Eloísa Marques D. *Um estudo sobre o método de investigação da psique na obra de C. G. Jung*. Dissertação de mestrado apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2003.

PIERI, Paolo Francesco. *Dicionário junguiano*. Trad. Ivo Storniolo. São Paulo/Petrópolis, Paulus/Vozes, 2002.

PROUST, Marcel. *Sodoma e Gomorra*. Trad. Mário Quintana. São Paulo, Globo, 2001.

ROAZEN, Paul. *Freud e seus discípulos*. Trad. Heloysa de L. Dantas. São Paulo, Cultrix, 1978.

SAMUELS, Andrew, SHORTER, Bani e PLAUT, Fred. *Dicionário crítico de análise junguiana*. Trad. Pedro Ratis e Silva. Rio de Janeiro, Imago, 1988.

SAMUELS, Andrew. *Jung e os pós-junguianos*. Trad. Eva Lucia Salm. Rio de Janeiro, Imago, 1989.

SCHELLING, Friedrich Von. *Cartas filosóficas sobre o dogmatismo e o criticismo. e Exposição da idéia universal da filosofia em geral e da filosofia-da-natureza como parte integrante da primeira*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo, Victor Civita, 1973 (Coleção Pensadores v. XXVI).

SHAKESPEARE, William. *Romeu e Julieta*. Trad. Onestaldo de Pennafort. Rio de Janeiro, Globo, 1947.

SHAMDASANI, Sonu. *Jung e a construção da psicologia moderna: o sonho de uma ciência*. Trad. Maria Silvia Mourão Netto. Aparecida, Idéias e letras, 2003.

_____. *Cult fictions. C.G. Jung and the founding of analytical Psychology*. Londres, Routledge, 1998.

SINGER, Thomas, KIMBLES, Samuel. The emerging theory of cultural complexes In *Analytical psychology: contemporary perspectives in Jungian analysis*. New York/London, Brunner-Routledge, .

STEIN, Murray. *Jung mapa da alma*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo, Cultrix, 2006.

STEVENS, Anthony. *Jung: sua vida e pensamento – uma introdução*. Trad. Attilio Brunetta. Petrópolis, Vozes, 1993.

STORR, Anthony. *As idéias de Jung*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo, Cultrix/Universidade de São Paulo, s/d.

TABOADA, Rodney Galan. Realidades em colisão. *Revista viver mente & cérebro*. Especial no. 2, Duetto. São Paulo, 2005.

ULSON, Glauco. *O método junguiano*. São Paulo, Ática, 1988.

VALENTE, Vera Lúcia C. “O conceito de progresso e desenvolvimento na obra de Jung”. *Junguiana*, no. 24. São Paulo, SBPA, 2006.

VON FRANZ, Marie-Louise. *Reflexos da alma: projeção e recolhimento interior na psicologia de C. G. Jung*. Trad. Erlon José Paschoal. São Paulo, Cultrix/Pensamento, 1997.

_____ *C. G. Jung: seu mito em nossa época*. São Paulo, Cultrix, 1997.

YOUNG-EISENDRATH, P. e DAWSON, T. *Manual de Cambridge para estudos junguianos*. Trad. Daniel Bueno. Porto Alegre, Artmed, 2002.